

ANEXO I - Transcrição das entrevistas

ENTREVISTA 1

Nome: L.C. Idade: 58 anos. Formação: Pedagogia. Tempo de experiência em cursos de Licenciatura: 7 anos.

Pq - A pesquisa em questão trata da ação docente no Ensino Superior. Busco desvelar como os professores atuam com relação à sua metodologia, quais as práticas pedagógicas que eles utilizam no Ensino Superior e quais são os objetivos dessas práticas pedagógicas com relação ao desenvolvimento do aluno. Em um primeiro momento eu gostaria de saber qual é a sua concepção de aprendizagem e desenvolvimento cognitivo. Como você percebe isso?

En - Eu acho que são processos diferentes, mas que são inter-relacionados: você se desenvolve à medida que você aprende, à medida que você aprende você está se desenvolvendo, são processos muito interligados, processos que não se separam.

Pq - E como você entende a relação entre ensino, aprendizagem e desenvolvimento?

En - São processos que não se dão isoladamente, precisam sempre de mediação. O processo de aprendizagem e desenvolvimento também precisa da mediação, seja do meio, seja do professor, seja das relações que os indivíduos têm. Acredito que a forma como ele se relaciona, onde ele convive, as influências que ele tem. Eu acho que são processos muito inter-relacionados, mas eles têm as suas especificidades, tanto o desenvolvimento como a aprendizagem. Eu acho que a aprendizagem é fundamental para o desenvolvimento do indivíduo. Eu acho que à medida que o indivíduo aprende o desenvolvimento dele é muito mais amplo, muito mais complexo, é muito maior o desenvolvimento, então a aprendizagem eu acho que ela é fundamental para o ser humano, para o desenvolvimento cognitivo, para o desenvolvimento do ser humano como um todo.

Pq - E como você vê a participação do ensino nisso?

En - Depende da concepção de ensino que você tem, [da concepção] de aprendizagem que você tem, o ensino vai ser a ferramenta que vai promover o desenvolvimento do indivíduo e a aprendizagem. Então se esse ensino provoca, estimula as estruturas cognitivas trabalhando a zona de desenvolvimento potencial do indivíduo, o professor procura mediar todo o processo que o indivíduo utiliza para aprender e assim vai haver, portanto, também desenvolvimento. Se o professor interfere, se ele está mediando, isso é fundamental porque o indivíduo não aprende sozinho, não aprende isoladamente: tem todo um contexto social, intelectual, um contexto de relações humanas.

Pq - Então quando você fala da questão da mediação você está falando de formas de ensino, é isso? Quais são as práticas que você utiliza na mediação entre o conhecimento e a aprendizagem do sujeito?

En - Para mim essas práticas têm que estar em sintonia eu acho, têm que se aproximar o mais possível da zona de desenvolvimento do indivíduo, do que Vygotsky chama de proximal, potencial. Então as metodologias que eu utilizo e também a compreensão que eu tenho de como o indivíduo se desenvolve é que vão fazer com que eu me aproxime o máximo possível de formas de ensino que provoquem e que ajudem a contribuir para o processo de aprendizagem do aluno. O conteúdo é que vai ser a minha ferramenta nesse processo, mas a

forma como eu vou trabalhar esse conteúdo é que pode ou não provocar esse processo de desenvolvimento. Porque se eu uso uma metodologia só transmissora, do aluno só memorizar o conteúdo e me devolver ele pronto, isso não vai acrescentar muita coisa no desenvolvimento dele. Agora se a minha metodologia é provocativa, é problematizadora, ela faz com que o indivíduo utilize diferentes estruturas cognitivas para se apropriar daquele conhecimento com a minha ação provocativa, eu acredito que vai ser muito mais importante para o desenvolvimento e também para o professor, compreender como é que esse processo se dá num complexo cada vez maior, de maior profundidade para a gente ajudar o aluno a se apropriar do conhecimento e utilizar esse conhecimento para sua vida, para melhorar sua vida e sua ação no mundo.

Pq - Então, quando você fala dessas ferramentas, você está falando da questão do conteúdo, da importância do conteúdo enquanto aquilo que é apreendido e consegue colaborar com o desenvolvimento do indivíduo, quais seriam então essas práticas que você utiliza em sala de aula?

En - Geralmente eu utilizo atividades em grupo, atividades individuais, seminário e situação-problema. Eu acho que outra prática seria a de transmitir o conhecimento, isso a gente utiliza. Embora muita gente tenha o discurso de que a prática transmissora não seria ideal, eu considero que a gente tem que utilizar. Seria a aula expositiva, mas essa aula expositiva tem que ser dialogada, não pode ser um monólogo, a gente tem que passar o conteúdo, provocando o aluno, tentando fazer com que o aluno compreenda o conhecimento que você está trabalhando de forma que ele próprio construa esse conhecimento. De forma que ele construa esse conhecimento relacionando-o com sua experiência de vida.

Pq - Quando você utiliza a aula expositiva, como você descreve a sua ação?

En - A gente explica, a outra ação a gente provoca, com questionamentos, análise, com debate e quando o aluno nesse processo da análise e do debate se coloca é o momento em que você interfere para contribuir com a construção dos conhecimentos teóricos, para que ele possa se apropriar dos conhecimentos científicos. Para que ele vá construindo os conceitos científicos relacionados ao assunto abordado e supere o senso comum, se apropriando dos conhecimentos científicos. A gente utiliza diferentes técnicas no momento da aula, exposição, atividades em grupo, atividades de leituras, questionamentos, atividades individuais. Depois, à medida que se vai avançando, eu vou atribuindo as tarefas para eles. Assim, as aulas expositivas vão diminuindo porque os conteúdos básicos já foram trabalhados, então é a hora de a gente trabalhar com seminários. Esse é o momento em que o aluno vai trabalhar muito mais e a gente vai assessorar esse trabalho, orientando, fornecendo material, tirando dúvidas para ver se o aluno está se apropriando dos conhecimentos científicos ou se ele não está conseguindo superar o senso comum. A gente tem que cobrar, investigando e problematizando com ele. E assessorando principalmente na parte de bibliografia que para mim é muito importante, que pode ajudar o aluno a aprofundar seus conhecimentos. Então inicialmente eu busco instigar o aluno para os conhecimentos, mostrar a importância dos conhecimentos para sua formação, faço uma [apreciação] geral da disciplina e tento mostrar que a gente precisa saber dos conhecimentos que serão trabalhados, da importância desses para nossa profissão. E sempre no final da aula eu dou alguma atividade com uma problematização, dou uma situação-problema para a gente discutir.

Pq - E que tipo de ações mentais você acha que provoca no aluno com essas práticas?

En - Quando você coloca um conhecimento teórico você espera que o aluno se aproprie daquele conhecimento porque eu considero que esse conhecimento é fundamental para o seu desenvolvimento cognitivo, para sua formação, para que ele possa compreender o processo de ensino-aprendizagem com maior propriedade e como é que esse processo se dá.

Pq - Quando você questiona você espera que o aluno faça uma reflexão sobre o assunto...

En - É porque geralmente a gente parte do seu conhecimento de mundo, o aluno traz essa experiência, a gente parte sempre do que ele já sabe, do que ele conhece, a gente faz o confronto entre o que ele sabe e os conteúdos a serem adquiridos, procura fazer esse confronto, trazer exemplos de vivências para chegar à práxis pedagógica. Trabalhar o conhecimento teórico, os conceitos científicos e trazê-los para uma determinada prática, discutir a relação entre a teoria e a experiência trazida para que o aluno possa se superar. Através das experiências buscar olhá-las a partir dos novos conhecimentos adquiridos, seria outro olhar, outra perspectiva sobre a realidade. Um olhar com mais propriedade, com mais clareza, com mais conhecimento, de superação, de avançar, no sentido de ampliar a compreensão do seu processo de conhecimento. A capacidade de lidar com esses novos conhecimentos, acho que é muito importante isso. Fazer com que o aluno pense o que isso melhora na sua realidade. Qual a aplicabilidade disso, pensar em que isso me acrescentou, me modificou, me tornou mais, se eu consigo ver as coisas de uma forma mais complexa e entender que as coisas não são tão simples, tão óbvias. Acho que a gente pode sempre ampliar essa capacidade de compreender e atuar no mundo.

Pq - E quando você utiliza uma atividade em grupo, o que você espera provocar nesse aluno?

En - Eu espero que eles se superem, que vão além do senso comum, que aqueles conhecimentos novos que foram trazidos para eles possam ampliar as suas capacidades cognitivas, eu acho que assim a gente vai ampliando essas estruturas cognitivas...

Pq - E quais são essas atividades em grupo?

En - Pode ser através de um filme, pode ser uma questão, um vídeo, um desenho, uma situação de sala de aula. Eu gosto sempre de possibilitar a discussão por parte dos alunos, que façam uma análise à luz dos conhecimentos estudados e depois a exposição do que estudaram. As atividades em grupo também possibilitam questionamentos, colocar as dúvidas para que o professor auxilie os alunos no processo de construção do conhecimento.

Pq - Quando você fala em capacidades cognitivas, o que seriam essas capacidades cognitivas?

En - A capacidade de análise, de processo de síntese. Eu acho que a finalidade última das nossas aulas tem que ser isso, fazer com que o aluno consiga se superar entendendo o seu processo de aprendizagem através da provocação que você fez, com o conteúdo que você passou. Portanto conseguindo ampliar as capacidades cognitivas que se precisa ter. Quanto mais a gente estuda, quanto mais a gente se relaciona, quanto mais a gente tem contato com o conhecimento científico, maior possibilidade você tem de dotar-se dessas capacidades. A atividade em grupo é o momento da troca, é o momento da relação com o outro. O outro pode contribuir para essa superação, porque ele tem outras experiências, outras vivências, tem formas diferentes de compreender. Considero que tudo isso colabora para que o aluno pense, às vezes no que ele ainda não pensou, auxiliando na forma como ele tinha pensado. E ao tomar contato com outra forma de compreensão sobre o assunto, ele vai se modificando, no sentido de crescimento, de superação.

Pq - E as atividades individuais?

En - As atividades individuais a gente sempre dá, é para a gente observar o quanto esse aluno conseguiu avançar em relação a ele mesmo, como é que ele está lidando com esse novo conhecimento. Nesse momento em que ele teve essa experiência com esse novo conhecimento, como é que ele se apropriou disso, se ele ampliou essas capacidades de análise, capacidade de comparação, se ele consegue fazer essa relação entre a vivência e a teoria estudada, fazer relação com o conhecimento científico estudado. É o momento principal que

nos possibilita ver se o aluno se apropriou do conhecimento científico, que é a base fundamental do ensino. O conteúdo é a base do desenvolvimento do indivíduo. Se a escola não consegue trabalhar esses conhecimentos, ela não tem função. Penso que é a escola que dá sustentação para o crescimento, para o desenvolvimento através dos conteúdos trabalhados. Mas não um conteúdo passado de forma fragmentada, solta. Esse conteúdo tem que mexer com o indivíduo, tem que provocar, tem que modificar esse indivíduo, ampliar as capacidades cognitivas do indivíduo, tanto o cognitivo, quanto o social, o pessoal, o cultural.

Pq - E quais seriam essas atividades individuais?

En - Pode ser uma produção de texto, depois de contextualizar o assunto, tomar contato com os conceitos, tentando perceber como o aluno compreendeu. Gosto de trabalhar com produção de texto, porque você percebe o desenvolvimento do aluno. Eu coloco uma questão e vou através de intervenções complementando a ideia do aluno, ajudando na organização e elaboração dos conhecimentos.

Pq - E com relação ao seminário?

En - O seminário apesar de ser a metodologia que no Ensino Superior é mais utilizada, às vezes o aluno não tem uma compreensão muito clara de como funciona, bom aí eu acho que é importante que o professor coloque para os alunos a forma estrutural deixando claro que é o momento em que eles irão estudar o tema, o assunto e irão colocá-lo para os demais colegas da forma como eles compreenderam. Nesse momento o professor tem que ajudar no processo de preparação do seminário, para que aquele tema que será trabalhado seja compreendido pelo grupo, para que eles coloquem para os colegas de sala de forma clara e provocativa. Mobilizando um debate durante a exposição que não seja um monólogo, mas uma forma de discussão do tema. O grupo deverá colocar o novo conhecimento de forma provocativa, de forma problematizadora, mas o mais importante é o professor auxiliar os alunos no processo de apropriação dos conhecimentos para que eles possam passar com propriedade aquele conhecimento. Para que não se torne uma leitura de texto lá na frente, como a gente vê muito. Há uma dificuldade nesse sentido, porque é o momento em que aluno vai ter autonomia, em que ele vai ter que utilizar sua autonomia para compreender esse tema, para que ele possa expor esse tema de forma clara aos outros. Esse tema será debatido e será apropriado pelos colegas também em sala.

Pq - E com relação à situação-problema?

En - A intenção maior é saber o que ele sabe, o que ele já domina sobre o assunto. Que compreensão ele tem daquele conhecimento seria o ponto de partida na condução da aula. É a base para a organização da sua ação educativa, do seu planejamento.

Pq - E você teria alguma teoria que lhe dê base para que você organize o seu ensino dessa forma?

En - Seria aquela que fundamenta a minha ação?

Pq - Sim...

En - Eu acho que hoje a gente está vivendo o momento da pedagogia histórico-crítica, nessa dimensão dialética, em que o indivíduo aprende no seu contexto social, embora seja um processo individual, mas ela se dá no meio cultural e social. Que o papel da educação é estar sempre tentando acionar as Zonas de Desenvolvimento Proximal dos indivíduos através das metodologias, do conteúdo e da sua ação didática. Através de suas experiências, com as experiências dos alunos na relação de troca onde o conhecimento científico é a essência eu acho que aprofundando sempre os seus conhecimentos, possibilitamos compreensões mais ampliadas, mais complexas, e mais profundas do conhecimento com que ele está tendo contato. Eu acho que é essa visão crítico-social, cultural. Eu sempre me preocupo com a aula de forma que ela seja diferente, dinâmica, com vários momentos, que não seja óbvia, que tenha elementos-surpresa, com ações diferenciadas. Fazendo com que o

aluno esteja sempre alerta, instigado a aprender. A leitura de texto também é muito importante, é onde você vai mediando o conhecimento, percebendo as dificuldades do aluno. Essa é uma dificuldade que a gente enfrenta muito, pois os alunos não leem, às vezes a gente pede para lerem antes o texto, fazerem um comentário, fazerem uma síntese, levantando as dificuldades, os pontos principais.

Pq - E dentre essas práticas utilizadas há alguma que você considera que seja mais condizente com a sua concepção de ensino?

En - Eu penso que elas se complementam, não tem assim uma só. Eu acho que todas são importantes, mas eu acho que o professor é que tem que estar no comando, é ele que vai proporcionar diferentes momentos de relação com o conhecimento, ele vai oferecer práticas diferenciadas, mas ele precisa estar sempre atento, sempre alerta; dependendo da sala, da turma, ele utiliza mais uma ou outra. Ele só não pode deixar as coisas soltas, pois é ele que tem o conhecimento científico daquela disciplina que ele trabalha. Ele tem que ser muito claro no seu plano de ensino e fazer com que os alunos também tenham clareza do que ele quer. Não é que ele seja uma autoridade, mas ele é o detentor do conhecimento científico, eu acho que esse papel não pode ser tirado do professor. Ele possibilita diferentes experiências e relações, ele não pode perder o direcionamento, não pode dar ideia ao aluno de que a coisa está solta. Ele não pode perder de vista os conteúdos e os objetivos que ele tem com aquela disciplina, para assegurar que os alunos se apropriem dos conhecimentos científicos propostos com a disciplina.

ENTREVISTA 2

Nome: K. A. Idade: 42 anos. Formação: História. Tempo de experiência em cursos de Licenciatura: 4 anos.

Pq - A pesquisa em questão trata da ação docente no Ensino Superior. Eu estou buscando desvelar como os professores atuam com relação à sua metodologia, quais as práticas pedagógicas que eles utilizam no Ensino Superior e quais são os objetivos dessas práticas pedagógicas com relação ao desenvolvimento do aluno. Assim, em um primeiro momento eu gostaria de saber: qual é a concepção de aprendizagem e desenvolvimento cognitivo que você tem? Como você percebe isso?

En - Eu fiz uma disciplina no mestrado de avaliação com a professora Nágila. Ela trabalhava muito essa questão de ensino e aprendizagem que é uma questão de mão dupla (você aprende quando você ensina, e você só ensina quando você aprende), então o aluno e os professores têm que caminhar sempre juntos, é um caminho direcionado e não em contramão, todos devem caminhar para o mesmo objetivo que é o processo de ensino e de aprendizagem. E a metodologia envolve isso, como atingir cada aluno, tem aluno que aprende mais lendo, tem aluno que aprende mais escrevendo, cada um tem a sua especificidade, por isso é importante o envolvimento do professor que deve sempre buscar novas maneiras de ensinar. Eu sempre me preocupei com isso, em trazer uma metodologia que atingisse o aluno. Isso sempre me chama a atenção, a minha aula dependendo da turma eu consigo ou não fazer muitas atividades, mas quando a turma é um pouco menor eu faço muito a GO-GV que é o grupo de observação, depois o grupo de verbalização. Eles adoram, aprendem muito porque aprendem a observar e a verbalizar, primeiro lendo, depois verbalizando e produzindo, eles escrevem, leem, produzem, desenvolvem esse processo que vai sendo dinamizado. Então eu busco fazer vários tipos de trabalho dentro da sala de aula para que todos atinjam um aprendizado, claro que cada um à sua maneira e com a sua condição, mas de forma que a maioria consiga.

Pq - E como você entende que seja a relação da aprendizagem com o desenvolvimento cognitivo do aluno?

En - O desenvolvimento cognitivo vai se somando cada vez mais. Você tem que ter um conhecimento prévio senão você não consegue atingir um posterior, então a gente sempre tem que se preocupar com isso, conversar sempre com o aluno, perceber aquilo que eles sabem, fazer sempre uma sondagem, porque às vezes você coloca alguma coisa e o aluno não tem o conhecimento adequado anterior para poder adquirir esse novo conhecimento, então ele fica parado. Assim, você tem que partir daquilo que ele conhece, perguntar e ouvir bastante. Eu falo sempre para os alunos: a gente tem que aprender a ouvir também, quando a gente dá aula. A gente tem que considerar aquilo que eles já sabem, eu uso isso muito na sala, conversar com os alunos, perceber o que eles já sabem sobre aquele assunto. Partir sempre do conhecimento prévio, para depois colocar o conhecimento novo. Daí então propor todo processo de discussão, de debate. Neste momento você tem o *feedback*, você consegue perceber o que eles aprenderam e tenta utilizar o maior número de instrumentos, como trabalho em grupo (eu gosto muito de trabalhar com atividades em grupo porque o aluno às vezes ouvindo do professor não capta o que você gostaria que ele atingisse, mas entre seus pares e um explicando para o outro, você intermediando os trabalhos em grupo, você percebe que eles desenvolvem muito mais o cognitivo, trabalhando entre eles e com a nossa

interferência, claro). Eu vou de grupo em grupo sempre mediando, dando alguns pareceres, provocando discussões. Nesses pequenos grupos o aluno se sente menos intimidado; quando às vezes está em um grupo maior, o aluno tem vergonha, prefere não se expor, por isso eu gosto muito de trabalhar em grupos pequenos.

Pq - Então, você está falando da importância do papel do professor na mediação enquanto aquele que...

En - Favorece esse desenvolvimento. O aluno se desenvolve bastante sozinho, também.

Pq - O que você considera necessário desenvolver nesse aluno?

En - Muitas vezes eu mesma enquanto aluna [tive que superar limitações]. Quando eu entrei no mestrado eu tinha bastante vergonha, eu era muito inibida, eu não tinha coragem de me expor e muitos professores ali interferiram assim na minha condição de falar. O primeiro trabalho que eu fui apresentar eu pensei, não vou conseguir, era um evento internacional, eu vou gaguejar, vou ficar nervosa. Então a minha orientadora falou: “Babe, gagueje, não importa, o que importa é que você vai e vai fazer o melhor possível”, então é isso que eu tento transmitir para os alunos, eu trabalho com eles também isso. A gente tem limitações, tem muita dificuldade, devido ao histórico de cada um, cada um tem seu histórico, eu vim de uma família pobre e outros não, e cada um teve um estudo, tem limitações, mas o que a gente tem que fazer? A gente tem que buscar enfrentar e o meu apoio para o aluno é esse, que ele enfrente e que ele entenda que a sala de aula é o local do erro, porque é através do erro que a gente aprende. É através do erro que você se forma, se desenvolve cognitivamente. A gente adquire conhecimento não só através do acerto, é muito bom acertar também, mas errando também a gente aprende demais.

Pq - Você já falou em algumas práticas, mas só para ficar bem claro: quais as práticas que você mais utiliza dentro da sala de aula?

En - Aula expositiva dialogada, eu gosto muito, porque eu tenho que ouvir, ao mesmo tempo em que eu discuto eu quero ouvir, quero retorno imediato. Ouço o que eles pensam a respeito do assunto trazido e logo em seguida trabalho em grupo para ativar, para sentir aquele assunto bem ativado mesmo, trabalho em grupo e quando o número de alunos na sala permite uso em seguida o GO-GV, que é uma maneira delas se expressarem bastante e ouvir, aprender a ouvir, porque os alunos têm muita dificuldade em saber ouvir, eles querem só falar, falar, falar. Então eu tento demonstrar que tem hora para ouvir e tem hora para falar. No grupo de oralidade e de observação, em um momento você observa e em outro momento você fala. Para depois durante as aulas eles conseguirem aplicar isso, saber que tem hora que tem que ouvir e tem hora que tem que falar.

Pq - E qual mais você utiliza?

En - Datashow, quando dá certo eu passo slides durante a aula, que acaba sendo mais expositiva, que é mais como mecanismo. O trabalho em grupo, filme, às vezes eu passo filme, que nem agora: eu não vou ter a oportunidade de passar na sala, mas eu fiz várias cópias do mesmo filme e passei para os grupos, eles vão se organizar e assistir fora daqui e vão trazer um relatório, mas quando dá tempo e tem tudo certinho eu passo aqui, a gente conversa, sempre eu tento intercalar com filme também. Eu acho que é uma maneira de demonstrar o concreto, de não ficar só na teoria. É uma maneira de visualizar o que eu estou falando de História. Durante [as aulas sobre] o período imperial eu passo [o filme] *Mauá*, o tempo inteiro eu intercalo com filme, eu acho bem importante.

Pq - Quando você fala em aula expositiva, o que você espera provocar no aluno com essa ação?

En - Eu levo muito em consideração a realidade do aluno, que eles trabalham, não têm tempo de ler os textos em casa, aí eu entro num acordo com eles: no começo da aula eu converso [e pergunto] se eles querem que a gente leia o texto na sala e vá acompanhando com debate ou se eles preferem ler em casa e já trazer tópicos para debate, e sempre os alunos preferem que seja lido em sala porque eles têm o dia corrido. Então assim eu leio um pouco, não muito, para não ficar aquela coisa, mas leio um pouco com eles. E de vez em quando algum [aluno] lê e vou intercalando com discussão o tempo todo, de situação em situação importante a gente para e discute, se alguém quiser falar tem a liberdade de falar, de parar a qualquer momento e assim vai indo.

Pq - E o que você acha que provoca enquanto ação mental no aluno quando dessa ação sua?

En - Eu sempre busco fazer uma analogia com a realidade, passar exemplos da realidade para eles se sentirem o mais próximos que seja do assunto. Porque se ficar só no texto eles não conseguem muita coisa. Então você tem que fazer analogia sempre, buscar comparações com fatos e acontecimentos que eles presenciaram, aí eles se interessam. Porque isso é semelhante com o que aconteceu, apareceu no jornal, ou que saiu na *Veja*. Eles começam a interagir, a compreender o que está dizendo o texto e começam a achar mais interessante pelo fato de a gente fazer uma comparação com a realidade. Partir dos interesses, dos fatos que eles trazem, do que eles viveram e, como metodologia do ensino de História, é importante trabalhar memória, fatos acontecidos na realidade, a própria história da família, história local, para que quando eles forem trabalhar a História com os alunos eles possam valorizar a própria história desse aluno.

Pq - E as atividades em grupo? O que você espera provocar no seu aluno?

En - No trabalho em grupo eu procuro perceber o que estão discutindo, tento perceber se há algum impasse, tento intervir e dar uma opinião, vou passando de grupo em grupo para fazer intervenções que dinamizem a discussão. Vou passando, observando, ouvindo e trabalhando as discussões. Vou instigando, participando, perguntando, levando os alunos a perceberem coisas que ainda não perceberam, a pensar diferentes coisas sobre o assunto. Eu sempre digo que as situações têm vários prismas, a gente não pode ver só um lado, tem que tentar ver todas as faces. Eu sempre procuro fazer um contraponto nas discussões, sempre tento levantar questionamentos de modo que eles pensem que não há certo e errado, mas sim que há várias visões sobre um mesmo assunto. Nós vamos discutir todas até que esse aluno forme a sua opinião sobre o assunto, ainda mais em História, mas sempre com uma base teórica.

Pq - Então o que você acha que provoca enquanto atividade mental nesse aluno, diante dessa atividade?

En - Provoco inquietação, confusão, uns ficam decepcionados, outros ficam instigados a buscar mais conhecimentos sobre o assunto. Eu não dou uma solução, eu faço o aluno pensar e construir sua própria opinião sobre o assunto. Você vai lendo e vai formando, eu acho que o aluno tem que ir absorvendo os conteúdos aos poucos e construir o seu conhecimento sobre as coisas. Tem muita situação de conflito, muitas vezes você coloca esse aluno em situação de conflito, e é essa situação de conflito que possibilita a ele a um procedimento mental que vai fazer com que ele avance.

Pq - E como você trata a questão dos conceitos?

En - Bem, não existe certo ou errado. Mas existem os conceitos, não tem como fugir deles, são o ponto-chave, o ponto teórico mais alto da aula que a gente trabalha de forma crítica, para que as pessoas se tornem críticas através da reflexão sobre os conhecimentos, não

a crítica pela crítica, mas baseado em teorias. Não é simplesmente falar sobre os conceitos, mas entender a ideia do autor sobre o assunto, buscando sempre um aprofundamento. Acho isso muito importante. Buscar sempre trabalhar os conceitos e a prática junto. Não só trabalhar a prática, mas a fundamentação toda. É o conceito que permite amarrações. Ele é a base. É o respaldo do nosso trabalho. É ele que vai possibilitar o desenvolvimento do processo todo, porque é um processo. Sem ele a gente não sai do lugar. É fundamental.

Pq - Sobre a atividade em grupo...

En - Eu gosto muito do trabalho em grupo, porque um colabora com o outro, eu acho que às vezes o aluno aprende mais no grupo, porque no grupo eles têm a mesma forma de comunicação, diferente da nossa que às vezes por idade ou por leitura se torna mais complicada. Entre eles absorvem mais, discutem como pares mesmo, então é bem interessante. Um vai explicando para o outro, um estuda com outro, colabora com o outro. Tem que se considerar que você aprende com todos, não só com o professor, mas também com o colega.

Pq - E sobre a técnica de GO-GV? Qual sua intenção ao utilizar essa técnica?

En - Em menores grupos o aluno se sente mais tranquilo para falar, o GO-GV proporciona um grupo bem pequeno de verbalização e todos têm que falar, não é só um como representante que fala. Você vai ouvir um por um, todos falam e o grupo de fora funciona como apoio, o grupo interno se sente seguro, o externo vai aprender a ouvir, e daí quando se invertem os grupos fica muito legal, eles vão falar sobre o mesmo assunto, mas saem muitas leituras diferentes sobre o assunto. Então eles percebem que sobre um mesmo assunto há maneiras diferentes de compreensão. É outra visão, é outro posicionamento, é uma história de vida que vai falar sobre aquele assunto, aí vem de forma diferente. É rico isso, porque você mostra que em História você pode tratar do mesmo assunto com várias visões diferentes. Eles gostam muito, quando dá para aplicar eu sempre aplico.

Pq - E o filme?

En - Ele entra como um facilitador. Pois ele possibilita a visualização e isso eu considero que fica mais fácil para o aluno entender. A imagem ajuda muito e quanto mais for trabalhando os sentidos mais vai se formando o pensamento. Para não ficar só na abstração, pois parte de algo observável.

Pq - Quando você fala em formação do pensamento, como você compreende isso?

En - Seria fazer o aluno entender a relação entre os fatos históricos, ter uma visão do pensamento do homem nas diferentes épocas. Olhar o passado com o olhar de hoje fica totalmente anacrônico, daí conseguir através dessa imagem perceber como que as coisas se davam. Fica mais fácil para o aluno entender o que e quem era esse sujeito nas diferentes épocas, como ele pensava, qual era a forma de pensamento desse homem, por exemplo, na Idade Média, no desenvolvimento do capitalismo. Seria contextualizar através da viagem feita pela história narrada no filme, acho que ajuda muito a compreender. Ter o cuidado de olhar para o passado, mas não com a visão atual, e sim compreendendo todas as características dos períodos históricos. Agora falar sobre o que é o pensar eu acho complicado, porque o pensamento é muito dinâmico, rápido, ele envolve muitas coisas ao mesmo tempo. Pensar é tudo, quando você está fazendo uma leitura você está pensando, está assistindo, está pensando. Seria uma transformação interior, uma efetivação de uma transformação que você constrói no dia-a-dia, não tem como ser de um momento para o outro. Porque a gente se faz ao longo do caminho, nesse processo contínuo que transforma a pessoa a cada instante, a pessoa se faz ao caminhar e o pensamento se forma dentro desse processo de educação, que vem desde o início da educação do homem. A cada momento você percebe algo diferente, não para nunca. Muito difícil pensar sobre isso, nunca parei para pensar nisso. Muito interessante, muito forte, é muito complexo. Pensar para mim é isso, você pensa o tempo todo, na escola

principalmente, a escola é o ambiente do pensamento, a escola é o campo principal do pensamento, porque aqui é o pensamento sistematizado, científico e dinâmico o tempo todo.

Pq - E você tem uma base teórica que você considera que permeia seu trabalho docente? Ou está mais pautada na sua experiência?

En - Sem base teórica a gente não consegue fazer nada, é com a teoria mesmo que você consegue sustentar seu trabalho, se não for através de estudo, mas sem estudar muito mesmo você não consegue. E por mais que você estude você sempre percebe que tem que estudar mais.

Pq - Há alguma teoria específica que você acha que é o norte da sua ação docente ou não?

En - Eu sou muito leitora do Carlos Brandão, ele tem uma vertente humanista, eu sinto que sou uma pessoa que segue por esse caminho, ele foi meu professor. Tem Paulo Freire, eu fico sempre nesse caminho: o de ver a pessoa como um todo mesmo, não só o aluno pelo aluno, mas como um ser completo, sempre preocupado em perceber os detalhes. Como um ser que possui limitações, dificuldades, mas que pode sempre melhorar, sempre buscando e como você pode melhorar? Através do estudo, a aquisição do conhecimento é muito importante e isso reflete o tempo todo na sua vida. O conhecimento sempre vai servir, se em um determinado momento você não consegue ver isso, em outro momento com certeza ele vai servir. Mesmo que você não perceba a utilidade desse conhecimento, ele serviu para fazer pensar, para transformar a sua cabeça.

Pq - Você teria mais alguma coisa a colocar?

En - Na minha visão você tem que gostar de ser professor, jamais fazer sem gostar, no dia que não gostar, tem que parar. Ensinar é algo que você tem que fazer por vontade, por desejo, por satisfação. E eu faço porque gosto, amo o que eu faço, amo estudar, amo transmitir o que eu já aprendi. Para mim é uma coisa emocional, não é para mostrar nada para ninguém, é para mim. E eu busco fazer o melhor possível em sala de aula.

ENTREVISTA 3

Nome: Z.R. Idade: 46 anos. Formação: Pedagogia. Tempo de experiência em cursos de Licenciatura: 5 anos.

Pq - A pesquisa em questão trata da ação docente no Ensino Superior. Eu estou buscando desvelar como os professores atuam com relação à sua metodologia, quais as práticas pedagógicas que eles utilizam no Ensino Superior e quais são os objetivos dessas práticas pedagógicas com relação ao desenvolvimento do aluno. Em um primeiro momento eu gostaria de saber qual é a concepção de aprendizagem e desenvolvimento cognitivo que você tem. Como você percebe isso?

En - Bom, o desenvolvimento é um desenvolvimento natural, configurando o indivíduo desde o nascimento até o final da sua vida, ele passa por sucessivos processos de desenvolvimento físico, emocional, relacional, são vários aspectos de desenvolvimento que podem ser melhor desencadeados por meio da aprendizagem. Então eu entendo que o desenvolvimento, se pegar pelo aspecto físico, é um desenvolvimento que já vai acontecendo independente da aprendizagem acadêmica; no entanto algumas aprendizagens, algumas partes do desenvolvimento, como o desenvolvimento intelectual, o desenvolvimento emocional, podem ser melhoradas com a aprendizagem e aí falo da aprendizagem da forma necessária, que pode acontecer fora dessa escola mas principalmente falo daquela que pode acontecer dentro dessa escola. Então eu imagino que a aprendizagem leva ao melhor desenvolvimento do indivíduo e quanto mais ele se desenvolve maior essa capacidade de aprender, então eu penso que essas duas coisas não são iguais, elas estão bem juntas, o indivíduo aprende e ao aprender ele se desenvolve melhor, o desenvolvimento vai acontecendo naturalmente. Eu penso que é a aprendizagem escolar que vai dar mais condições de desenvolvimento. Porque a aprendizagem escolar é sistemática, ela tem uma intencionalidade e desafia o indivíduo a coisas que ele não pensou e não pensaria fora do espaço escolar, então eu acho que a escola é responsável por desencadear no indivíduo algumas curiosidades além do seu cotidiano, alguns vínculos que se não for ali naquela situação escolar talvez ele nem venha a pensar sobre aquela questão, é por isso que eu acho que a aprendizagem escolar representa uma boa parcela desse desenvolvimento, porque ela é intencional, vai-se chegar a algum lugar mas até chegar lá muitas outras coisas vão acontecendo, muitas outras aprendizagens vão acontecendo, é por isso que eu acho que ela é importante.

Pq - Como você vê a relação entre ensino, aprendizagem e desenvolvimento?

En - A relação?! Bom, se nós estamos pensando no contexto escolar, o ensino tem que ser algo com o objetivo bem claro, então se eu quero desenvolver determinadas aprendizagens no indivíduo eu quero levar esse indivíduo a aprender alguma coisa, eu tenho que ter uma ação de ensino que pelo menos o aproxime daquilo que é esperado, então o ensino é primeiramente uma ação intencional, eu tenho que saber o que eu quero com aquele ensino, seja um ensino de um conteúdo factual ou alguma coisa procedimental, aquele que ensina tem que ter uma intencionalidade e uma clareza do que quer. A aprendizagem é uma aproximação quanto mais possível desse ensino... e o outro [ponto] que você perguntou é o desenvolvimento?

Pq - É, desenvolvimento.

En - Se eu parto do princípio de que a aprendizagem leva ao desenvolvimento melhor, essa ação de ensinar tem que desencadear uma aprendizagem que realmente seja significativa, ou seja, que mude o *status* do indivíduo, então nesse aspecto não se pode pensar

que o ensino é qualquer coisa, mas dependendo daquilo que eu espero alcançar em termos de desenvolvimento eu tenho que proporcionar pela via do ensino.

Pq - O que você espera desenvolver no seu aluno?

En - O que eu espero desenvolver? Primeiro que ele tenha uma compreensão dele mesmo, porque o ensino tem que primeiro proporcionar para esse aluno uma autopercepção, porque se eu consigo através do meu ensino fazer com que ele perceba que ele precisa aprender mais alguma coisa, que ele precisa desenvolver uma capacidade de escrita, que ele precisa fazer alguns relacionamentos diferentes então é aí que eu preciso, como é que eu vou dizer, então o que eu espero é que aquilo que eu espero em termos de desenvolvimento dê a forma de como eu vou conduzir esse processo de ensino.

Pq - Então quando você vai organizar o seu ensino você espera que a aprendizagem provoque o desenvolvimento?

En - Isso, e que ele se autoperceba nisso, porque eu posso dar um texto para ler mas eu posso perceber algumas coisas que através da leitura ele vai aprender alguns conceitos mas ele também tem que perceber que somente com a leitura ele é capaz de aprender, ou se ele tem que fazer além da leitura uma síntese porque essa capacidade de aprender eu não consigo dizer cem por cento como ela é, então é por isso que eu falei que em primeiro lugar é a autopercepção.

Pq - Então ele tem que conhecer o seu próprio processo de aprendizagem?

En - Isso, por mais que eu dê indicadores, mas eu nunca vou conseguir chegar exatamente [a saber] como é que ele aprende, então se eu consigo levar para a sala de aula alguma coisa que faça com que ele perceba como é que ele aprende aí eu acho que eu consigo fazer com que ele aprenda e se desenvolva, então eu posso propor uma síntese para o grupo, uma síntese escrita, mas pode ser que aquele outro aluno, além da escrita, ele precisa falar, ele precisa verbalizar, então ele tem que saber disso. Tem que entender como isso se processa.

Pq - A gente está falando de ensinar, então eu gostaria que você falasse das práticas que você mais utiliza em sala de aula.

En - Uma coisa que eu gosto muito de fazer e procuro fazer sempre ou na introdução de um novo assunto ou quando levo algum trabalho, alguma atividade para fazer, é pedir aos alunos que digam o que pensam em relação àquele assunto. Isso pode ser na forma de frases, na forma de palavras e eu sempre procuro ouvir o que é que o aluno está pensando. E no primeiro momento eu não digo o que está certo ou errado. Depois a gente volta para tentar fazer a amarração com aquilo que eu vou querer trabalhar, então eu já fiz isso de várias maneiras, eu escrevo no quadro ou eles mesmos escrevem, a gente cola na parede ou eles conversam em dupla e alguém fala o que é que está pensando. Então essa é uma prática com que eu consigo perceber também aquele aluno que precisa de um incentivo maior para falar, aquele aluno que fala aquilo que vem na cabeça, aquele que tenta elaborar melhor as palavras, então eu também percebo como é que é também essa questão de verbalização do aluno, eu acho que no curso de Pedagogia é fundamental a gente saber como é que o aluno fala e no seminário eu tenho alguns que falam mais numa situação dessa, ele não tem compromisso de falar certo ou falar errado, então ele fala. Ele simplesmente verbaliza, externa aquilo que ele acha. Seria uma forma de reconhecer o que ele já sabe e aí a contextualização vem junto com o conteúdo que eu vou trabalhar, então eu procuro na medida do possível amarrar aquilo que ele falou com aquilo que eu vou trabalhar, mesmo que a ideia não esteja correta, ele falou alguma coisa que não tem nada a ver com o assunto, aí eu vou pegar aquilo: “olha, você falou isso, mas e se nós tentarmos de acordo com o que o autor está tratando aqui, será que a gente consegue fazer essa ponte?”. Então para alguns alunos isso funciona como um desafio a mais na sua cognição, na sua forma de entender e eu penso que isso leva à aprendizagem e leva ao desenvolvimento dele.

Pq - E aí então quando você faz isso, você pede para ele colocar aquilo que ele pensa? O que você espera que assim internamente aconteça com esse aluno?

En - Eu espero que ele possa fazer uma relação com o que ele pensava, com aquilo que eu estou apresentando enquanto conteúdo científico e é claro que em alguns momentos eu vou dizer o certo ou errado, mas ele vai ter a oportunidade entre a minha fala e o conteúdo de ele mesmo checar se aquelas concepções iniciais estão corretas ou não. Então eu espero que quando se propõe isso, à medida que eu vou avançando o conteúdo, ele pense: “eu falei que era aquilo, mas também tem esse aspecto”. Então isso é uma coisa que eu gosto bastante, outra coisa que eu também gosto bastante é de fazer com que relacionem os conteúdos com uma vivência prática. Um exemplo: hoje eu vou trabalhar o papel da escola e a sala de aula, então o aluno vai ter que fazer uma pesquisa com um estudante e com um não-estudante e depois tentar checar se as respostas que ele obteve estão próximas do que nós estamos falando, o que é a escola e o que é a sala de aula. Então aí eu penso que esse processo também pode desencadear nele algumas inquietações a mais, que só na minha exposição não vai ser suficiente, mas quando ele teve minha exposição, ele foi fazer a pesquisa e volta ao texto, então eu imagino que nesse momento ele tenha um salto qualitativo no aprendizado.

Pq - Então, você inicia pela prática social, depois você teoriza. E como você trabalha essa teoria?

En - Tem o material que nós trabalhamos que pode ser uma parte do texto que ele já sabe qual é, e também algumas sugestões que eu dou, mas de maneira nenhuma eu vou descartar alguma outra possibilidade que ele trouxe. Um exemplo: na aula passada nós estávamos falando do papel da educação, que ela pode ser contraditória porque nós estamos numa sociedade contraditória, daí uma menina falou: - “professora, nós vimos o ano passado naquele livro “cuidado escola”. E então eu deixei que ela falasse o que trazia o livro, o comentário daquilo que ela aprendeu para tentar aproximar com aquilo que nós estávamos falando da escola contraditória, então eu tenho meu material de base que é onde eu vou dizer para eles procurarem a teoria ali, mas aquilo que eles já viram, aquilo que eles possam ver também é válido, os nossos alunos infelizmente não têm muito esse ímpeto de buscar numa revista científica outros estudos para fazerem uma relação, mas considero que é fundamental que eles se voltem ao texto trabalhado, às ideias do autor.

Pq - E quando você trabalha o texto em sala de aula, o que você pretende? Ou seja, o que você espera provocar nos alunos?

En - Bom, há várias formas de trabalhar um texto, eu posso partir da ideia central do texto, às vezes eles mesmos me trazem, fazem uma leitura prévia, me trazem a ideia central do texto, a partir dali eu desenvolvo o assunto. Já trabalhei também com os fragmentos do próprio texto que eles têm, com base naquele pedaço eles vão ler, eles irão fazer uma discussão para depois checarem na leitura do texto todo o que eles entenderam. Isso mostra o quanto é perigoso partir de uma ideia fragmentada, principalmente quando se fala de educação. Assim, eu tenho trabalhado muito a questão da leitura. Se for um texto um pouco mais complexo que tem um vocabulário um pouco mais exigente, eu prefiro trabalhar a leitura, parando em alguns conceitos que eu considero que eles não vão conseguir entender. Tem outras maneiras que eu trabalho os textos, às vezes uma síntese rápida, eles leem e fazem uma síntese através de cinco frases, dez frases, que especifiquem aquele assunto a ser tratado. Tem *n* formas, dependendo do tamanho da turma, dependendo da motivação da turma. Agora o que eu espero que provoque no aluno, bem... eu espero com esse tipo de atividade, primeiro, que eles desenvolvam essa capacidade de síntese e porque também não é muito fácil um texto que a gente leva de duas, três páginas para ler ele conseguir absorver a ideia principal. Então eu imagino que isso é uma elaboração mental que precisa ser bastante trabalhada, a primeira coisa que ele tem que saber é sintetizar de tudo aquilo que ele leu o que é importante, , o que é

importante para aquilo que nós estamos trabalhando, e possa fazer essa ponte. Quando eu peço a pesquisa, a gente tem n possibilidades de fazer a pesquisa, mas eu vejo um problema na pesquisa, que é o fato de o aluno fazer uma pesquisa e entregar pronta. Porque penso que embora nós tenhamos uma infinidade de canais para pesquisa muitas vezes o aluno não consegue filtrar ou muitas vezes ele nem para pra pensar naquilo que ele está pesquisando. Então quando eu mando que eles façam uma pesquisa geralmente o retorno dessa pesquisa é na forma de verbalização, porque eu consigo mais ou menos perceber se aquilo que ele pesquisou aprofundou mesmo aquilo que a gente estava falando ou se ele fez uma pesquisa só para cumprir a tarefa de entregar um trabalho. Eu posso dar algumas fontes de pesquisa, mas eu sei que a maioria vai pesquisar na internet, vai colocar lá a palavra-chave e vai trazer pronto, então se eu peço uma pesquisa eu peço uma fala, uma verbalização daquilo que eles encontraram.

Pq - E porque você faz isso? Essa verbalização?

En - Eu faço primeiro para ter um pouco mais de certeza que foi ele que fez ou que pelo menos ele sabe aquilo que ele pesquisou e também para perceber se manteve o foco ou se trouxe algumas outras informações, porque em uma pesquisa a gente tem que estar aberto para que o aluno traga informações que a gente nem imaginaria trabalhar e é muito legal se isso acontece, eu acho isso muito bacana, quando o aluno traz alguma outra informação que a gente não esperava. Mas normalmente o que acontece não é isso, o aluno fica naquele quadradinho. Então quando eu peço para verbalizar, eu acho que é mais uma forma de ele pensar sobre aquilo que ele pesquisou, se ele copiou ou não copiou, se foi o colega que fez ou o colega que deixou de fazer, que ajudou, mas quando ele tem que falar o compromisso com a atividade é maior, além do que, entre o que está no papel só escrito e a elaboração mental há muito mais exigência, porque ele tem que escolher o que falar e como falar. Essa elaboração mental exige a organização do pensamento, a fala ajuda a organizar o pensamento.

Pq - E quais outras práticas você utiliza em sala de aula?

En - As outras práticas? Uma que eu gosto também de utilizar são partes de filme, mas não gosto nunca de trabalhar um filme inteiro, considero que o filme traz uma proximidade maior do real, mesmo que no filme apareça uma situação idealizada, mas sempre há algumas cenas que a gente pode remeter para uma situação real e então quando eu trabalho essas partes do filme e procuro vincular com o conteúdo trabalhado, com a parte teórica trabalhada, eu acho que os alunos conseguem vivenciar aquela situação mesmo que eles não passem por aquela situação, mas é mais fácil para eles entenderem o que a gente está querendo trabalhar. Um exemplo: o filme *Meu adorável professor* trabalha muito a questão ética, a questão das emoções e às vezes ficar falando na sala de aula a respeito da emoção que o aluno passa pode interferir no rendimento dele, para o aluno que nunca esteve em uma sala de aula, que nunca vê um professor às vezes ele acha que não tem vínculo e o filme mostra bem essa questão do problema que o menino estava passando e o quanto repercutiu na escola e o papel do professor como fundamental para resolver essa situação, embora a situação [seja] idealizada, mas dá para o aluno perceber que há implicações, o ser humano tem implicações em tudo o que ele vai fazer, então nessa relação eu acho que é mais fácil. Se eu for trabalhar, por exemplo, o quanto que o ensino mudou, eu posso trabalhar a escola da desordem, a sociedade dos poetas mortos, mas só os momentos em que aparecem professor e seus alunos e aí pensar o educar deles, que professor você acha que dá conta do recado e então a gente pode fazer algumas relações, no caso a didática, a evolução da didática, porque que a gente tem tantas tendências pedagógicas e porque elas se sucedem tentando fazer uma ponte com isso. Nessa questão os alunos têm uma ideia de professor a partir daquela ideia que eles construíram enquanto alunos, mas eles também precisam romper com essa ideia porque daqui a pouco eles não serão mais alunos e mesmo que eles levem algumas consequências ou

algumas marcas do que foram seus professores, eles têm que construir essa identidade, então mostrar essa referência eu acho que ajuda na construção dessa identidade. E gosto também do painel integrado.

Pq - Explique esse Painel Integrado?

En - Sim, eu gosto de trabalhar com o painel integrado, pois trabalho dois ou três assuntos dentro do mesmo tema, mas com enfoques diferentes. Seria a divisão da turma em grupos e dentro de cada grupo estuda-se um enfoque e depois trocam os grupos e cada um vai falar sobre o enfoque que discutiu e por fim há o fechamento do todo. Então trabalha também essa capacidade de analisar, de ver os pontos fortes, de ver as falhas, porque se nós pensarmos todos os autores vão ter a sua defesa e os motivos para sua defesa, como discutem um assunto e tudo mais, são visões de autores diferentes que eles têm que também falar para os seus colegas. Seriam essas as que eu mais utilizo.

Pq - Você poderia definir uma base teórica que norteia o seu trabalho?

En - A minha base teórica, pelo menos eu pretendo sempre ter um pé nela, é a visão histórico-crítica ou a crítica social dos conteúdos, por quê?! Porque eu acho que ela... não que ela dê conta de resolver os problemas mas ela se aproxima um pouco mais. Então é por isso que quando eu peço para o aluno fazer uma entrevista ou uma pesquisa de campo é para que ele entenda que a solução não é só aqui dentro dessas paredes, que aquilo que a gente está estudando aqui, se não tiver uma repercussão lá fora, não faz muito sentido, mas só que para isso ele tem que ter uma visão consistente, para poder olhar o fato social, seja ele qual for, ele tem que olhar a alfabetização não como um processo mecânico, de desenhar as letras, ele tem que entender a alfabetização em um contexto maior. Eu acho que essa discussão, essa vinculação eu não posso perder de vista, aquilo que é embasamento teórico, aquilo que é sustentação teórica, mas ela tem que me dar algum norte para eu atuar. O professor está ensinando lá, percentual, ele tem que ter ele próprio, antes de ensinar, a intenção de que seu aluno quando sair da sala de aula vá ao supermercado, possa ver dez por cento de desconto, ele saiba o que significam os dez por cento de desconto em relação àquilo que está sendo oferecido e consiga resolver se ele vai levar, se representa um desconto mesmo ou não é assim, até em situações mais simples a criança que vai ao mercado e compara as latinhas vê a quantidade que tem em relação ao preço que tem. Então eu penso que a minha prática tem essa base porque eu acredito que é assim e tenho procurado levar isso para os meus alunos, então aqui é tudo muito fácil, dentro das quatro paredes é fácil mas ela só tem sentido se tiver alguma repercussão lá fora, por mínima que seja. Se desde a educação infantil ensina-se a respeito da preservação ambiental e o aluno aprendeu a colocar o lixo no lugar já é um ganho, porque isso já foi para sua prática modificada.

Pq - E aí, como você trata a questão dos conceitos durante todo esse processo?

En - Como eu trato? São os fundamentos teóricos que a gente tem. Eu acho que ele está em todo momento, por mais que eu trabalhe alguma coisa que é procedimento como a escrita, por exemplo, que é um procedimento, mas por trás dessa escrita tem um conceito do que é escrever, então se eu levo meu aluno seja do ensino superior, seja da educação infantil, a fazer uma redação existe um conceito do que é uma redação, do que eu espero que ele escreva, então em alguns momentos da aula o conceito ele pode ser apresentado, ele pode ser falado, pode ser escrito, mas eu acho que em toda a prática educativa o conceito vem junto, até mesmo o conceito de ensinar e aprender eu não desligo da minha fala, porque se eu desligar eu só faço uma coisa, eu fico repetindo, repetindo a mesma coisa, até o conceito de ensinar e aprender ele faz parte de toda essa construção, de todo o encontro, eu não preparo uma transparência achando que eu só vou ensinar, mas o conceito de aprender está implícito, o conceito de escola está colocado aqui no papel mas esse conceito de escola a gente está trabalhando quando eu falo do que é o conteúdo, quando eu falo do objetivo, quando eu falo

do planejamento, então ele não tem que desligar do conceito, o conceito é o que vai dar a direção para a gente.

Pq - E como você vê o papel dos professores?

En - O papel do professor universitário?! De muita responsabilidade, primeiro porque o papel do professor universitário quando ele vai para sala de aula ele já vai trabalhar com o aluno que tem uma vivência de vários anos do que é ensinar, do que é aprender, do que é avaliação, do que é planejamento ou o que não é ou na maioria das vezes o que não são essas coisas que foram construídas. Então eu vejo primeiro que é uma responsabilidade muito grande, às vezes a gente escuta assim, “é mais fácil dar aula no ensino superior”, pode ser mais fácil porque a gente não precisa ter aquele cuidado como tem com a criança, mas eu acho que é muito mais trabalhoso porque em vários momentos você tem que desconstruir uma história que foi construída, especialmente no curso de Pedagogia você tem que levar o aluno a perceber que muitas vezes o ensinar e aprender não é aquilo que ele viu durante toda a trajetória escolar dele, então isso exige bastante responsabilidade, também vejo bastante necessidade de exigência na questão do conhecimento, da atualização dos conhecimentos porque aquilo que eu recebi quando eu fui formada ele já não serve cem por cento aqui, só que é um descompasso, se a gente não continuar estudando e não continuar pesquisando para no tempo também e aí pouco contribui para que esses alunos realmente tenham uma visão diferenciada. A primeira responsabilidade é de fazer essa busca sempre pelo saber e a capacidade de filtrar, nós recebemos alunos que ainda não têm o hábito de fazer uma leitura mais extensa, de expressar sua própria opinião, seja no papel, seja verbalizando, então eu tenho que ter bastante cuidado nisso, tem que ser exigente nisso, mas também tem que dar tempo para que essa construção aconteça e nem sempre a gente consegue por conta do período muito curto que a gente fica com os alunos, isso é fundamental e então por isso que é bastante exigente e muito sério.

Pq - Basicamente é isso, tem mais alguma coisa que você acha interessante colocar, que você acha que é importante para mim enquanto pesquisadora?

En - É, não sei se tem a ver, se você vai conseguir chegar lá, mas o interessante seria tentar perceber dos nossos alunos que saem, se eles saem mesmo transformados, porque é essa a intenção que a gente tem, que eles saiam transformados, então talvez em algum momento da sua pesquisa você pudesse ver os atores que estão aí nesse processo, se realmente há uma transformação deles.

ENTREVISTA 4

Nome: B.M. Idade: 46 anos. Formação: Psicologia. Tempo de experiência em cursos de Licenciatura: 10 anos.

Pq - A pesquisa em questão trata da ação docente no Ensino Superior. Eu estou buscando desvelar como os professores atuam com relação à sua metodologia, quais as práticas pedagógicas que eles utilizam no Ensino Superior e quais são os objetivos dessas práticas pedagógicas em relação ao desenvolvimento do aluno. Em um primeiro momento eu

gostaria de saber: qual é a concepção de aprendizagem e desenvolvimento cognitivo que você tem? Como você percebe isso?

En - Estão relacionados, aí é dentro da visão piagetiana mesmo, que o desenvolvimento é um processo de maturação, da interação do indivíduo com o meio ambiente, a sua evolução nos vários estágios da vida. E a aprendizagem diz respeito à aquisição de novos conhecimentos, ou seja, que provoca a modificação do comportamento, de adquirir novos comportamentos. Ou novas informações que persistem ao longo do tempo e que tenham significado. Mas só é aprendizagem quando esse novo conhecimento persiste ao longo do tempo, quando esse conhecimento provoca mudanças também no processo de conhecimento. Assim desenvolvimento e aprendizagem estão interligados, um depende do outro. Durante um bom tempo eu sempre acreditei que primeiro se desenvolve para depois se aprender. Mas com a influência do Vygotsky, vi que a aprendizagem leva ao desenvolvimento, então para mim hoje não tem um primeiro, eles são integrados, acontecem juntos.

Pq - E como você relaciona ensino, desenvolvimento e aprendizagem?

En - Primeiro eu procuro conhecer a minha clientela, faixa etária, as experiências, mas o centro é a aprendizagem. Conheço primeiro esse aluno para depois construir um processo de aprendizagem. Primeiro identifico o aluno. Aí é... como fazer aprender e desenvolver utilizando as metodologias? Diante do conhecimento sobre os alunos, das características dos alunos, processo de aprendizagem, então eu penso no ensino, que metodologias eu vou usar. Não adianta vir pronta também. Eu tomo cuidado para não idealizar um processo o qual não atenderá às necessidades das pessoas que eu vou trabalhar. Existem é lógico algumas estratégias, que eu tenho preferência, mas depende do grupo de alunos com o qual eu irei trabalhar. Na verdade quando você fala em Vygotsky e Piaget, eles não falam em métodos, mas eles te dão dicas de como trabalhar com os alunos. Que tipos de ações você pode utilizar em sala de aula, como atividades em grupo, a leitura, o conflitar, o provocar, a dúvida. Isto são formas de estabelecer, de criar condições de aprendizagem. Agora a questão do ensino vem da didática, mas como eu venho de uma formação em Psicologia, para variar a gente não utiliza muito os teóricos da educação, de metodologias, a gente se pauta mais nesses teóricos da Psicologia.

Pq - E quais são então as práticas que você utiliza em sala de aula?

En - Atividades em grupo, como leitura em grupo, resumo. *Paper*, trabalhos acadêmicos, focando a questão da produção escrita. Na atividade em grupo eu [tenho como] objetivo discussão, troca de ideias, produção de conhecimento. Diálogo com os pares, sempre.

Pq - Me explica melhor o que seria esse *Paper*?

En - Ele é menor do que um artigo, seria mesmo uma produção escrita mais densa. Depois disso eu abro para discussão no grande grupo. Existem duas ações no trabalho em equipe. Às vezes eu monto seminários e outra seria que um elemento do grupo pequeno faça a discussão no grande grupo colocando a discussão feita no pequeno grupo. Então eu parto de pequenos grupos para um grande grupo ou pequenos grupos e uma apresentação para os demais. É esse movimento. A outra prática que eu utilizo é a aula expositiva, é a aula tradicional, procurando sempre aproximar da linguagem do aluno, realmente fazer a mediação, transformando o conhecimento em uma linguagem mais deles, a questão conceitual traduzida mesmo, adequando à sua realidade. Dando exemplos da realidade, solicitando deles também exemplos. A aula é expositiva, mas eles têm que participar.

Pq - E quais ações mentais você acha que provoca no aluno diante dessas práticas?

En - Primeiro a questão da linguagem é fundamental, a base aí é a linguagem. Não tem outra forma de se mediar com adultos. A linguagem interferindo na construção de novos conhecimentos, de novos conceitos.

Pq - Seria então uma forma de construção de conceitos?

En - Sim. A construção de novos conceitos aliada ao que ele já tem de conhecimento. Quando eu faço essa transformação da minha linguagem, eu peço que eles pensem em exemplos, em como isso se dá.

Pq - E como você entende que isso aconteça cognitivamente no aluno?

En - Primeiro seria a compreensão do que eu estou falando, associando com o que ele conhece, relacionando às experiências deles, e aí formando novos conceitos. Porque se você não entende o que eu estou falando... Porque para eu falar com você eu tenho que dominar alguns conceitos, você tem que entender o que eu estou dizendo, senão não adianta nada falar para você. Então quando eu penso na construção de conceitos, é o aluno entender toda essa questão, é ele entender o que eu estou falando, eu penso que isso é a base do processo de ensino e aprendizagem. Se você não tem esse conceito eu enquanto professora tenho que conduzir você a construir esse conceito.

Pq - E quanto à prática de aula expositiva, tem mais alguma coisa que você gostaria de falar?

En - Eu acho que a aula tem sempre que ter momentos lúdicos: trabalhar com aluno principalmente no período noturno, sem propiciar momentos de descontração, acho que fica impossível. A aula sempre tem que ter momentos de interferências que sejam lúdicas, eu acredito muito nisso. Sempre que puder no contexto relacionado ao assunto discutido, aos conhecimentos abordados, trazer alguma situação lúdica. Que chame a atenção dos alunos, sempre buscando esse momento de prazer que possa contribuir para o processo de aprendizagem do aluno. Mesmo sendo adultos considero que eles precisem disso. Eu não sei trabalhar de outra forma. É preciso refletir sobre como essas metodologias podem ser mais atrativas, pois o pessoal já chega cansado, já chega estressado. Por isso acho que temos que colocar a questão lúdica de alguma maneira. Seja com dinâmicas de grupo, com jogos que são mais difíceis no caso dos adultos, mas considero que é importante sempre utilizar algo que possa resgatar essa questão do bem-estar.

Pq - Bem, e quando você fala dessas várias formas de construir conceitos, como você acha que isso possa colaborar na forma de pensar do aluno?

En - Isso é construção de pensamento, eu tenho que integrar. Sem a construção de novos conceitos ou trabalhar o já existente você não consegue avançar, você não consegue chegar à aprendizagem, porque o adulto só aprende em cima de conceitos. Que seria a categorização de algo, do olhar de forma diferente, é uma categorização.

Pq - Vamos voltar então para as práticas utilizadas: quando você trabalha com seminário, o que você espera com o seminário?

En - Eles ajustarem o que eles leram na linguagem deles com a do outro. Eles funcionarem como mediadores dos próprios colegas. Mediação entre pares, eles ajustam mais fácil a linguagem. O que eu vejo é que às vezes a linguagem do professor acadêmico normalmente é muito diferenciada, porque ele está em um mundo mais teórico, então quando os alunos passam entre eles o conhecimento, eles fazem essa transposição, eles mediam entre

eles os conhecimentos. O professor dá o início, passando a ideia central, vai nos grupos tentando mobilizar discussões e esclarecer algumas informações, dúvidas, para depois eles fecharem a ideia e apresentar. Que ao adquirir, ao aprender conhecimento eles vão ter que passar para o outro. Nessa construção é que eles se tornam mediadores também do conhecimento. O que o outro não consegue aprender, na linguagem dele, o outro consegue.

Pq - E quando você faz a discussão no grande grupo?

En - Dá uma dor de cabeça no início. Eles não conseguem, a não ser que seja o perfil deles, mas na graduação eles têm muita dificuldade. Dependendo da turma a discussão vai bem, mas tem turma que não vai. Mas o que eu percebo é que à medida que o grupo vai amadurecendo, vai adquirindo conhecimentos isso se desenvolve mais, eles ficam mais seguros, eles ficam mais soltos, eles questionam mais, é um processo de construção. À medida que o conhecimento e a maturidade vão acontecendo o grupo vai se desenvolvendo. A intenção ao trabalhar essa atividade é a de articular o conhecimento à sua realidade e desenvolver o pensamento crítico. E isso é muito difícil, não é fácil. Isso vai depender muito do perfil do grupo, perfil de alunos do curso.

Pq - Há mais alguma prática que você utiliza?

En - Eu gosto muito de visitas *in loco*, como visitas à brinquedoteca, para uma visualização mais concreta. Levar para outras situações. Na verdade seria trabalhar com observação, possibilitar vivências, nada como uma boa vivência. Ter esses momentos fora de sala de aula. Mas isso acontece esporadicamente. Eu acredito que tudo aquilo que você vivencia você fala melhor, você tem uma visão melhor, você ao falar de algo que vivenciou se torna muito mais fácil. Outra prática que eu acho extremamente importante é a pesquisa. Buscar vários autores sobre o mesmo assunto e estimulá-los a pesquisar não é um processo fácil. Eles têm muita dificuldade na escrita, de argumentar, interpretação e o “copia e cola” da internet. Isso é muito frequente. Aí o professor tem que ficar muito atento. A maioria das vezes eles se preocupam em executar uma determinada tarefa pela nota e não pelo conhecimento, porque eles acham que se tirarem notas altas ficará mais fácil enfrentar o mercado de trabalho. A pesquisa, quando o professor estabelece um processo adequado, se torna mais interessante, porque você faz um acompanhamento mais de perto e os alunos têm que tomar um cuidado maior. Em sala de aula seria a orientação do trabalho acadêmico, os alunos trazem vários materiais sobre o mesmo assunto, que eu indico, eu dou a bibliografia básica e peço para que eles tragam mais duas referências pelo menos. Depois eles partem para a produção de texto, isso eu não faço com o primeiro ano, porque eles não têm condição de construir um texto específico. Tem que ser um trabalho gradual, tem que ter muito claro esse processo, porque não adianta querer fazer de uma vez senão eles tomam raiva, se estressam e perdem o sentido da pesquisa. Acho que o profissional hoje tem que buscar inovar e a pesquisa ajuda muito nisso, o profissional hoje tem que estar sempre buscando novas alternativas. Através da pesquisa eles aprendem a interpretar, a construir e a serem críticos.

ENTREVISTA 5

Nome: S.S. Idade: 46 anos. Formação: Letras. Tempo de experiência em cursos de Licenciatura: 6 anos.

Pq - A pesquisa em questão trata da ação docente no Ensino Superior. Eu estou buscando desvelar como os professores atuam com relação à sua metodologia, quais as práticas pedagógicas que eles utilizam no Ensino Superior e quais são os objetivos dessas práticas pedagógicas com relação ao desenvolvimento do aluno. Em um primeiro momento eu gostaria de saber: qual é a concepção de aprendizagem e desenvolvimento cognitivo que você tem? Como você percebe isso?

En - Aprendizagem eu estou entendendo que é tudo aquilo que o ser humano vai aprender com todas as situações que ele estiver vivenciando seja em situações formais ou em situações informais. Aí entra a questão da escola onde ele vai estar em uma situação formal, onde ele vai aprender, mas ele também vai aprender em situações informais, fora da escola, que também tem todo um aprendizado. Eu estou entendendo isso como aprendizado. Agora desenvolvimento, desenvolvimento enquanto intelectual, enquanto psicológico? O desenvolvimento seria com as experiências que o indivíduo vai tendo no seu dia-a-dia, conforme a sua faixa etária, as suas experiências, conforme o aprendizado que ele tem, ele tem um tipo de desenvolvimento. Esse desenvolvimento intelectual seria o desenvolvimento do seu modo de ver as coisas, de se relacionar com as pessoas, de encarar situações das mais adversas possíveis, seria desenvolver o seu conhecimento, o desenvolvimento intelectual estaria relacionado ao seu conhecimento, no caso o conhecimento científico. A gente pode pensar também que talvez a partir do momento em que eu aprendo determinada situação eu vou acabar me desenvolvendo intelectual ou psicologicamente.

Pq - E como você entende a relação ensino, aprendizagem e desenvolvimento?

En - Bom, estando em duas ou mais pessoas sempre uma vai ensinar a outra alguma coisa. Por menor que seja a gente sempre está aprendendo, e com isso a gente acaba se desenvolvendo, tendo contato com visões diferentes, a gente vai ampliando as visões que a gente tem de mundo, ampliando nossas concepções. Hoje eu entendo as coisas de forma diferente do que entendia antes, hoje eu vejo essas mesmas coisas, mas com outro posicionamento. Eu entendo que o ensino colabora para ampliar nossa visão de mundo.

Pq - Eu gostaria de saber quais as práticas pedagógicas que você utiliza em sala de aula.

En - Eu gosto sempre de início trabalhar aspectos teóricos com os alunos, e com esses aspectos teóricos acaba sendo aula expositiva, mas com a participação deles também. Assim, depois que eles já têm certa fundamentação, eu então proponho atividades que possibilitem a relação desses conhecimentos teóricos com a prática. Desde o início, mesmo quando eu estou trabalhando a teoria eu busco sempre fazer um paralelo com a prática. Eu percebo que alguns alunos têm dificuldade de entender quando eu estou falando, mesmo eu dando exemplos práticos. Percebo que outros têm facilidade em entender esses exemplos que ilustram os aspectos teóricos trabalhados. Então eu preciso propor ações que visem a relação entre teoria e prática para que esses alunos compreendam o assunto abordado. Conforme o texto trabalhado eu peço que eles façam a exposição daquilo que eles estão entendendo em forma de seminário, enfim formas de exposição em que eles coloquem a sua compreensão do texto.

Pq - Quando você está utilizando a aula expositiva como prática de ensino, o que você espera provocar nesse aluno enquanto ação mental?

En - Compreender o que está sendo discutido nos textos estudados e que depois ele consiga visualizar esses aspectos teóricos na sua prática. O objetivo principal é o de que ele esteja refletindo o tempo todo, entendendo a teoria para que depois se consiga colocar isso na prática. Porque senão, vai ser uma prática não fundamentada. Se o aluno constrói esse embasamento teórico isso vai ser de real importância para que ele possa depois pensar nas diferentes formas de resolver a grande maioria das dificuldades que ele encontrar na prática. É isso que eu tento deixar claro para eles, que quanto mais eles tiverem essa fundamentação teórica mais condições eles terão de enfrentar as situações que virão com a prática profissional deles.

Pq - E que outra prática você utiliza?

En - Aí é o fazer, no caso da Língua Portuguesa, “é o colocar a mão na massa”, vamos dizer assim. Seria a produção de textos, fazer leituras. Por isso que, lá naquele primeiro momento que é aula expositiva, eu já lanço mão da leitura. Porque o foco principal da Língua Portuguesa é a leitura, a escrita e a compreensão. Essas questões são primordiais no Ensino Superior porque esses alunos estarão atuando em sala de aula mais tarde. Esse aluno enquanto futuro professor tem que saber ler, ler bem, tendo uma boa compreensão do que ele está lendo. Precisa também ter uma boa escrita, porque senão como ele vai ensinar seus futuros alunos, se ele também não sabe? No caso da disciplina de metodologia do Ensino da Língua Portuguesa, ele precisa entender o que vem a ser um texto. Um texto oral, um texto verbal e um texto não verbal para que ele ao entender isso possa conseguir trabalhar depois com seus alunos os mais diferentes tipos de textos. Eles têm que saber trabalhar tanto a oralidade quanto a escrita.

Pq - Quando você trabalha a leitura e a escrita o que você espera provocar enquanto ação mental nesse aluno?

En - Em um primeiro momento eu entendo que a leitura precisa desenvolver um raciocínio lógico, desenvolver a capacidade de compreensão para que depois ele saiba argumentar, seja coerente. Para que ao escrever um texto esse seja coeso, que relacione ideias. Digo sempre que, no caso da leitura, essa tem que ter prazer, que comece sempre a ler o que é de interesse, o que gosta, não importa o que seja, mas que leia. E isso eles devem ter também quando forem trabalhar com seus alunos. Iniciar a leitura incentivando os tipos de textos que os alunos gostam, como gibi, por exemplo. Para depois introduzir outros tipos de textos. Mesmo que eles não gostem muito de outros tipos de textos mais científicos, eles vão percebendo a necessidade e a importância desses textos. No Ensino Superior também é a mesma coisa: eles têm que ter esse entendimento de que devem ler sempre, que sejam os textos de interesse, mas que em um dado momento eles precisam utilizar textos mais densos, mais complexos. Quando eu trabalho a leitura de um texto, intenciono que eles entendam o contexto, que não fique só como uma decodificação, mas ir além do que está facilmente perceptível. Seria ir além, tentando sempre abstrair mais profundamente as informações trabalhadas no texto. O aluno deve sempre tentar relacionar tais informações ao seu dia-a-dia. Se o aluno se ativer só ao texto, não relacionar o que o texto traz com a sua vivência, fica só mesmo na decodificação.

Pq - E quanto à produção de texto, o que você espera que provoque no aluno?

En - O objetivo da produção escrita seria o aluno ser capaz de produzir um texto claro, que seja coerente naquilo que está abordando, e que seja coeso principalmente. Tendo todo esse esqueleto o restante vai sendo recheado. O aluno conseguindo ter uma boa organização de suas ideias, clara, objetiva, logicamente já é um bom caminho.

Pq - Teria mais alguma prática?

En - O seminário. Essa atividade teria o objetivo de desenvolver a oralidade do aluno. Ele sabendo argumentar, expor o que ele entendeu do texto, aí já atingiu o objetivo da

oralidade. Enquanto prática o que eu tenho trabalhado com eles é a produção de um pequeno livro, um livro de “causos” e também a produção de um jornal mural. Procuo então trabalhar uma série de atividades que eles possam também utilizar depois como futuros professores. Sempre focando a questão da escrita e da leitura. No jornal mural eles têm que buscar diferentes tipos de leitura, para depois organizar uma produção escrita. No livro de “causos” também, além de valorizar as variações linguísticas que existem. Essas atividades possibilitam a escrita e a leitura de formas diferentes. Assim eu espero que ao exercerem na prática, não fiquem só pedindo aos alunos que desenvolvam redações. Isso não tem objetividade para o aluno, mas se eu fizer junto com o aluno por exemplo um livro de receitas para que eles deem para as mães, ou escrever um livrinho sobre as histórias que as avós contam e depois fazer uma tarde de autógrafa para o lançamento do livro, o sentido é outro, trabalhar a escrita dessa forma é diferente. São diferentes formas de trabalhar a leitura e a escrita. Os alunos têm que entender que para cada conteúdo há várias formas de ensinar e aprender, e que dependendo do que se vai ensinar deve-se priorizar uma ou outra.

Pq - Gostaria de saber como você trabalha a questão da construção de conceitos.

En - Isso está relacionado a como eu trabalho, eu parto da aula expositiva, fazendo as exposições, fazendo com que eles comecem a analisar, a pensar. Depois vamos para seminário, para que eles façam as exposições deles, e [possam] chegar a situações mais concretas. Se a gente de imediato for para as situações concretas, a teoria vai perdendo espaço, e nós não conseguimos trabalhar os conceitos. Embora em alguns momentos dê para fazer concomitante, trabalhar teoria e puxar a prática junto. Mas se começar com a prática, e trabalhar muito a prática, eles têm muita dificuldade de voltar para a teoria. Penso que temos que começar com a teoria para chegar à prática. Chega à prática e volta para a teoria, é importante esse caminho de ir e vir. Se deixar eles querem só trabalhar a prática sem ter um embasamento teórico adequado. Como receitas, mas penso que eles é que têm que construir sua prática a partir da teoria estudada e compreendida. Nós temos que ter consciência de que alguns alunos já estão atuando e outros não. Assim o aluno que já está na prática tem mais facilidade para compreender, mas e o outro? Eles têm mais dificuldade de fazer essa ligação porque não estão no dia-a-dia da escola. Daí a importância de fazê-los pôr a “mão na massa”, pois só assim eles conseguem entender, aliar teoria e prática. O professor então é o intermediador entre essa teoria e a prática. Nesse processo de ensino e aprendizagem. Ele é responsável por possibilitar essa relação entre aluno e conteúdo.

ENTREVISTA 6

Nome: J.F. Idade: 32 anos. Formação: Ciências Sociais. Tempo de experiência em cursos de Licenciatura: 6 anos.

Pq - A pesquisa em questão trata da ação docente no Ensino Superior. Eu estou buscando desvelar como os professores atuam com relação à sua metodologia, quais as práticas pedagógicas que eles utilizam no Ensino Superior e quais são os objetivos dessas práticas pedagógicas com relação ao desenvolvimento do aluno. Assim, em um primeiro momento eu gostaria de saber qual é a concepção de aprendizagem e desenvolvimento cognitivo que você tem? Como você percebe isso?

En - Aprendizagem e desenvolvimento?! Não sei se vou conseguir responder no foco que você está perguntando. Aprender é quando você na realidade cria condições para que o aluno tenha acesso a informações que ele não tinha antes e à luz dessas informações ele comece a olhar para o seu próprio mundo, seu universo, com outros olhos, ou seja, aquelas informações, aqueles conhecimentos, que você está proporcionando, ou aquele espaço que você está proporcionando a ele, ajuda o aluno a identificar seu próprio mundo, sua própria realidade e perceber situações que ele não percebia antes, à luz desses conhecimentos. Quando você leva esse conhecimento aos alunos, não necessariamente eles têm que concordar com aquela leitura de mundo. Eu até brinco com eles que “aqui na disciplina você tem que entender; entender você é obrigado, agora se enquanto indivíduo você vai aceitar aquilo, é outra conversa”, e explico que até para você não aceitar você tem que entender, porque é essa compreensão que vai te dar condições de decidir por essa ou por aquela opinião. Assim, aprendizagem é proporcionar novas informações, novas leituras, novas situações para que ao compreender essas leituras eles tanto possam aceitar como possam refutar, mas isso tem que permitir que eles tenham um olhar diferenciado sobre seu mundo, sobre seu universo ou sobre uma situação específica à luz daquele conhecimento.

Pq - E com relação ao desenvolvimento cognitivo?

En - Palavrinha complicada, desenvolvimento. O que é desenvolvimento? Desenvolvimento cognitivo? É entender as novas relações que você está apresentando através daquele conteúdo, ou seja, se ele consegue ter a percepção da ideia que está implícita ali, da leitura que está posta naquele conhecimento, não necessariamente é uma leitura explícita, que salta aos olhos, muitas vezes ela está nas entrelinhas. Eu penso que desenvolvimento cognitivo é saber se o aluno percebe, não sei se eu estou certa ou não, mas acho que tem as etapas, tem momentos que o indivíduo passa por momentos no desenvolvimento cognitivo, às vezes ele não está maduro para determinados conhecimentos, e isso não necessariamente quer dizer que ele não consegue desenvolver, é que aquele não é o momento dele. Não é o momento para desenvolver. A gente começa a pensar na época da criança, falando de ensino superior especificamente, você às vezes na diversidade da sala de aula percebe que tem alunos que são maduros cognitivamente para compreender determinados conteúdos e que tem outros alunos que não estão maduros ainda, não que ele não tenha a capacidade cognitiva de apreender aquilo, mas que não é o momento ainda. Que até é o grande nó da educação, porque nós temos um, pelo menos na leitura que eu tenho, você tem que dar conta do currículo, a gente impõe o tempo de aprendizagem e muitas vezes cognitivamente ele não está maduro para aquela aprendizagem naquele momento, não sei se é isso que você está perguntando.

Pq - Só para ficar mais claro para mim: como você percebe essa relação, entre aprendizagem e desenvolvimento?

En - É um nó, tem algumas marcas da época de licenciatura que ficaram muito fortes, porque você tem uma diversidade muito grande, você tem aquele que está mais maduro, que vai mais rápido, mas você tem que se deter com mais tranquilidade naquele que está com mais dificuldade, não porque ele tenha limites, porque ele não está no mesmo grau de maturidade e dentro da sala de aula às vezes você acaba tendo um descompasso. Seria esse o grande nó do professor, ele conseguir fazer essa ponderação para ele estar atendendo, principalmente quando na sala, no caso de salas que destoam muito, existe essa divisão muito forte, e é um nó mesmo que você tem que gerenciar, administrando isso, para que aquele que está bem “avançado” não perca o interesse porque está muito devagar e aqueles que têm dificuldade de compreensão também não percam o interesse porque não estão entendendo nada, porque estão indo muito rápido com o conteúdo, não sei se eu respondi.

Pq - Sim, eu quero é entender o que você pensa sobre isso, e como você vê então a relação entre ensino, aprendizagem e desenvolvimento?

En - Ensino, aprendizagem e desenvolvimento? Ao proporcionar o ensino e criar condições para que ele aprenda determinados conteúdos conseqüentemente ele vai Ose desenvolver, acho que um é *link* do outro. Eu penso assim, a gente sabe que o processo de ensino e aprendizagem não é unilateral, ele é uma relação de vai e vem, a perspectiva teórica que é dialética, para mim o processo de ensino e aprendizagem é dialético e na medida em que você está nessa relação de vai e vem entre o ensino e a aprendizagem, conseqüentemente essa relação se desdobra no desenvolvimento, desenvolvimento pessoal, desenvolvimento profissional e vai depender... no caso estou falando de formação de docentes, vai depender das expectativas profissionais, das expectativas de vida, do posicionamento desse indivíduo enquanto ser humano, mas o ensino e a aprendizagem é na relação dialética que desdobram-se no desenvolvimento. Não necessariamente pode ser um desenvolvimento positivo, positivo da perspectiva da gente ou até para bem ou para mal o conhecimento por si só não determina o espaço que você vai ocupar na sociedade, é você enquanto indivíduo que vai fazer uso dele.

Pq - E assim, diante disso, quais são as práticas pedagógicas que você utiliza em sala de aula?

En - A minha disciplina é uma disciplina extremamente complexa. Porque é em um universo social dinâmico como o que a gente vive hoje, visual, pragmático, palpável. Dar uma disciplina que é teórica, muito teórica, é um desafio constante. Eu sempre inseri práticas tipo vídeo ou a análise de um filme que tanto pode ser um filme inteiro ou fragmentos de filme, vai depender do assunto que você abordar, esse filme tanto pode ser um filme de ficção como pode ser um documentário, ou seja, depende do critério, depende do que você quer atingir, é claro que aí tem alguns cuidados que você tem que ter ao usar o fragmento de um filme, você tem que tomar o cuidado de contextualizar esse filme, para que o filme não fale por si só, na realidade eles são instrumentos para você utilizar, e nesse sentido tem duas opções: ou você trabalha a teoria antes e passa o filme para depois discutir o filme à luz da teoria, ou você pode dar o filme antes e depois entrar com a teoria fazendo ponte com o filme, isso vai depender do momento, vai depender da sala, vai depender do assunto. Música também, eu gosto de usar muito, ou seja, à luz de um determinado conteúdo, destrinchar a letra da música, porque a música ela na realidade reflete nossa sociedade, só que eu não abro mão da aula expositiva também e da leitura, isso para mim é essencial, inclusive eu tenho uma preocupação muito grande, porque eu me considero uma professora mais entre aspas para o

tradicional. A minha preocupação (e eu vi muito isso acontecer), a leitura que eu fiz, é que às vezes os docentes eles têm tanto afã, tanta vontade de utilizar novas tecnologias, de dinâmicas, que eles perdem o pé um pouquinho do conteúdo. Isso é um cuidado que eu coloco para mim, porque na realidade o filme, a música, eles são na realidade instrumentos, eles não substituem em momento algum (principalmente na minha área) a discussão teórica. Eu até brinco às vezes com os alunos, até admito algumas vezes que eu vou fazer, eu me lembro que alguns anos atrás tinha uma revolução porque no curso os alunos queriam aprender a fazer um tal de jacaré nas aulas de lúdico e a professora que ensina jacaré já tinha saído, não ia mais dar aulas e a outra professora que assumiu a disciplina estava dando teoria e elas estavam revoltadas porque elas queriam logo aprender o jacaré e eu brincava: “tá, mas e daí?! Você vai aprender a fazer um jacaré, e a hora que alguém perguntar para você qual foi o sentido de você ensinar ao seu aluno a fazer o jacaré, você vai saber responder?!” Então quer dizer: eu falo que tem que tomar muito cuidado com isso, para um instrumento não acabar adquirindo vida própria e o principal (que é a construção teórica, que é o que se tem de conhecimento acumulado ao longo da história sobre aquele assunto) acabar se perdendo.

Pq - Quando você fala dessa construção do conhecimento, como você trabalha isso?

En - É claro que o vídeo e a música têm implícita a teoria, ou seja, o vídeo, a música eles são mecanismos para os alunos conseguirem visualizar, ou seja, colocar em um formato palpável aquela abstração. Seria aproximar aqueles conhecimentos da realidade prática do aluno. Aí o impacto é forte, a gente percebe, porque existe uma dificuldade muito grande de abstrair, de entender só em nível de abstração. Então quando você joga a imagem ou a letra ou o poema, às vezes trabalho muito poema também, ele consegue ver, enxergar, às vezes até o filme que eles já assistiram, mas eles conseguem enxergar naquele filme dimensões que antes não enxergavam, por quê?! Porque eles têm uma leitura teórica que lhe permite isso, fica palpável, a abstração fica palpável, fica visual.

Pq - Então como você trata a questão do conteúdo, do conhecimento diante dessas práticas?

En - Vamos ver se eu consegui entender e se consigo responder. Na realidade a leitura do texto, ou seja, a construção desse conteúdo é essencial, ou seja, não tem como você trabalhar a música, o poema, o filme, se você não estiver se apropriando da construção via texto, daquilo que tem ali posto. Então como te disse teoricamente para você ir para o vídeo, para você ir para o filme, para você ir para a música, para o poema ou você fez a discussão abstrata antes e aí lá dentro você vai puxando a teoria, ou você pauta e depois você puxa a discussão, resgatando esse instrumento. A dinâmica de leitura vai depender muito da realidade da turma, do conteúdo trabalhado, mas via de regra e aí eu ganho desafios infelizmente muitas vezes a gente não tem sucesso, eu disponibilizo o material antes e peço que eles façam a leitura prévia, a ideia é que façam a leitura prévia, tanto podem vir com esse texto para a sala e aí na sala porque se você solta a discussão sem eles terem o material na mão, se abstrair já é difícil, fica mais difícil ainda, então é isso que eu combino com eles, a gente pega os pontos principais do texto e aí eu vou recortando com eles, eles fazem a leitura na hora, a gente ficha e eu explico. Ou também eu posso dar aquela explicação geral dependendo do texto, aquela fala geral sobre todo o conteúdo e depois a gente vai para o texto só recortando os pontos principais. Às vezes, dependendo do conteúdo, dependendo da turma, isso fica muito maçante. Uma outra técnica que eu faço com eles (e aí eu tenho que dar uma forçadinha) para fazer a leitura [é dizer]: vocês vão ler o texto, vocês vão levantar as questões que vocês não entenderam, vocês vão trazer a questão por escrito na próxima aula, senão eles esquecem, e eu vou partir a explicação das suas questões, aí eu leio a pergunta e a gente se

reporta ao texto respondendo. Existem diversas maneiras, vai depender do conteúdo, depender do envolvimento da sala, mas sem a leitura não tem como, para mim não tem, sabe, seja antes, seja depois, seja lendo o texto junto, seja levantando questão e respondendo principalmente na minha disciplina não dá.

Pq - E quando você trabalha a questão da leitura, o que você intenciona provocar no aluno internamente?

En - Reflexão. É..., desvelamento, o que mais?! Mas o que me salta aos olhos nesse momento é a reflexão mesmo, porque a reflexão é um processo cognitivo importantíssimo. É até muito bom quando ele [o aluno] discorda. “Não, eu não concordo com isso”, então vamos entender porque você não concorda com isso, aí tem aquele processo, acho que eu estou fugindo da resposta mas é, tem aquele processo que é interessante você colocar, primeiro, é como se você conseguisse sair de você mesmo, sair da sua opinião pessoal e vamos entender a estrutura do pensamento. Depois que entendeu, agora se reaproprie e faça novamente a sua crítica que pode continuar sendo a mesma crítica de não concordo, mas à luz dos entendimentos que você teve do pensamento. Quando você pergunta o que provoca nele, o que me salta aos olhos nesse primeiro momento e aí é a carga da minha área mesmo, é refletir sobre si mesmo, sobre o universo no qual está inserido, sobre suas práticas, sobre sua relação com o aluno, porque a gente está falando de formação do docente. Outra coisa que a gente procura instigar muito é que se perceba o que está fazendo, nós temos situações que às vezes a gente acha que está fazendo a melhor coisa do mundo e bem intencionados, mas é preciso analisar essa prática, que sem perceber eu posso ao invés de estar trazendo benefícios estar trazendo malefícios. A gente brinca principalmente, por exemplo, em antropologia, quando a gente vai trabalhar a questão dos dias, das datas comemorativas, os professores que no dia do índio pintam os seus aluninhos lá, eles na cabeça deles, eles estão fazendo o bem, mas na formalidade eles estão estereotipando uma determinada etnia, então assim quando eu falo de reflexão é me repensar do efeito também, posso pensar numa prática minha e poder dizer “nossa, que bom, olha só, eu tenho razão em continuar fazendo isso”. Então quando eu falo de reflexão é no sentido de refletir sobre si mesmo, sobre o meio.

Pq - E sobre a aula expositiva, o que você espera provocar nesse aluno?

En - Na aula expositiva a minha intenção é compartilhar com eles um pouco desse conhecimento adquirido ao longo dos anos, até às vezes eles brincam em alguns momentos: “nossa, você sabe tanto!”, eu falei: “eu sei tanto porque eu tenho dez anos nas costas de Ciências Sociais, talvez daqui dez anos vocês estejam me superando”, então o sentido é mesmo o de compartilhar, e qual era a segunda questão que você falou?

Pq - O que você espera provocar nos alunos?

En - Seria instigar esse aluno.

Pq - E diante disso tudo você acha que tem uma base teórica que sustenta essa sua prática?

En - Você está falando da prática pedagógica? Não necessariamente do conteúdo da disciplina?

Pq - Sim.

En - É claro que eu sou daquelas que acham que a gente nunca sabe o suficiente, é evidente que hoje eu sou muito melhor do que eu era há um ano atrás. Em relação à prática, ou seja, a prática pedagógica, eu sofri muito depois que saí da faculdade e eu tive que correr

muito atrás do prejuízo, tive muita sorte em encontrar muitas pessoas que me auxiliaram. Logo que eu saí da faculdade eu pedia socorro para os meus professores, eles me ajudavam e tal, mas assim, a graduação não me deu base para isso. Aprendi muito por conta do meu trabalho na secretaria de educação pois como eu tenho que fazer formação de professores eu passo por formação e essas formações me ajudaram muito, embora eu ache que eu tenho muito que aprender, às vezes eu acho que eu tinha que fazer Pedagogia só para aprender a prática pedagógica. Agora em nível de conhecimento, do conteúdo que está atrelado, acho que é mais ou menos a mesma lógica, eu acho que eu aprendi muito mas ainda eu tenho muito que aprender, por exemplo, tem áreas que eu trabalho com mais facilidade, tem áreas que eu já vou com mais cuidado porque tem que estudar mais, é um eterno estudar mesmo, mesmo porque nosso mundo muda muito rápido, de repente surge um novo pensador, novas teorias e você tem que correr atrás disso para entender o que estão querendo dizer.

Pq - Mas não há nenhuma base teórica que norteie o seu trabalho?

En - Você está falando de perspectivas teóricas?

Pq - É.

En - Entendi. Meu posicionamento é dialético, aí está posto tudo o que essa palavra traz junto com ela, ou seja, eu parto do pressuposto de que nós temos que proporcionar aos nossos alunos o conhecimento historicamente construído, que a relação se dá em uma relação dialética, que nós somos frutos da nossa história, não sei se eu estou respondendo. É claro que, principalmente quando eu trabalho, como eu trabalho com pesquisa e quando eu trabalho os clássicos dentro da Sociologia que seja, eu me coloco como posição minha que eu tenho obrigação enquanto educador de proporcionar com a mesma ênfase, com a mesma paixão acesso a todas as linhas de pensamento e que eles têm enquanto alunos o direito de ter o acesso para que eles tenham o direito de escolher até qual é a perspectiva deles.

Pq - Pela sua fala, percebe-se que você prima muito pela reflexão...

En - Isso.

Pq - Seria através da tomada de consciência?

En - Isso. Como eu trabalho linhas que são opostas, que se contrapõem, no começo eles perguntam: qual é a certa? Eu digo sempre “não sei, eu tenho a minha, procurem a de vocês”. Perguntam dependendo da fala: “mas qual é a sua?”, daí eu falo: “se vocês aprenderem direitinho, eu não vou precisar contar, vocês vão saber ao final da disciplina”. Eu tenho minha perspectiva dialética, é histórico-crítica que está posta, só que eu tenho que respeitar enquanto professora e considero que é minha obrigação proporcionar o acesso a todas as perspectivas postas para que eles possam escolher. Para que eles possam fazer as suas escolhas, mas minha linha é histórico-crítica. E para mim o professor é um intelectual orgânico de classe. De qual classe que ele vai ser eu não sei. A escolha é dele. Mas para mim o papel do professor é ser um intelectual orgânico de classe. Não é à toa que eu estou pensando em montar um projeto de doutorado em educação trabalhando o Gramsci. De qual classe, não sei. Mas ele é um intelectual orgânico, e o professor tem um papel fundamental, mesmo que ele não queira, mas ele é.

ENTREVISTA 7

Nome: C.R. Idade: 52 anos. Formação: Letras. Tempo de experiência em cursos de Licenciatura: 7 anos.

Pq - A pesquisa em questão trata da ação docente no Ensino Superior. Eu estou buscando desvelar como os professores atuam com relação à sua metodologia, quais as práticas pedagógicas que eles utilizam no Ensino Superior e quais são os objetivos dessas práticas pedagógicas com relação ao desenvolvimento do aluno. Em um primeiro momento eu gostaria de saber: qual a sua concepção de aprendizagem e desenvolvimento cognitivo? Como você percebe isso?

En - Eu parto sempre de uma análise diagnóstica, analisando o que os alunos sabem. Essa análise diagnóstica tem o intuito de perceber o nível dos alunos. Nesse momento eu detecto as dificuldades que eles têm; como eu trabalho a disciplina de Língua Portuguesa eu preciso ter claras as dificuldades que eles têm para trabalhá-las, pois eles serão futuros professores. Essa é uma preocupação constante minha, pois penso sempre na ação futura desses alunos enquanto professores. Quando eu planejo qualquer aula, qualquer atividade com eles, eu sempre foco lá na frente. Eu penso sempre nisso, que medidas eu posso tomar que vai ajudá-los a se desenvolver, utilizando todos os conhecimentos que eu trago. Quando penso na disciplina que leciono (e como o curso é de formação de professores) eu penso na importância deles saberem manusear a língua materna. Quando penso na questão do desenvolvimento eu entendo que preciso ter claro como eles chegam ao Ensino Superior e o que eu posso fazer para melhorar isso. Eles não lidam bem com a língua materna quando chegam aqui, eles têm muitos problemas linguísticos, de fala, de escrita, eles chegam com vícios de oralidade que reproduzem na escrita. Assim minha preocupação está em trabalhar todas essas questões, para que eles possam reaprender a língua de forma que não ensinem errado também depois.

Pq - E como você entende a relação entre aprendizagem e desenvolvimento?

En - Penso que tem tudo a ver. Qualquer conteúdo que eu trabalhe com certeza vai contribuir para o desenvolvimento do aluno. Nessa fase de aprendizagem dos alunos na graduação, tudo que fizermos vai contribuir para que sejam bons profissionais. Eu sei que trabalhando os conteúdos vou colaborar com o desenvolvimento deles.

Pq - E como você entende então a relação entre ensino, desenvolvimento e aprendizagem?

En - Vou falar a minha experiência como professora, porque eu não sou pedagoga. Talvez as concepções que eu tenho sejam diferentes das de um pedagogo. No momento em que eu preparo as aulas, enquanto educadora, todos os conteúdos que eu considero importantes, eu tento agregar ao aprendizado do aluno e conseqüentemente ao seu desenvolvimento. Mas pensando sempre em desenvolver as questões relativas à Língua Portuguesa. Entendo o momento de ensino como meu, o preparar a aula, os recursos didáticos, os conteúdos a serem trabalhados. A aprendizagem está diretamente ligada à forma como eu ensino. De acordo com as atividades dadas eu percebo como eles aprendem e também o desenvolvimento deles, mas nunca se esquecendo do que eles irão reproduzir mais tarde com as crianças quando estiverem atuando. Se hoje eles apresentam dificuldades com língua portuguesa, eu penso que é porque eles tiveram um ensino fraco, e isso não pode se

repetir, ou seja, eles não podem repetir o mesmo ensino que tiveram. O curso de graduação tem que transformar esse aluno.

Pq - E quais as práticas pedagógicas que você costuma usar em sala de aula?

En - Produção de texto. Em todas as atividades que eu preparo eu exijo sempre uma boa produção de texto, seja parcial ou completa. Trabalho sempre textos do cotidiano, como jornais, revistas, exercitando a interpretação de texto, destacando a mensagem implícita e explícita, vislumbrando o como eles percebem os acontecimentos, como se posicionam, vou trabalhando o pensamento reflexivo.

Pq - E o que você espera provocar nesse aluno enquanto ação mental, com essa atividade?

En - Justamente isso, que eles entendam que qualquer texto tem utilidade. E descubram e percebam que todo texto tem uma intenção, e que se deve procurar entender as ideologias que há em cada texto. Seria a análise crítica, reflexiva sobre o texto. Eu faço isso também com a poesia, a letra de uma música, com receita, com propaganda, qualquer mensagem subliminar que eu possa ajudar a entender eu tento trabalhar. Busco também trabalhar a gramática, para que possam conseguir uma produção de texto coesa, clara, que saibam manusear a língua. Para que em qualquer situação eles saibam adequar o uso da linguagem de acordo com as situações. Eles têm que entender que determinados conteúdos estão relacionados à vida acadêmica e que outros fazem parte do cotidiano. Eles têm que perceber que as situações de língua portuguesa são várias, e que eles é que têm que saber adequar o uso da linguagem. Na produção de texto eu intenciono primeiramente saber o que eles dominam com relação à gramática, ortografia, acentuação, pontuação, que seriam os fenômenos da língua. Segundo, se eles reconhecem as ideologias contidas nos textos. Depois que entendam que existem diferentes níveis de leitura. A minha pesquisa de Mestrado foi em Semiótica. Uma das tendências da Semiótica é mostrar que existem os níveis de leitura. Tento fazer com que compreendam esses níveis: superficial, intermediário e profundo. Faço com que entendam cada nível desses. E tento fazer com que eles passem de um nível para outro. Eu crio situações voltadas para isso. O primeiro nível superficial seriam as palavras que eles desconhecem, os personagens, o tempo da narrativa, o espaço da narrativa, o tipo de linguagem utilizado, são as informações que qualquer pessoa que lê sabe dizer. O segundo nível você precisa fazer uma análise um pouco mais profunda, para quem esse texto fala, sobre o que esse texto fala, argumentação negativa, argumentação positiva, eu vou aprofundando. Mas isso leva tempo, até chegar ao entendimento profundo de um texto. O meu foco principal são esses três níveis de leitura. Mas antes também trabalho a gramática, acentuação, pontuação. Pena o tempo ser pouco, pois trabalhar os níveis de leitura demanda muito mais tempo.

Pq - E quais outras atividades você trabalha?

En - Refazer os textos. Eles produzem o texto, eu corrijo, depois devolvo e eles refazem. Tento fazer pensar sobre aquilo que está errado. Eles têm que reconstruir o texto de acordo com aquelas observações feitas. Gosto também de trabalhar não é bem uma paródia, trabalho uma poesia, mostro toda estrutura da poesia, tem verso, estrofe, rima, eu explico toda estrutura e chamo atenção para o tema abordado, para depois eles refazerem, irem reconstruindo também. Analiso os autores, mostrando que toda produção é fruto do aprendizado de uma vida inteira. Por exemplo, quando falo de redação tenho que ler jornal, revista e todo o conhecimento adquirido serve de embasamento para escrever os textos. Eu faço com que eles produzam muito, me preocupo em perceber a evolução diária desses

alunos. Não me prendo muito em uma determinada avaliação, mas sim na produção cotidiana. Busco sempre perceber o que eles trazem de leitura, se estão envolvidos com a aula.

Pq - Há mais alguma atividade que você utiliza?

En - Eu trabalho também com jornal, com charge. Por que a charge? Eles não dão risadas das charges, percebo que eles têm dificuldades em entender a mensagem contida nas charges, pois falta conhecimento. Analiso então as ligações externas que os textos trazem. Seria buscar a inter-relação entre os textos e os acontecimentos da prática social e com conhecimentos em geral, que muitas vezes eles desconhecem. Aproveito tais situações também para trabalhar a intertextualidade, ou seja, busco fazer com que o aluno perceba o diálogo entre os textos. Por isso me preocupo em pedir sempre que façam leitura, seja um romance, uma revista. Isso possibilita que o aluno faça as diversas conexões. Depois de toda essa fundamentação eles têm que reconhecer todo tipo de texto para depois poderem trabalhar com seus alunos. Sempre tudo que eu trago para a sala de aula é pensando em duas coisas, nesse aluno, na sua aprendizagem e na sua ação docente futura, enquanto profissional da educação. É importante que eles entendam todos os componentes do texto, para depois poderem produzir. E também compreendam os erros tentando reconstruir esse texto. É preciso que eles percebam as diferenças entre os textos, sejam elas pequenas ou não. As diferenças entre os textos, algumas vezes, são muito tênues. E ao mesmo tempo mostrar que há várias formas de se trabalhar o texto.

Pq - E como você trabalha a questão dos conceitos?

En - Na minha disciplina eu sempre tento fazer com que reconheçam e analisem o texto de forma reflexiva, para ajudá-los na leitura de todos os outros conteúdos. Eles têm que fazer o texto, têm que ler, refletir, construir um conjunto de informações trazidas pelos textos, e com isso eles trabalham a sua própria forma de assimilar os conteúdos. Eu acho que a forma com que eu trabalho esse conteúdo possibilita o desenvolvimento de diferentes formas de pensamento. Acho que é importante exercitar esses questionamentos reflexivos. Para mim esse é o ponto principal a ser desenvolvido no processo de ensino e aprendizagem. É importante conscientizá-las de que todas essas informações irão contribuir para que sejam leitoras melhores. A estrutura do texto também deve ser cobrada, como eles enquanto futuros professores poderão atuar sem dominar a estrutura de um texto? Tem que saber fazer uma boa introdução, desenvolver um texto. Entender que na literatura o texto é diferente de um texto técnico.

Pq - Você acha que há alguma base teórica que norteia o seu trabalho?

En - Tem alguns autores que eu considero que são muito importantes, Fiorin, Diana Luz, a Branca Darmatic, são vários autores, que eu estou acostumada a trabalhar com eles. Acho que todos esses autores em sua peculiaridade contribuem para a minha ação docente. O mestrado me ajudou muito nesse ponto. E eu sempre acreditei que trabalhar produção de texto pode ser prazeroso. Tem bastante embasamento teórico. A Semiótica grosso modo vai dizer que todo texto tem uma margem que você pode interpretar até ali, por isso que a gente não pode aceitar só o que está nos livros, deve ir além.

Pq - E como você compreende o papel do professor?

En - Diria que ele é um mediador. Também aprendo muito. Por exemplo, quando eu faço uma pergunta sobre interpretação de texto, às vezes o aluno traz uma visão que eu ainda não tinha. Outro viés. Assim quando eu for trabalhar aquele texto novamente eu tenho uma nova forma de compreender, a minha e mais aquela dada pelo aluno. Eu me sinto uma mediadora. Cada vez que eu trabalho os conteúdos da disciplina eu sei que eu vou crescer, porque eu gosto muito. Aprendo sempre. Essa troca para mim é muito gratificante, não me sinto cansada.

ENTREVISTA 8

Nome: A.C. Idade: 49 anos. Formação: Pedagogia. Tempo de experiência em cursos de Licenciatura: 7 anos.

Pq - A pesquisa em questão trata da ação docente no Ensino Superior. Eu estou buscando desvelar como os professores atuam com relação à sua metodologia, quais as práticas pedagógicas que eles utilizam no Ensino Superior e quais são os objetivos dessas práticas pedagógicas com relação ao desenvolvimento do aluno. Em um primeiro momento eu gostaria de saber qual é a sua concepção de aprendizagem e desenvolvimento cognitivo. Como você percebe isso?

En - Aprendizagem para mim se dá na interação do sujeito com tudo que cerca esse sujeito. Aí entra o professor, a família, os colegas, o ambiente, livros, enfim, tudo que não é sujeito é objeto, é essa interação entre sujeito e objeto que vai possibilitar a aprendizagem. E aprender e desenvolver são relações muito próximas, muito íntimas. E à medida que ele vai aprendendo ele vai se transformando, sozinho ou na interação com o objeto vai contribuindo para modificação tanto do comportamento, do pensamento, senso crítico, então nesse sentido ele se desenvolve em todos os aspectos e vai avançando seu aprendizado.

Pq - E como você compreende a relação entre ensino, aprendizagem e desenvolvimento?

En - Primeiro não dá para falar em ensino sem falar em aprendizagem. Como não dá para falar de aprendizagem sem falar de ensino. Aprendizagem e ensino é uma via de mão dupla, se eu ensino alguma coisa a alguém. Se eu ensino, mas se alguém não captou, significa que eu não ensinei. Eu posso ter tentado ensinar, mas se ele não apreendeu, significa que não houve ensino, houve tentativa de ensino. Para dizer que houve ensino, o aluno tem que ter apreendido. Se ele apreendeu aquilo que eu ensinei então essa via de mão dupla de fato se concretizou. A relação dessa via com o desenvolvimento é a mesma, pois à medida que ele vai construindo conhecimento, aprendendo novas coisas, novos conteúdos, o indivíduo vai se transformando mentalmente, emocionalmente, comportamentalmente, e é interessante porque quanto mais a gente aprende mais a mente se abre para aprender mais. Por exemplo, se eu engesso uma perna, com o passar do tempo a gente vai perceber que ela vai se atrofiando, ficando mais fina, porque não está se exercitando, com a mente acontece igual: se não se usa, se não se exercita a mente descobrindo coisas novas, lendo, a mente também tende a se fechar, a atrofiar.

Pq - Falando do ensino eu gostaria de saber: quais as práticas pedagógicas que você utiliza em sala de aula?

En - Eu trabalho com aula expositiva, com debates de diversos temas; seminário, pouco, mas trabalho, porque considero importante que o aluno tenha oportunidade de expor as ideias, que essa ação de ter que passar para o outro colabora muito para que o aluno entenda e aprenda os conteúdos a serem colocados. O aluno passivo, que só senta e escuta, não participa, ele tem um aprendizado muito aquém do que ele poderia ter se ele participasse. Outras atividades que eu trabalho seriam a produção de texto, pesquisa de curta duração.

Pq - Fale sobre a aula expositiva, qual a sua intenção ao trabalhar essa prática?

En - Eu não gosto quando trabalho a aula expositiva de só eu falar. O professor expõe um tema, um assunto, um conteúdo, ou seja, eu vou pontuando essa aula, vou inserindo exemplos, mais especificamente exemplos práticos. Costumo trazer para a aula os exemplos que eu mesmo vivi. Tento fazer com que o aluno visualize esses exemplos na prática. Seria uma forma de aproximar esses elementos teóricos à linguagem do aluno. Essa aula expositiva

deve permitir também que o aluno questione, a interromper, trazendo ele mesmo algum exemplo. Em sala de aula em cursos de Pedagogia, sempre temos alunos que já estão atuando, esses alunos têm condição de colaborar e muito para o enriquecimento das aulas. Eles próprios têm experiências práticas que ilustram determinados pontos da minha aula, [de modo] que eu procuro sempre dar oportunidade de participação, isso enriquece muito a aula.

Pq - E quando da utilização dessa prática, o que você considera que provoque enquanto ação mental no aluno?

En - Acho que ele consegue relacionar melhor os conteúdos trabalhados à realidade que ele vive, que ele conhece. Se eu fico só nos [aspectos] teóricos, sem trazer exemplos práticos, considero que vá haver um distanciamento muito grande entre o real e o ideal. A teoria está no plano ideal, escola ideal, aluno ideal, professor ideal, mas o que se vivencia na prática é real, essa contextualização permite ao aluno se situar melhor diante dos assuntos abordados e da realidade.

Pq - E os debates?

En - Nessa atividade eu sou o mediador, ou seja, tento fazer com que cada grupo ou cada aluno que tenha ideias divergentes [consiga] levantar os prós e o contra relativos àquilo que ele defende, e sempre procuro trazer para a discussão as teorias relacionadas ao tema debatido.

Pq - E o que você considera que provoque no aluno com essa atividade?

En - Uma das grandes dificuldades do nosso aluno é saber se expressar; o debate, quando bem conduzido, onde a turma é instigada a participar, acho que contribui muito para o desenvolvimento do saber expressar as ideias. Nós viemos de uma educação repressora, você pouco podia falar o que pensava ou dar opinião sobre as coisas. A postura também nesse momento é trabalhada, saber se colocar de forma direta e organizada, lutar contra a vergonha de se expor, contra o medo de errar. Eu costumo dizer que a sala de aula é o local do erro, aqui você pode errar. Muitos na educação básica não tiveram a oportunidade de desenvolver isso, essa capacidade de se colocar, de defender suas ideias. O ensino superior é um ambiente onde o professor instiga a gente a participar, ao desenvolvimento do senso crítico, então eu acho que o debate favorece muito isso. Percebo muito a dificuldade que os alunos têm de expressar dúvidas, porque têm medo de falar e serem ridicularizados pelos colegas, isso acontece mais no início do curso, pois eles ainda estão se ambientando com o espaço acadêmico.

Pq - E o seminário?

En - O seminário, eu tomo bastante cuidado, porque acontece muito do professor se esconder atrás do seminário, fazendo com que só o aluno exponha. O seminário também, quando bem conduzido, favorece o debate, mas não pode cair no extremo de ficarmos semanas e semanas só com o grupo de alunos se apresentando. Eu vivi essa experiência na graduação, os alunos explicavam e o professor ficava ali sentado só escutando. Eu acho que o seminário deve partir de um princípio, primeiro tem que haver um tema que já tenha sido discutido. Eles têm que partir de um ponto já definido, que já tenha sido discutido com o professor, que a partir desse ponto eles busquem elementos novos sobre o assunto, novas nuances, novos autores, novos textos. O seminário de trazer novos elementos de discussão seria o aprofundamento, alargar os conhecimentos sobre o assunto.

Pq - E o que você considera que provoque no aluno com essa atividade?

En - O ponto central seria a fixação dos conteúdos. Fixação do aprendizado para aquele que apresenta o seminário porque ele se coloca na posição de ensinar, e com isso eu considero que se aprenda mais.

Pq - E a produção de texto?

En - Com produção de texto eu objetivo ajudar o aluno no que se refere aos erros de português, dificuldades de expressar as ideias. Os alunos sempre dizem: “pensar eu sei, mas o difícil é colocar no papel aquilo que eu estou pensando”. Ao trabalhar a produção de texto, geralmente está ligada à pesquisa de curta duração. Com a produção de texto eles conseguem organizar melhor o vocabulário, a expressão, aprendem a utilizar melhor a linguagem acadêmica, que são dificuldades muito aparentes no ensino superior. Muitas vezes eles escrevem do jeito que eles pensam, é importante expressar o que se pensa, mas é muito mais importante saber elaborar esse pensamento utilizando uma linguagem acadêmica. Essa seria a grande contribuição da produção de texto.

Pq - E a pesquisa?

En - A pesquisa, é muito legal falar da pesquisa. A gente ouve muito falar de pesquisa e acho que ainda está sendo pouco utilizada. Mas eu falo de pesquisa científica. Não há uma construção teórica por parte do aluno muitas vezes. Na graduação eu considero de suma importância, acho que cada professor deveria trabalhar com pesquisa. A gente fala de professor pesquisador, mas a gente não coloca isso muito na prática. Se cada professor trabalhar com a pesquisa, em curta duração, pegando uma amostragem que possibilite ao aluno construir conhecimentos sobre um determinado tema, isso vai facilitar bastante a capacidade do aluno de escrever, de descobrir o que é realmente uma pesquisa acadêmica, entendendo a finalidade da pesquisa, a quem ela favorece.

Pq - Você tem uma base teórica que você considera que norteie o seu trabalho enquanto professor?

En - Eu gosto muito do Fernando Becker, ele fala da pedagogia relacional, ligando à teoria de Piaget, ao construtivismo, mas eu não adoto nenhum teórico, eu procuro tirar o que há de bom de todos para dar um norte à minha prática pedagógica. Esse seria o que mais me influencia, ele me é mais significativo.

Pq - E como você trata a questão dos conceitos na organização do seu ensino?

En - Basicamente eles são os fundamentos, a base de qualquer disciplina. Sempre que possível procuro relacionar esses conceitos com a prática profissional. Esses conceitos são básicos de cada profissão.

ENTREVISTA 9

Nome: C.N. Idade: 31 anos. Formação: Matemática. Tempo de experiência em cursos de Licenciatura: 4 anos.

Pq - A pesquisa em questão trata da ação docente no Ensino Superior. Eu estou buscando desvelar como os professores atuam com relação à sua metodologia, quais as práticas pedagógicas que eles utilizam no Ensino Superior e quais são os objetivos dessas práticas pedagógicas com relação ao pensamento do aluno. Em um primeiro momento eu gostaria de saber a sua concepção de aprendizagem e desenvolvimento cognitivo. Como você percebe isso?

En - Entendo que quanto mais o aluno se desenvolve, mais ele consegue aprender, e vice-versa. É uma via de mão dupla. Ele vai aprendendo e se desenvolvendo, e à medida que ele se desenvolve ele vai aprendendo mais. Acredito que haja vários estilos de aprendizagem, e assim o professor deve estar atento para perceber isso. Tem aluno que aprende mais em grupo, outros têm mais dificuldades. Assim o professor deve trazer sempre diversas atividades que possam estar colaborando com a aprendizagem do aluno, porque às vezes a gente pode até atrapalhar essa aprendizagem, dependendo da nossa ação.

Pq - E como você entende então a relação entre ensino, aprendizagem e desenvolvimento?

En - A aprendizagem do aluno vai depender muito das formas de ensino que o professor utiliza em sala de aula. Assim o professor deve priorizar os vários estilos de aprendizagem dos alunos. O professor tem que ser muito sensível, buscando sempre compreender como o aluno aprende para interferir de modo a favorecer essa aprendizagem. Eu procuro sempre intercalar questionamentos, fazendo-os refletir sobre os conteúdos abordados, para que tenham sempre algum tipo de participação na aula. Além de perceber esses diferentes tipos de aprendizagem e o como o professor vai trabalhar isso pode favorecer ou não a aprendizagem.

Pq - E quais as práticas que você usualmente utiliza em sala de aula?

En - Costumo trabalhar com estudo orientado, que funciona como um roteiro de perguntas em que eu estabeleço alguns pontos que inicialmente estão mais aparentes, mais fáceis de serem percebidos pelo aluno para depois aprofundar os conhecimentos a respeito do tema abordado. Sempre nesse momento eles estão em grupos de no máximo três para que façam a leitura e possam discutir os diferentes pontos levantados pelos participantes e assim trocarem opiniões, bem como relacionarem as ideias surgidas através da leitura. É um momento bastante produtivo, pois se estabelece uma troca entre eles. Cada um explica o que entendeu, argumentam para depois discutirem o que vão registrar no trabalho que geralmente é apresentado aos outros alunos.

Pq - O que você espera provocar no seu aluno enquanto ação mental quando do uso dessa prática?

En - Quando eu trabalho o estudo orientado eu espero que ao lerem o texto eles possam abstrair as ideias principais do texto. Que eles interpretem o que o autor está querendo argumentar com relação ao assunto discutido, e com isso eles possam organizar suas próprias ideias sobre o assunto. E, ao discutirem com os colegas, que possam perceber novas formas de interpretar e descobrir questões que eles ainda não haviam descoberto.

Pq - Mais alguma?

En - Outra atividade é o debate. Eu geralmente distribuo temas entre eles e peço que um grupo se posicione a favor e o outro contra. Por exemplo, vamos supor que eu dei o tema

tarefa de casa, e o aluno caiu no grupo que deve se posicionar contra, mesmo que ele seja a favor ele tem que argumentar contra. Então ele terá que pensar, vai ter que trazer argumentos que justifiquem aquela posição que ele tem que defender. Ele vai ver o que é coerente que justifique aquele posicionamento. Ele vai precisar refletir, pensar e discutir para poder chegar num argumento que seja convincente, que seja coerente.

Pq - E no debate, o que você espera provocar no aluno?

En - Bem é isso, reflexão, coerência de pensamento, aprender a argumentar, ou seja, defender uma ideia baseado em aspectos teóricos, aprender a se posicionar. Acho que é isso.

Pq - E que outra prática você utiliza?

En - A aula expositiva. Como nós estamos falando de cursos de formação de professores, um dos objetivos da aula expositiva seria também eles perceberem como ela acontece, que tipo de recurso você utiliza, seria a parte técnica que o aluno também tem que observar. O aluno tem que observar o tamanho de fonte que você utiliza, se está adequada ou não, o estilo do material que você está organizando, se é muito escuro, se é muito claro, favorece uma boa visualização ou não. Seu posicionamento, como você se comporta quando está apresentando, falando sobre os elementos do texto estudado. Não necessariamente porque é uma aula expositiva você tem que falar e o aluno só ouvir, é interessante você fazer questionamentos que fazem o aluno refletir, pensar sobre o que está sendo abordado, podendo antecipar ou não questões relativas ao que o autor expõe no texto. Seriam algumas coisas que a gente consegue trabalhar com esse tipo de atividade. E também pensando no aluno que às vezes consegue aprender mais fácil através do que o professor está falando, do que, por exemplo, em grupo. A aula expositiva é um meio que a gente usa para aproximar o aluno do tema que ele deverá aprender. Assim, o professor faz interferências esperando provocar no aluno a reflexão sobre o assunto e que ele também aprenda a importância dessa técnica enquanto prática de ensino, mas uma prática participativa, em que ele também deve se colocar. Mas isso não quer dizer que a gente vá favorecer só esse tipo de método em sala.

Pq - E tem mais alguma prática que você usa?

En - Como eu trabalho além dos fundamentos do ensino da Matemática, as metodologias do ensino da Matemática, tenho que trabalhar com esse futuro professor os materiais didáticos que possam ser utilizados por eles em sua ação prospectiva. Uma das exigências atualmente dos professores é que eles proponham e saibam explorar o trabalho com materiais manipuláveis. E esse tipo de vivência eles não tiveram na sua formação básica, como a gente vai cobrar alguma coisa deles se eles não vivenciaram? Por exemplo, um dos jogos que é indicado é o material dourado, eu trago para sala de aula e desenvolvo algumas tarefas com eles. Assim eles aprendem a usar o material, passam pela experiência eles mesmos para depois poderem utilizar isso enquanto recurso didático no ensino da Matemática. E eu sempre reforço a ideia de que o professor tem que sempre procurar novas formas de ensinar, digo sempre que eles vão precisar se atualizar e inovar em sala. Digo que a formação inicial é realmente o início e depois, juntamente com a experiência profissional e a busca de uma formação continuada, eles vão construindo cada vez mais uma prática melhorada. No momento em que eu uso esses materiais trabalhando os conceitos matemáticos eu busco desmistificar nos alunos muitos conceitos errados que eles têm quando da sua experiência como alunos lá na escola fundamental. É importante desconstruir, para depois reconstruir esses conceitos, pois se eles não têm a oportunidade de rever isso, com certeza eles vão continuar ensinando da mesma maneira como eles aprenderam.

Pq - E atividade individual, você utiliza alguma?

En - Sim. Eu geralmente uso a prova diagnóstica, que seria uma prova com problemas envolvendo conteúdos matemáticos, onde eu consigo perceber o que o aluno sabe ou não, o que ele lembra ou não e ter uma noção do que os alunos dominam. E isso além de

colaborar para que o aluno trabalhe a parte conceitual [faz com que] ele também pare para pensar na sua própria formação. Por que ele não consegue? Não foram significativos os conteúdos que ele aprendeu? Ele não está sabendo empregar, não está sabendo interpretar? Então qual está sendo o problema? Além de ele analisar a questão dos conceitos, dos conteúdos, ele também vê, analisa como foi o trabalho do professor com ele nesse aspecto. Outra atividade individual que às vezes eu peço para eles é fazerem uma síntese, ou escreverem alguma coisa relacionada ao texto que eles leram. No momento de fazer essa síntese ele vai passar pela fase de interpretação, ele vai ler o texto, vai interpretar e depois vai fazer o registro, vai ter que estruturar um texto, muitas vezes eles têm muita dificuldade. Porque falar é sempre mais fácil e escrever exige que eles parem, pensem um pouco mais e se posicionem quando é o caso, eles vão ter que pensar nos argumentos que eles vão utilizar e assim têm que considerar o que o autor falou, sabendo se é adequado ou não. E isso de maneira coerente e convincente. Não é simplesmente concordar ou não.

Pq - Eu gostaria de saber se você tem uma base teórica que mais influencia o seu trabalho.

En - Bem, durante o meu curso de graduação e de mestrado a gente vê alguns autores que são mais ligados à educação matemática. No caso eu comentei sobre Ubiratan D'Ambrosio, que é muito conhecido no Brasil e também fora do Brasil. E a partir dele outros teóricos, por exemplo, a professora Regina Buriasco, o professor Edilson Machado que fala da história da Matemática. A gente tem várias vertentes que eu utilizo e que direta ou indiretamente acabam aparecendo em sala de aula. E uma das tendências marcantes na educação matemática é a resolução de problemas, que conforme o nível de ensino que a gente estiver trabalhando vai ter determinadas características. No caso do ensino superior a ideia é que você dê situações para os alunos ou ligadas a conteúdo ou a ações que o professor utiliza em sala de aula, no intuito de mobilizar formas de resolver aquela situação e uma outra etapa seria no caso se eles tiverem necessidades, a de o professor instrumentalizar esse aluno na parte conceitual de maneira que esses alunos superem os problemas apresentados ou o professor contrapor a resolução que eles apresentaram com a teoria. Seria mais ou menos essa a estrutura dessa tendência.

Pq - E com relação à construção de conceitos? Como você trata essa questão?

En - No caso eu tenho dois tipos de conceitos a serem trabalhados: os conceitos matemáticos e os conceitos relacionados à educação. Quando eu trabalho os conceitos matemáticos eu tento mesmo desestruturar os alunos, porque muitas vezes eles têm os conceitos cristalizados, eles não param para pensar do ponto de vista dos futuros alunos deles. Um exemplo que eu posso citar seria a base do nosso sistema de numeração, que é base dez. Aí eu proponho registrar com base cinco, então eles ficam desesperados. Eles não sabem como agir, como fazer. Nesse momento eles acabam cometendo os mesmos erros que as crianças cometem. Portanto eles conseguem entender o que motivou a criança a pensar de um jeito ou de outro e daí eles conseguem pensar em como eles podem trabalhar com esse aluno. Na parte dos conceitos relativos às questões educacionais, só de eles estarem sensíveis, de analisarem os erros e as diferentes posturas que aparecem, isso mostra uma outra perspectiva do processo de ensino. Enfim, de um modo geral é entender qual é o meu papel na construção de conceitos dos futuros professores, a ideia é provocar formas de desestabilizar esse aluno, questionando as diversas concepções e fazendo com que eles percebam qual é o reflexo dessas concepções que eles têm do processo de ensino e aprendizagem em sala de aula. Se eles têm determinados objetivos, como vão desenvolver o seu trabalho de modo que consigam atingir esses objetivos.

ENTREVISTA 10

Nome: D.P. Idade: 54 anos. Formação: Ciências Biológicas. Tempo de experiência em cursos de Licenciatura: 15 anos.

Pq - A pesquisa em questão trata da ação docente no Ensino Superior. Eu estou buscando desvelar como os professores atuam com relação à sua metodologia, quais as práticas pedagógicas que eles utilizam no Ensino Superior e quais são os objetivos dessas práticas pedagógicas com relação ao desenvolvimento do aluno. Em um primeiro momento eu gostaria de saber: qual é a sua concepção de aprendizagem e desenvolvimento cognitivo? Como você percebe isso?

En - Bom, a minha concepção de aprendizagem é que ninguém aprende nada se não estiver pronto para aquilo, se ele não estiver pronto. E ninguém aprende nada também se não tiver significação e uma referência, ele pode até entre aspas falar que aprendeu, aprender com uma avaliação, mas depois ele acaba esquecendo. Então eu encaro a aprendizagem assim, eu só aprendo algo quando aquilo tem significação para mim.

Pq - E qual a sua concepção de aprendizagem e desenvolvimento cognitivo?

En - Na verdade a pessoa só aprende se ela realmente estiver interagindo com aquilo que está sendo explicado, então esse desenvolvimento cognitivo... eu não sou da área da Psicologia, mas eu entendo que caberia ao professor entender até como que o aluno, mesmo falando do ensino superior como que esse aluno chega à escola! Porque eu acredito que o como ele chega à escola, as circunstâncias em que ele chega à escola, por exemplo, depois de um dia de trabalho, afetam também o cognitivo dele. Então para mim a aprendizagem está muito ligada a essa empatia que a gente deveria ter mais com relação a esse aluno, saber que esse aluno teve um dia de trabalho, como foi o dia, quais os problemas que ele teve, para que esses processos cognitivos possam emergir mais, fluir mais, eu acredito que com isso a aprendizagem torna-se mais significativa.

Pq - E como você vê então a relação entre ensino, aprendizagem e desenvolvimento?

En - Na verdade ensino é uma coisa muito ampla, acho que é muito amplo e eu volto na primeira questão, que aprendizagem está muito ligada ao ensino e que a aprendizagem só tem significado se esse ensino for um ensino bem conduzido e conduzido para mim não é uma coisa assim com somente informação sendo despejada. Paulo Freire falava muito isso na educação bancária no livro dele, então eu acredito que esse ensino ele só será uma oportunidade melhor para esse aluno se tiver significado, e tem os meios, a mediação, essa troca com significado poderá consequentemente trazer sucessos cognitivos para esse aluno, desenvolvimento cognitivo. Favorecendo, propiciando melhor isso se essas condições forem dadas, eu acredito nessas condições e como disse antes é preciso também entender melhor o universo desse aluno, de onde ele vem, quais as suas dificuldades. Porque muitas vezes os professores do ensino superior não têm essa noção e eu ouço muito isso, quando eu trabalhei na coordenação eles chegavam e falavam assim: “esses alunos não sabem nada, eles vêm do ensino médio e não sabem nada” e eu acho que a função também do ensino superior é resgatar algumas coisas, porque antes eles estavam muito imaturos, não sabiam realmente o que queriam, não tinham um objetivo na vida, então agora no ensino superior eu acho que é papel também da escola como um todo nesse processo de ensino e aprendizagem resgatar um pouco isso.

Pq - E diante disso, eu gostaria de saber: quais são as práticas pedagógicas que você geralmente usa em sala de aula?

En - Então, a disciplina de metodologia científica os alunos não veem com bons olhos, porque eles não sabem a importância de se fazer uma resenha crítica, informativa, porque que eles têm que aprender a fazer relatórios e precisam fazer nas normas da ABNT. Bom, pelo menos para começo de conversa eles ficam mais cientes do que é ciência, eles veem muito essa coisa do senso comum, e nessa disciplina eu procuro trabalhar com eles que ao final é importante que eles consigam promover pelo menos alguma coisinha, sair daquele senso comum com que eles vieram. Então eu trabalho artigos, agora nessa semana de ciências nós também fizemos painéis, de forma que eu tento passar para eles a importância de logo no primeiro ano eles se voltarem para pesquisa. Porque eu falo que para o currículo deles depois é muito importante, tudo isso que eles vão contemplando, então eu procuro passar a disciplina, não aquela disciplina teórica, eminentemente teórica, então eu trabalho muito com vídeos.

Pq - Então você trabalha com vídeos.

En - Muito vídeo. Eu trabalho muito com seminário também, eu gosto muito de seminário que eu acho que é uma coisa que todos aprendem. Eu abomino um pouco a aula expositiva, eu acho que ela é importante, mas em um dado momento. A minha prática não tem muita aula expositiva não, porque eu acho que cansa muito o aluno, principalmente quando se trabalha com módulos, mas então eu procuro mesclar um pouco, mas via de regra eu trabalho com seminários, com vídeos, debatendo esses vídeos, tem também trabalho em grupo.

Pq - Explique melhor essas práticas.

En - Geralmente eu dou uma avaliação individual, porque eu preciso ver o que o aluno sabe, mas eu não tenho isso como um peso maior, porque eu acredito que na mediação ele aprende muito. A troca com o outro, mas não gosto de equipes grandes, porque eu acho que um grupo grande se dispersa muito, então geralmente eu dou uma atividade em dupla, em trio em que eu possa estar junto acompanhando, vendo mais ou menos se todos estão participando, e dou sempre uma avaliação como termômetro.

Pq - E no caso da metodologia do ensino de ciências?

En - Eu acho muito legal. Eu agendei no início do ano todos os laboratórios da faculdade, de anatomia, de física, de química. Para as minhas aulas geralmente eu preparo o material e até a metade da aula eu trabalho o conteúdo teórico, depois levo todos ao laboratório e faço os experimentos. Foi muito engraçado porque a maior parte dos alunos nunca havia manuseado um microscópio, e ficaram encantados. Fizemos experiências simples, experiências mesmo. Portanto trabalhei o teórico e o prático junto.

Pq - Essas seriam as aulas práticas?!

En - Sim, o teórico-prático. E no final do semestre distribuí para cada grupo um tema específico, por exemplo, um fez o aparelho digestivo, teve maquetes, teve todo o desenvolvimento embrionário, enfim, eles apresentaram para os alunos da faculdade. Tinha desde vídeo, que eles prepararam, até algumas apostilas. Eu fechei a disciplina com aqueles resultados de que havíamos nos apropriado no laboratório, nossa!, eles gostaram demais. Foi muito produtivo. Nós fizemos as experiências *in loco* mesmo nos laboratórios próprios da Biologia.

Pq - Quando você trabalha com vídeo, qual é a sua intenção?

En - É muito relativo, quando eu tenho que trabalhar um determinado conteúdo como a LDB, por exemplo, o vídeo seria uma forma de contextualizar historicamente. Eu resgato todo aquele lado de como era a escola pública daquele período e tal, seria buscar relacionar o passado e o presente, é com esse intuito. Os vídeos, por exemplo, na disciplina de ciências, eu solicito ao núcleo regional de educação aqueles vídeos relacionados aos conteúdos de ciências que tenho que trabalhar. Sempre tento trabalhar o pedagógico, focar a questão pedagógica envolvida.

Pq - E o que você acha que provoca no seu aluno quando utiliza esse tipo de atividade?

En - Eu acho muito interessante, porque para começo de conversa nós temos uns alunos muito jovens hoje, nosso público é um público muito jovem, então se você fala em questões como ditadura militar eles não conseguem visualizar bem isso, pois não viveram, daí a importância do vídeo em situar esse aluno no tempo e é muito interessante que alguns às vezes chegam e falam: “puxa, professora, eu discuti isso em casa e meu pai falou, é da minha época, tal”. Eu pontuo de uma forma que eles consigam se situar, porque senão eu acredito que aquilo que eu estou ensinando não tem muito significado, assim, eu trago o passado e o presente para dar um pouco de significado. Eu também percebo que eles se interessam muito porque às vezes eu exploro de uma forma mais aprofundada pedindo que tragam objetos da época ou alguma fato relevante. Ao final da disciplina faço seminários e peço que tragam não só conteúdos sobre educação, mas político e social também. Então eles trazem, por exemplo, a informação de quem era o presidente, o governador do Paraná naquele determinado período. Eles trazem as músicas, eles trazem por exemplo os filmes na área, no futebol, na moda. Então, eu acho muito interessante isso. Muito rico. Eles contextualizam e começam a entender o pensamento da época e relacionam com o pensamento de hoje. O conteúdo com a vivência, e pontuo sobre a questão de causa e efeito: por que no Brasil hoje, por exemplo, a educação está nesse patamar?! Porque tem todo um processo histórico, social e político. Então eu procuro passar isso, assim como as outras disciplinas também.

Pq - E quando você trabalha a questão da pesquisa?

En - A pesquisa é complicada, é complicada porque o nosso aluno do Ensino Superior não sabe o que é pesquisa. Ele chega e acha que pesquisa é copiar e colar. Então, quer dizer, é muito complicado porque às vezes você acaba a disciplina, e às vezes em um semestre dá metodologia, e você percebe que não conseguiu dar conta daquilo que você pretendia. O que eu passo para eles é o seguinte, para se tornar um pesquisador é muito difícil e teria que ter tempo para tal. Mas o mais importante é que ele consiga ao final da disciplina ou pelo menos na disciplina conseguir de um tema abordar pelo menos três, quatro autores, para que percebam o fio condutor. A linha epistemológica. Outro dia eu dei uma resenha crítica, e pedi mais dois autores e fui trabalhando as ideias desses autores. Fomos traçando parâmetros, o que concordam, o que discordam, e peço para eles fazerem um roteiro de perguntas, para fazerem uma entrevista, para não ficar naquela coisa só do bibliográfico. Ao final da disciplina, eles saem pelo menos com aquela iniciação de pesquisa, e chegam com outra visão, de que realmente eles precisam não só citar os autores, mas sobretudo articular também o pensamento deles e até perceber qual a ideologia, a filosofia, o norte teórico dos autores. Com qual [autor] ele se afeiçoa também.

Pq - E quando você trabalha o seminário? O que você espera ao trabalhar o seminário com esse aluno?

En - Geralmente no seminário eu coloco os temas e digo para eles que eles deverão não só se prender àquele texto que eu dei, devem procurar outros autores e digo também para a sala, vocês pesquisem outras coisas também relacionadas ao tema. A gente não pode se basear apenas em um único texto. Eu dou um tempo para eles trabalharem e também para o grupo interagir. Se concordo ou se discordo e se discordo e porquê. Demerval Saviani com muita propriedade fala: é muito cômodo a gente falar “Eu não concordo”. Mas então se você não concorda apresente sugestões porque daí você ficar no eu acho que não é assim, é preciso argumentar. Busco com o seminário que todos participem, cada um dá a sua ideia, mesmo que diferente porque eu percebo que muitas vezes não há o certo ou o errado, principalmente agora nessa disciplina que eu fiz e faço aqui na UEL, eu percebi que até com relação a normas dialetais não tem aquela coisa da norma culta, padrão. Porque eu estou conversando com você aqui e se você reproduzir isso aqui, tem muitas coisas que eu não falei S e eu não falei R. Porque a forma culta na escrita é uma coisa, mas na fala eu posso falar diferente. Então eu deixo que eles também coloquem a forma de pensar, a forma de agir e contraponho com a ideia do autor para que eles façam relações e entendam que não há uma verdade única. Eu penso assim.

Pq - Com certeza. E eu acho importante a gente ter essa visão, principalmente quando se trata de educação.

En - Porque são linhas diferentes. E você carrega o quê?! Você carrega as suas ideologias, com as quais eu posso, por exemplo, não concordar, mas eu tenho que aceitar, eu respeito.

Pq - E quando você faz todo esse processo do seminário, o que você espera desenvolver nesse aluno?

En - Principalmente o que o nosso aluno tem muito pouco, que é, por exemplo, a capacidade de conseguir extrair uma coisa dele sem ser uma cópia, de conseguir ter um pensamento crítico ou se posicionar diante de um, respaldado pelos autores, mas articulando o seu próprio pensamento, então que ele saia daquele senso comum e consiga enxergar as coisas de forma mais científica, com outro olhar, um olhar mais científico.

Pq - E quando você trabalha com a atividade em grupo, como são essas atividades geralmente?

En - Geralmente quando é texto, eu acho muito cansativo para ficar lendo em sala. Eu então digo que esse [texto] deverá ser lido para a próxima aula, todos deverão ler. Porque se eu chego e divido o texto para discussão sem eles já terem lido, fica muito fragmentado, então eu peço para todos lerem, mas sabemos que infelizmente nem todos leem. Em sala eu divido esse texto, e peço que eles exponham o que entenderam e vou complementando as ideias e trazendo outros referenciais porque também há coisas que a gente enquanto professor precisa buscar em outros referenciais e trazer para a discussão, eu tenho feito isso. Eu sempre peço para eles fazerem outras pesquisas em cima daquilo, sempre assim, nunca o texto pelo texto, porque eu acho que empobrece muito.

Pq - E o que você acha que provoca nesse aluno?

En - Eu percebo que muita coisa muda, do estado que ele estava no começo, ele muda muito, mesmo se é um aluno que não fala muito, porque nós temos muitos alunos que não falam muito, muitas vezes eles escrevem. A gente percebe que ele sai um pouco diferente do que ele entrou, você percebe isso, que há uma modificação mental, há uma transformação, eu creio nisso.

Pq - E como são essas aulas práticas? O que você intenciona trabalhar nesse aluno com as aulas práticas?

En - Eu vejo que eles serão futuros professores e, como futuro professores, muitos ainda não trabalham na educação, então se eu ficar só em sala de aula trabalhando conteúdo pelo conteúdo, eu acho que não tem uma significação tanto quanto. Se eu levo aos laboratórios, eles já têm uma vivência que até no estágio eles poderão aplicar aquela experiência, então quer dizer, já é uma prática transformadora. O meu objetivo é que eles saiam de lá com a teoria, mas a prática também é importante para eles utilizarem com a educação infantil e as séries iniciais. Então é basicamente esse meu objetivo.

Pq - E como você trata essa questão dos conceitos?

En - Geralmente, eu procuro trabalhar pelo menos dois ou três conceitos, aos poucos, os conceitos sobre determinado assunto. Porque o conceito, por exemplo, de ciências é um, mas às vezes tem um autor que fala um pouco mais. Não quer dizer que é diferente, só que eu acredito que os professores nunca devem ficar presos a apenas um autor ou um conceito, então eu trago sempre mais algumas coisas e como eu trabalho isso?! Esse conceito?! De que forma?! Nós ficamos geralmente até a hora do intervalo discutindo juntos a parte teórica, e depois quando vamos para o laboratório eles têm a oportunidade de aplicar o que foi discutido na prática. Essa vivência é muito importante, o fazer vale mais que mil palavras. Essa organização de ensino é bem produtiva porque às vezes nós lemos um texto e eles têm condição de na prática ver a utilidade do que foi discutido. Outro dia estávamos discutindo um texto que falava sobre a questão da imagem e depois fui ao laboratório e trabalhamos as fórmulas químicas e ao visualizar as fórmulas como H_2O , CO_2 , o aluno conseguiu relacionar a ideia trazida pelo texto e a questão da nomenclatura. Porque colocar CO_2 ao invés de dióxido de carbono. Através da visão, fica mais fácil para você compreender a fórmula química disposta dessa maneira e a aluna falou: “Ah, professora, então é por isso que no texto dizia que fica mais claro visualmente para a gente internalizar esse conhecimento, vê-las expostas assim”, é nesse sentido. Eu percebo que eles conseguem entender, conseguem coadunar a teoria com a prática, não tem como dissociar a teoria da prática e vice-versa. Ao adquirir o conceito, eles modificam a sua forma de pensar. Porque na verdade a prática por si só ela é vã, toda prática tem que estar respaldada por um conceito, pela teoria e o ensino médio deixa muito a desejar com relação a isso. No ensino superior eles começam a ter essa noção de relacionar a teoria com a prática, mas é importante também que os conceitos, os conteúdos estejam juntos com a construção dessa prática. Porém nem todos conseguem, porque se eu falar que todos conseguem eu estou sendo muito mentirosa, mas um grande número de alunos dão ênfase para os conceitos, percebem a importância daqueles conceitos, mas não dissociados da prática.

Pq - E você teria uma linha teórica que norteia o seu trabalho?

En - Eu acho que não, eu não tenho uma base teórica, muitas faculdades têm uma base teórica. Agora, por ser da educação, eu me afino muito com os conceitos de Paulo Freire, sabe, uso todos os livros dele, a pedagogia do oprimido, pedagogia da autonomia, por quê?! Porque eu me considero uma professora muito humana. Humana no sentido assim, de entender o lado do aluno, não ser condescendente com ele, não é isso não. Mas eu, eu tenho esse lado muito mais humano, com relação aos alunos, se o aluno chega e fala “professora, olha, por isso, por isso e por isso eu não pude entregar esse trabalho, eu posso entregar amanhã?!” eu digo “sim, só que a sua nota se aqui é dois, depois valerá um e meio”, isso eu falo logo no começo do ano, mas eu acredito que a minha linha é uma linha mais ligada a

Paulo Freire, eu acho. E vejo que o papel do professor no ensino superior tem que ser um papel de continuador de todo esse processo, porque eu falo da minha realidade. O meu público é aquele aluno ainda que o professor conhece, eu conheço meus alunos por nome, às vezes até por sobrenome, eu tenho uma relação de amizade com eles no corredor, eu tenho uma relação que não fica só aquela coisa dentro de sala de aula. E eu acho muito interessante porque depois de muitos anos que eles estão fora, eu recebo e-mails, telefonemas. Eu acredito que o papel do professor tem que ser esse de continuador desse processo todo, um grande incentivador, incentivar esse aluno mesmo porque muitos dos pais dos nossos alunos são quase que iletrados. Então, a formação de uma faculdade para eles é um mundo que se abre, então eu acho que cabe ao professor incentivar mais a fazer uma pós, incentivar os melhores alunos a fazerem um mestrado, que eles têm capacidade. Digo sempre a eles que eles têm que ser ratazana de biblioteca, procurar sempre ir à biblioteca. O meu papel tem sido esse, eu não me considero um professor só dentro da sala de aula, e digo com muita convicção, com muito orgulho, pois eu gosto muito do que eu faço.

ANEXO II - Texto Grupo Focal 2

A FORMAÇÃO DE CONCEITOS E A FORMAÇÃO DO PENSAMENTO TEÓRICO

A finalidade deste texto é apresentar os pressupostos teóricos da Psicologia Histórico-Cultural sobre a formação de conceitos e sua relação com o desenvolvimento do pensamento teórico. Serão objeto de discussão as ideias centrais de Vygotsky e Davidov no que se refere à teoria do ensino desenvolvimental. A escola, enquanto lugar de mediação cultural, onde há uma ação intencional voltada para a aprendizagem e desenvolvimento do ser humano, deve oferecer ao aluno condições para o exercício da reflexão crítica, por meio da análise da realidade, produzindo novas formas de pensar e agir no mundo.

O modus faciendi dessa mediação cultural, pelo trabalho dos professores, é o provimento aos alunos dos meios de aquisição de conceitos científicos e de desenvolvimento das capacidades cognitivas e operativas, dois elementos da aprendizagem escolar interligados e indissociáveis. (LIBÂNEO, 2004, p. 5)

Baseados nessa afirmação intenciona-se com este estudo defender a ideia de que no processo de ensino-aprendizagem o elemento central deve ser a aprendizagem do aluno, atrelada ao desenvolvimento do pensamento teórico. Assim, entende-se que a apreensão do conhecimento elaborado pressupõe o desenvolvimento do pensamento, é pela via do conhecimento que o homem desenvolve as suas estruturas cognitivas consideradas superiores, como atenção, percepção, memória e pensamento teórico.

A base teórica do trabalho parte do princípio vygotskiano de que a aprendizagem é uma articulação entre elementos externos e internos e que na internalização pelo indivíduo de signos culturalmente elaborados ocorre o aparecimento de capacidades intelectuais eminentemente humanas, sendo a linguagem o principal mediador desse processo.

Portanto,

O que está em questão é como o ensino pode impulsionar o desenvolvimento das competências cognitivas mediante a formação de conceitos e desenvolvimento do pensamento teórico, e por quais meios os alunos podem melhorar e potencializar sua aprendizagem. (LIBÂNEO, 2004, p. 6)

Segundo Vygotsky (1999), no processo de formação de conceitos o ponto central é o emprego funcional do signo ou palavra como meio de organização de operações mentais.

O conceito é impossível sem palavras, o pensamento em conceitos é impossível fora do pensamento verbal; em todo esse processo, o momento central, que tem todos os fundamentos para ser considerado causa decorrente do amadurecimento de conceitos, é o emprego específico da palavra, o emprego funcional do signo como meio de formação de conceitos. (VYGOTSKY, 2001, p. 170)

Pode-se concluir então que saber fazer uso da palavra e dos signos como condutores da atividade psíquica é imprescindível à formação de conceitos. A condição de autorregular-se fazendo uso de mediadores como a linguagem pode ser considerada uma das formas mais complexas de pensamento.

Não nos basta dominar as diversas palavras utilizadas em nosso contexto histórico e social. Para que as palavras cumpram a sua função organizadora e norteadora de pensamento é necessário apreender seus significados, apreender os conceitos embutidos nelas. E é o meio social que irá provocar no sujeito a necessidade de apreensão de conceitos ao colocar diante dele situações motivadoras que incitem o desenvolvimento do pensamento. O importante é provocar não a assimilação da palavra, mas sim a condição de se empregar conscientemente o conhecimento embutido nela. O real momento de apreensão do conceito em nível psicológico acontece quando palavra e conceito se tornam efetivamente propriedade do indivíduo. Posto que o “pensamento é o reflexo da realidade por meio da palavra” e “o pensamento humano é um pensamento verbal” (Menchiskaia, 1969), pode-se concluir que o pensamento é o reflexo generalizado da realidade e que a generalização se efetua por meio da linguagem.

A escola, ao ensinar conceitos sistematizados, perpassa por campos às vezes inatingíveis à experiência humana e por essa razão os processos de ensino e aprendizagem devem oportunizar situações de interação entre os chamados conceitos cotidianos¹ e os científicos².

¹ Conceitos cotidianos: Vygotsky denomina assim os conceitos construídos a partir dos enlaces situacionais, ou seja, a partir da realidade prática do indivíduo.

² Conceitos científicos: são categorizações e generalizações mais avançadas que possibilitam ao sujeito a formação de um tipo de pensamento teórico/conceitual.

O paradigma Histórico-Cultural postula que ao apropriar-se de conhecimentos culturalmente sistematizados, o indivíduo transforma sua atividade intelectual, o que permite deduzir que as ações educacionais, uma vez que são eminentemente intencionais, possuem a responsabilidade de promover o desenvolvimento intelectual do homem. De acordo com essa afirmação o indivíduo ao ampliar seus conhecimentos transforma a si mesmo e consequentemente a sua interação com o meio, provocando também mudanças nesse meio.

Convém ressaltar que para facilitar o desenvolvimento cognitivo não basta ao aluno estar inserido na escola, mas sim promover práticas educativas ou mediações pedagógicas que favoreçam um modo de pensamento mais complexo no âmbito escolar. Tais práticas devem possibilitar um tipo de pensamento descontextualizado que exija do sujeito não só a utilização de processos cognitivos, mas também a utilização de sua atividade consciente.

A ideia de que os conceitos são instrumentos de descontextualização da realidade imediata, na qual o significado da palavra está em constante desenvolvimento e provoca alterações nos processos psicológicos do pensamento, nos leva a concluir que os conceitos passam inicialmente pela situação prática e concreta da vida do indivíduo para depois alcançar situações de generalização e de abstração, formando o conhecimento organizado e sistematizado, reorganizando os processos psicológicos necessários à aprendizagem.

Ao alcançar categorizações e generalizações mais avançadas, o sujeito forma o que Vygotsky denomina de conceitos científicos e que são trabalhados cotidianamente no contexto escolar. Nesse sentido, deve-se afirmar que é de suma importância entender a relação entre a atividade docente enquanto mediadora e o processo de formação de conceitos científicos.

O ensino desenvolvimental proposto por Davidov a partir das ideias de Vygotsky sobre a formação de conceitos visa propor uma didática que esteja atrelada ao desenvolvimento do pensamento teórico. Segundo Libâneo (2004, p. 26) os princípios propostos pelo autor sobre o ensino desenvolvimental são os seguintes: a) A educação e o ensino são fatores determinantes do desenvolvimento mental; b) Deve-se levar em consideração as origens sociais do processo de desenvolvimento, ou seja, o desenvolvimento individual depende do desenvolvimento do coletivo; c) A educação é componente da atividade humana orientada para o desenvolvimento do pensamento através da atividade de aprendizagem dos alunos (formação de conceitos teóricos, generalização, análise, síntese,

raciocínio teórico, pensamento lógico), desde a escola elementar; d) A referência básica do processo de ensino são os objetos científicos (os conteúdos), reconstruídos sob forma de conceito teórico na atividade conjunta entre professor e alunos. A interação sujeito-objeto implica o uso de mediações simbólicas (sistemas, esquemas, mapas, modelos, isto é, signos, em sentido amplo) encontradas na cultura e na ciência.

Assim, para garantir por parte do educando a apreensão de conceitos científicos e um desenvolvimento mental efetivo é preciso promover mediações que favoreçam a percepção orientada, enfatizando generalizações, sistematizações e conscientizações, que representam processos cognitivos do pensamento. Nesse processo são desenvolvidos também os processos denominados de metacognitivos que envolvem a “consciência de estar consciente”, que seria a condição do sujeito de fazer uso de seus recursos cognitivos de forma consciente, a fim de adquirir determinados conhecimentos.

Como se observa, essa proposta parte da ideia-chave de Vygotsky relacionada com o papel do ensino no desenvolvimento das potencialidades intelectuais do ser humano.

Assim, para ampliar o conhecimento sobre esse assunto alguns questionamentos podem ser elencados no intuito de nortear a discussão: 1) Como se dá o processo de formação do pensamento teórico? 2) Quais as potencialidades e/ou operações intelectuais envolvidas nesse processo? 3) Como se caracteriza o pensamento teórico? 4) Qual a contribuição de tais teorias à prática docente?

ANEXO III – Transcrição do Grupo Focal 1

O objetivo desse primeiro grupo focal foi o de juntamente com os participantes da pesquisa refletirmos sobre os dados coletados nas entrevistas individuais a respeito das práticas pedagógicas utilizadas em sala de aula. A discussão teve como foco o mapeamento das práticas relatadas nas entrevistas anteriores, bem como dos objetivos educacionais embutidos nelas. Essa sessão durou noventa minutos, tendo a presença de oito dos dez sujeitos da pesquisa. Dois dos participantes não puderam comparecer devido ao fato de estarem envolvidos com atividades acadêmicas de suas instituições. Vale observar que um grande dificultador dessa técnica foi reunir todos os participantes da investigação. Foram necessárias várias mudanças de datas para que o maior número de pessoas pudesse comparecer a essa sessão do grupo. Esse fato está atrelado às funções do professor de ensino superior, que se vê envolvido em uma série de atividades, como pesquisa e participação em eventos. Assim, contou-se com a boa vontade e interesse dos participantes para que essa pesquisa pudesse acontecer nestes moldes.

Iniciamos a sessão fazendo as devidas apresentações. Logo depois a moderadora (pesquisadora) retoma o objetivo do grupo e descreve as características da técnica, buscando deixar claro ao grupo que o interesse é o de perceber as concepções, os sentimentos e as opiniões dos participantes sobre o assunto discutido.

Após as apresentações e o esclarecimento da técnica de grupo focal a moderadora deu início à leitura do quadro-síntese sobre as práticas elencadas por meio das entrevistas.

O primeiro item da síntese diz respeito ao que seriam as características das práticas, como: aproximação da Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP); possibilitam discussão teórica; são provocativas e problematizadoras.

A moderadora pergunta se estão de acordo com essas afirmações ou se há algo a ser mudado ou acrescentado no que se refere a essas características.

O item sobre a aproximação da ZDP foi questionado pela **professora Z.R. (Pedagogia)**, que considera que esse salto qualitativo também é de responsabilidade do aluno, e questiona como seria essa possibilidade de aproximação da ZDP.

A **professora L.C. (Pedagogia)** intervém afirmando que quando o aluno formula uma pergunta ou demonstra dúvida e o professor percebe que ele não está compreendendo, isso quer dizer que alguma coisa está faltando para que o professor consiga provocar, aproximar esse aluno do conhecimento que o professor quer que ele aprenda. Quando se consegue perceber isso, na relação com o aluno, o professor consegue trabalhar essa ZDP. Consegue ao trazer novos subsídios ao aluno aproximar dessa ZDP.

A **professora Z.R. (Pedagogia)** completa dizendo que isso acontece também na relação entre os próprios alunos. Destaca nesse momento a importância do trabalho em grupo e diz que apesar dos alunos não compreenderem inicialmente os conhecimentos estudados, aos poucos essa aproximação com o que de fato deve ser aprendido vai acontecendo.

A **professora K.A. (História)** diz entender que aos poucos os alunos vão tendo *insights* sobre o assunto.

A **professora L.C. (Pedagogia)** conclui dizendo que a ZDP seria aquele conhecimento de que o aluno ainda não se apoderou. Seria aquilo que está em potencial no aluno, que depende do professor, do coletivo, provocar, de modo a acionar as estruturas cognitivas no aluno para que ele compreenda determinado fenômeno, determinado conhecimento.

A moderadora diz que entende que sim e é feita uma pausa para qualquer manifestação do grupo. Não havendo nenhuma manifestação, passa a abordar a segunda característica elencada sobre as práticas que é a preocupação geral dos sujeitos em provocar aprendizagem e não só ensinar.

O **professor A.C. (Pedagogia)** esclarece que se assim fosse cairíamos na transmissão de conhecimento e só.

Sem mais opiniões, a moderadora fala sobre outra característica observada sobre as práticas que é o fato de todos terem a preocupação de favorecer o desenvolvimento do aluno.

Esse ponto é exposto pela **professora Z.R. (Pedagogia)**, que afirma ser importante deixar claro que os professores sempre pensam em favorecer o desenvolvimento do aluno, mas se irá ocorrer esse desenvolvimento é uma outra questão. Acha que o termo favorecer está corretíssimo, pois depende também do envolvimento do aluno, não só da intenção do professor.

A **professora L.C. (Pedagogia)** complementa a ideia dizendo que muitas vezes o aluno não percebe os objetivos das técnicas utilizadas em sala de aula, fica apenas na visão de se essa ou aquela prática foi legal ou não.

A **professora S.S. (Letras)** intervém dizendo que às vezes a gente ainda escuta os alunos falando: “Ah! Hoje não teve nada não, só teve um filme ou só teve uma música...”.

A **professora J.F. (Ciências Sociais)** diz: “daí você dá um roteiro de discussão do filme para eles discutirem, fazerem uma análise crítica, e o que você vê são respostas fragmentadas, desconexas”.

A **professora L.C. (Pedagogia)** destaca a importância do cuidado ao se utilizar tal prática para que isso não aconteça.

A **professora Z.R. (Pedagogia)** então completa: “é por isso que às vezes o professor tem um determinado objetivo, pensa que vai desencadear a aprendizagem do aluno, e às vezes isso não acontece”.

A **professora C.R. (Letras)** observa que quando ela traz essas estratégias, ao trabalhar a Língua Portuguesa com uma música, é diferente do que os professores de outra área trabalham. “O favorecimento do desenvolvimento tem uma conotação diferente, porque com essas formas didáticas eu tenho que trabalhar as regras gramaticais, foco mesmo só os conteúdos de Língua Portuguesa. Considero que para nós torna-se mais fácil trabalhar essas estratégias, pois podemos deixar claro o conhecimento que eles têm que aprender sobre a Língua Portuguesa”.

A **professora S.S. (Letras)** afirma que às vezes acontece o inverso, os alunos querem saber das regras e é preciso antes que eles escrevam, passem pelo processo de construção da língua. Esse processo é duro e demorado, diz ela, e só agora eles parecem estar entendendo porque têm que ler muito, escrever muito.

A **professora C.R. (Letras)** diz que é difícil fazer com que entendam que todo esse conhecimento sobre a Língua Portuguesa está refletido na música, no filme.

A **professora L.C. (Pedagogia)** considera que no Ensino Superior os professores têm dificuldade em conhecer e entender as dificuldades dos alunos: as disciplinas são semestrais, os professores às vezes não conseguem nem guardar todos os nomes, quem dirá conhecer o

processo de aprendizagem dos alunos. “A gente demora um tempo, às vezes as salas são numerosas, às vezes a carga horária da disciplina é pouca”. Esses são fatores dificultadores.

A **professora C.N. (Matemática)** se manifesta dizendo que principalmente ela é rejeitada desde o começo, porque trabalha com Matemática, e até os alunos conseguirem se abrir para a Matemática leva tempo. É preciso uma conquista diária.

A **professora C.R. (Letras)** verbaliza que outras áreas também sofrem essa discriminação, como a literatura, eles parecem não perceber a importância de todo esse conhecimento na formação deles enquanto professores.

A **professora Z.R. (Pedagogia)** afirma que nós também enquanto professores do Ensino Superior entendemos que o aluno nessa fase já deveria chegar com alguns requisitos de aprendizagem e desenvolvimento. E muitas vezes não é bem assim que ocorre.

A moderadora observa então que nós deveríamos partir do pressuposto de que há elementos a serem trabalhados com esses alunos que ainda não foram trabalhados.

A **professora Z.R. (Pedagogia)** completa dizendo que sim, o fato de estarmos trabalhando com alunos adultos nos dá a sensação de que esses estão mais ou menos prontos e nem sempre isso acontece.

O **professor A.C. (Pedagogia)** verbaliza que nós temos que levar em consideração também que muitos dos nossos alunos às vezes ficaram muito tempo afastados da sala de aula. Então há um espaço de tempo que devemos considerar entre o Ensino Médio e a faculdade. Esse é um aspecto, o outro diz respeito à maneira como esse Ensino Médio vem preparando esses alunos. Segundo observa, a gente percebe as várias dificuldades quando por exemplo pedimos para eles produzirem um texto e às vezes utilizam palavras cujo significado desconhecem.

Professora Z.R. (Pedagogia): “às vezes quando você questiona sobre o texto, eles ficam esperando que a resposta esteja bem fácil de se achar, que não vão precisar pensar para responder”.

O **professor A.C. (Pedagogia)** fala da grande dificuldade que os alunos têm em analisar e sintetizar ideias.

A **professora L.C. (Pedagogia)** diz que esse é o nosso grande desafio, pois transmitir conteúdo é fácil, mas desencadear o desenvolvimento dessas estruturas cognitivas, ampliar

essas estruturas cognitivas é uma luta constante dos professores. “Fazer com que os alunos leiam com maior profundidade, que os debates aprofundem os conteúdos trabalhados, exigir de suas capacidades cognitivas, considero que é um desafio muito grande. Fazer com que o aluno tenha uma compreensão cognitiva mais complexa exige muito esforço nosso”.

Professora C.N. (Matemática) diz: “porque senão fica tudo muito superficial!”.

A **professora L.C. (Pedagogia)** comenta: “pelo menos eu tenho muita dificuldade em fazer com que eles entendam a importância de se utilizar essas capacidades cognitivas e como o conhecimento é importante. Eu trabalho o tempo todo essa questão, falo da importância de tudo isso não só para a vida profissional, mas também pessoal deles”.

A **professora C.R. (Letras)** coloca que tem muito mesmo essa questão do pré-conceito sobre determinados conteúdos, como, por exemplo, falar de substantivo. “Eles até verbalizam que não vieram aqui para isso, mas eles esquecem que daqui alguns anos eles terão que ensinar isso em sala de aula. Acho que isso às vezes impede o desenvolvimento deles, ficam presos aos pré-conceitos, às experiências que já tiveram sobre o assunto”.

A **professora C.N. (Matemática)** comenta que os alunos muitas vezes colocam que não lembram, que não sabem, porque não ensinaram para eles. “E aí fica complicado, porque fica difícil romper esse ciclo. Como eles vão poder ensinar mais tarde esses conhecimentos que hoje consideram difíceis ou pouco prazerosos? Como no caso da Matemática, acham que não precisam aprender mais do que já sabem e isso é uma inverdade, pois eles serão futuros professores”.

A **professora J.F. (Ciências Sociais)** diz que gostaria de colocar que percebe muito a dicotomia entre o aprendizado que os alunos estão tendo em sala de aula e o fato de eles não conseguirem perceber a utilidade disso na sua prática. “Podemos perceber muito isso nas avaliações, se você pede que descrevam os conteúdos aprendidos, eles vão belamente, mas se você coloca uma situação-problema e pede que à luz do conteúdo trabalhado apontem alternativas ao problema, já há uma grande dificuldade por parte deles, pois eles não conseguem fazer essa ponte ao analisar a situação posta. Romper essa barreira, colocar obstáculos que os façam saltar qualitativamente, é realmente um desafio. Concordo plenamente com a professora L.C.”

A moderadora sugere então fechar esse item sobre as características das práticas educativas e pergunta: “Vocês também colocaram que essas práticas devem ser provocativas,

problematizadoras. Alguma observação a mais?”. Não havendo interferência passou-se ao item seguinte que diz respeito às práticas e seus objetivos. A moderadora continua a leitura do quadro sintético e pede ao grupo que analise as interpretações, pontuando o que acharem importante, ou completando o que for necessário. O quadro sintético foi composto por meio das entrevistas. Traz as práticas relatadas pelos sujeitos e analisa os objetivos propostos por essas práticas. A primeira atividade analisada é a atividade em grupo.

A **professora C.N. (Matemática)** acha importante dizer que essa prática inclui também o desenvolvimento de atitudes, como respeito ao colega, socialização, saber se posicionar em situações coletivas. “Acho que essa parte atitudinal é muito importante, pois precisamos trabalhar muito isso hoje”.

A **professora L.C. (Pedagogia)** fala do cuidado que se deve ter com esse tipo de atividade para não correr o risco de que alguns alunos participem e outros não.

A **professora Z.R. (Pedagogia)** reforça que essa questão das atitudes deveria ter mais espaço, acha que fica bem falho isso no decorrer do curso. Principalmente porque estamos falando de curso de formação de professores.

O **professor A.C. (Pedagogia)** observa que a formação do grupo sempre é feita pelos alunos e isso provoca certo distanciamento entre os outros, pois eles sempre se organizam de forma que só aqueles que já são mais chegados fiquem juntos. “Eles não se misturam, são sempre os mesmos. A gente enquanto professor peca muito nesse quesito”.

A **professora K.A. (História)** diz que já formou grupos por sorteio, “mas vira uma falação, que torna o trabalho difícil”. Essa relação humana é muito complicada e isso reflete no processo ensino-aprendizagem.

A **professora C.R. (Letras)** diz que mais do que nunca precisamos trabalhar a diversidade pois eles encontrarão alunos com perfil distinto em sala de aula. “Se não aceitam os próprios colegas, como vão fazer com os seus alunos? Acho que devemos pensar mais sobre isso. Trabalhar mais isso nos cursos”.

A **professora Z.R. (Pedagogia)** considera que nós também não fomos preparados para lidar com isso.

A **professora L.C. (Pedagogia)** verbaliza que teoricamente a gente faz isso, mas...

O **professor A.C. (Pedagogia)** diz que isso é o que chamamos de simetria invertida, pois eles vão querer que seus alunos se deem bem, mas na faculdade eles consideram que não precisam se dar bem com todos.

A **professora L.C. (Pedagogia)** diz que o discurso é um e na prática é outra coisa.

Sem mais interferências a moderadora continua a leitura, passando para a segunda prática elencada que é a atividade individual.

A **professora C.R. (Letras)** observa que acha que vale acrescentar que a produção escrita em um primeiro momento possibilita entender o quanto o aluno traz de conhecimento, o quanto ele já sabe, e o que vai precisar trabalhar com esse aluno.

Professora L.C. (Pedagogia): seria o ponto de partida.

Professora C.R. (Letras): seria uma avaliação diagnóstica.

A **professora S.S. (Letras)** considera que essa produção de texto pode ser tanto a oral quanto a escrita. Seria o momento de conhecermos o nosso aluno.

Sem mais a moderadora continua a leitura, passando para outra prática que é a de seminário.

A **professora J.F. (Ciências Sociais)** coloca que sobre o seminário tem algo interessante a falar, pois como nós nos desdobramos para trazer formas diferenciadas de ensino, há pouco tempo mudou a forma de trabalhar com o seminário. “Sempre dava o seminário depois de explorar bem o conteúdo, como forma de aprofundamento. Há pouco tempo fiz o inverso, eles tiveram que montar a discussão sem que eu tivesse explicado os conteúdos, e percebi que houve um decréscimo quanto à aprendizagem. Eles até pediram que não trabalhasse mais assim, que era preciso trabalhar os conteúdos primeiro para depois fazer o seminário”.

A **professora C.R. (Letras)** diz que é sempre bom frisar a necessidade de desenvolver a oralidade e o seminário contribui muito para isso.

A **professora Z.R. (Pedagogia)** relata que ao trabalhar o seminário é importante que o professor fique atento, pois talvez aqueles alunos que mais precisem se desenvolver sejam aqueles que menos se envolvem no processo. Conta que trabalhou com uma turma o seminário, e trouxe um roteiro dizendo o que era um seminário, quais os objetivos do seminário, como eles poderiam trabalhar o seminário e o que ocorreu foi um choque por parte

dos alunos, pois entenderam que aquilo era uma exigência muito alta. “Um dos critérios que eu orientei foi que eles evitassem dividir o texto, que todos fizessem a leitura e tentassem apreender o todo do texto. Foi muito difícil para eles entenderem o conjunto. Me preocupo muito com o seminário para que não haja uma fragmentação do conteúdo e possamos realmente trabalhar o conjunto de estruturas cognitivas que possibilite a análise e a síntese do conhecimento. E também que não se centre só em alguns poucos alunos”.

A **professora J.F. (Ciências Sociais)** diz que uma das formas que ela encontrou para minimizar essa situação foi estipular que os alunos teriam uma nota em comum pelo trabalho escrito, mas que teriam também uma nota individual na apresentação oral.

A **professora K.A. (História)** disse que fez um trabalho junto aos alunos sobre metodologia do ensino de História em que eles teriam que apresentar várias formas de trabalhar os conteúdos da disciplina, mas antes trabalhou um texto que discutia como não tornar o ensino de História enfadonho. Depois levantou algumas questões norteadoras ao trabalho que os alunos teriam que apresentar. Disse que foi bem interessante, pois apareceram atividades inovadoras, e foi preciso muito estudo. E com isso eles entenderam que para fazer é preciso antes saber, conhecer bem o assunto a ser trabalhado.

As **professoras J.F. (Ciências Sociais)** e **K.A. (História)** dizem que consideraram muito importante a **professora Z.R. (Pedagogia)** ter trabalhado com os alunos o que de fato é um seminário, assim eles podem realmente abstrair, aprofundar os conteúdos a serem apresentados.

O **professor A.C. (Pedagogia)** pontua que infelizmente em seu curso de formação universitária muitos professores utilizavam a prática do seminário para não dar aulas. “Por isso hoje eu tenho certo receio e busco ter o maior cuidado possível ao trabalhar seminário”. Entende ele que muitas vezes o seminário deixa de ser um recurso pedagógico.

A **professora K.A. (História)** diz que em todas as práticas é de suma importância que o professor entenda as vantagens e as desvantagens envolvidas, para que essas práticas sejam o mais proveitosas possível.

A moderadora retoma o quadro-síntese discutindo a próxima prática que seria a situação-problema, relata as informações abstraídas das entrevistas e questiona se está correta ou não a forma como compreendeu tais informações.

A **professora L.C. (Pedagogia)** verbaliza que está vivenciando muito isso em estágio. Que pega os planejamentos e fica às vezes um pouco decepcionada, pois há uma pobreza de informação, de técnicas inovadoras. “O que parece é que quando eles vão a campo, voltam bem contaminados com a forma como o professor da escola trabalha. Voltam com aquele esquema”. Isso a tem incomodado muito, pois fica se perguntando onde está toda a teoria que já foi trabalhada com esse aluno. Parece que todas as discussões, que todas as questões trabalhadas no curso não aparecem nesse momento. A professora relata que no dia anterior acompanhara duas alunas no estágio, e o que viu foram aquelas atividades mais tradicionais, como separar sílabas, juntar sílabas e passar atividade no quadro. Então fica se perguntando: “cadê toda a teoria discutida no curso de formação?”.

A moderadora questiona: o aluno está passando pelo curso de graduação e está sendo realmente transformado?

A **professora J.F. (Ciências Sociais)** chama a atenção para uma questão que já foi debatida e que se refere ao fato de nós professores do Ensino Superior acharmos que o aluno ao chegar na universidade já deva ser mais preparado. “E então a gente leva um choque pois não é bem assim”, diz ela.

A **professora Z.R. (Pedagogia)** considera que há um hiato na formação, pois a grande questão é entender o que acontece para esse aluno ao chegar na escola, no momento de colocar todo conhecimento aprendido no curso não consegue fazer isso. “Algumas hipóteses podem ser levantadas, mas acho que o principal é questionarmos se realmente alguma coisa está ficando do que estamos ensinando aqui. E seria lá no estágio que poderíamos verificar o que realmente está ficando”.

A **professora J.F. (Ciências Sociais)** interfere dizendo que é o que já pontuamos aqui, se pedirmos que façam uma prova discursiva, com certeza irão fazê-la belamente, mas ao darmos uma situação-problema para que eles busquem os conhecimentos já aprendidos, eles não conseguem. É o que acontece com o estágio, eles não conseguem transpor os conhecimentos para a realidade prática.

A **professora Z.R. (Pedagogia)** coloca que nesse sentido há desenvolvimento sim, o aluno consegue lidar de modo diferente com algumas coisas do que lidava antes de chegarem. Considera que essa formação tem que ser revista, pois parece não ser o suficiente.

A **professora L.C. (Pedagogia)** diz que quando se olha para o Ensino Fundamental, quando vamos acompanhar esse aluno em estágio, ficamos perplexos, pois o que se vê são poucas mudanças. Verbaliza que se assusta diante da situação atual, ainda mais que faz parte de uma geração que passou por um ensino tradicional e que acompanhou uma série de mudanças na educação, mas antes pelo menos os alunos escreviam melhor, tinham um domínio de conteúdo melhor, embora fosse uma coisa bastante fechada, bem sistematizada. Diz se preocupar muito com isso, pois apesar da mudança na educação em trabalhar a autonomia do indivíduo, o que se vê é uma escola onde os conteúdos são trabalhados de uma forma completamente fragmentada. Cita um exemplo: “ontem eu peguei um planejamento de estágio que a aluna fez junto com a professora da sala onde ela irá executar o estágio e fiquei muito preocupada, pois a professora regente não conseguiu diferenciar conteúdo de objetivos”.

A **professora J.F. (Ciências Sociais)** observa que está entendendo pelo relato das colegas que parece que a fala da professora que está lá na escola tem um peso maior para o aluno do que a nossa fala enquanto os próprios professores deles. E levanta uma questão: “A que podemos atribuir essa situação?”.

O **professor A.C. (Pedagogia)** intervém dizendo que muito disso se refere ao comodismo do aluno, porque “é muito mais fácil fazer do jeito da professora lá, do que do jeito que se ensina aqui”. Primeiro porque ela vai avaliar esse estagiário. Segundo porque quando o professor sai da Faculdade ele sai cheio de ideias, mas aos poucos ele vai sendo engolido pelo sistema, criado pelos atores que atuam na escola. E os professores que já atuam na escola também passaram por esse processo. Então tudo aquilo que foi trabalhado durante a formação fica esquecido, adormecido, acaba se perdendo ao longo do caminho.

A **professora L.C. (Pedagogia)** verbaliza que estão perdendo muito rápido tudo isso.

A **professora K.A (História)** conta que no dia anterior uma aluna pedira ajuda para fazer um planejamento. E ela então disse à aluna que tentasse se lembrar de todas as formas que eles trabalharam sobre o ensino de História, mas a aluna insistiu em pedir-lhe que desse algo já pronto, para que ela executasse no estágio. Verbaliza que tentou fazer com que a aluna pensasse em algo e montasse o seu planejamento.

A **professora L.C. (Pedagogia)** intervém dizendo que nós estamos nos submetendo a essa situação, pois precisamos da escola para que **elas** executem o estágio. E ao invés de

contribuirmos com a escola trazendo novas reflexões, estamos nos submetendo aos velhos hábitos.

A **professora S.S. (Letras)** se manifesta dizendo que parece haver vários fatores aí. Em sala de aula enfrenta grandes dificuldades ao ter que trabalhar a fundamentação teórica de sua disciplina, pois os alunos já querem de imediato partir para as atividades práticas. Diz que sofreu muito no início do ano para tentar fazê-los entender que a fundamentação teórica é realmente essencial, e que precisam dominar bem o assunto que irão ensinar mais tarde. “E há mesmo essa dificuldade em perceber que o que está sendo trabalhado aqui eles irão utilizar em sala de aula, quando forem atuar. Mas também já aconteceu de alunos que já atuam em sala de aula começarem a refletir sobre as metodologias de ensino e perceberem que precisam mudar. E também quando vão a campo eles sentem que não é fácil querer mudar as coisas, pois lá na escola há uma série de exigências que eles vão ter que enfrentar, mas sempre reflito com eles que apesar das exigências nós podemos fazer algo diferenciado. Esse é um caminho doloroso, que depende muito do aluno e do professor. E a situação está tão caótica que se de quarenta alunos nossos, dois ou três demonstrarem que querem lutar por mudança, a gente já se sente feliz”.

Os outros participantes se manifestam diante da fala da professora, dando risada sobre a situação caótica, e há nesse momento uma descontração geral no grupo, cujos integrantes brincam dizendo que “esse grupo focal vai dar mais uma pesquisa, pois muitos dados estão emergindo”.

A moderadora continua a leitura trazendo a próxima prática que é a aula expositiva.

A **professora L.C. (Pedagogia)** considera que o maior desafio diante dessa atividade é o de seduzir o aluno para a discussão, para os conhecimentos a serem trabalhados. “E às vezes a gente está lá se desdobrando para que os alunos se interessem, se envolvam na aula e eles estão lá parece que longe, não estão nem aí!”. Verbaliza que é uma luta constante.

Nesse momento há uma série de risadas...

A moderadora retoma a discussão reforçando o objetivo da pesquisa, que está diretamente ligado a essa angústia sentida pelo grupo de querer mudar a situação, de querer quebrar esse círculo vicioso. Passa à discussão da próxima atividade que é a atividade de leitura, que de acordo com os relatos pode acontecer em grupo ou individualmente. Já ao verbalizar isso há várias manifestações de descontentamento por parte dos professores.

A **professora Z.R. (Pedagogia)** se manifesta dizendo que essa é uma atividade que está ficando cada vez mais difícil de se trabalhar, pois há por parte dos alunos uma séria resistência à leitura. Considera que para atingir todos os objetivos elencados na pesquisa é preciso que o aluno queira ler. E eles não estão lendo. “Cada ano que passa a gente traz textos mais fáceis e mesmo assim eles não querem ler”.

A **professora J.F. (Ciências Sociais)** afirma que concorda muito com o que a professora Z.R. expõe. Pois em outras ocasiões “eles tiravam o xerox antes, mas hoje o que se percebe é que [somente] no dia da aula é que eles vão providenciar o texto.

A **professora K.A. (História)** intervém dizendo que um jeito que ela encontrou para fazer com que esses alunos tivessem todos os textos foi montar uma apostila antes.

A **professora J.F. (Ciências Sociais)** diz que às vezes se pega facilitando muito essa questão para os alunos. Acha que acabamos baixando o padrão de qualidade dos textos, em virtude desse fato. “Comigo aconteceu isso, quando percebi estava nessa situação e então aumentei o nível de exigência com eles”.

A **professora L.C. (Pedagogia)** também chama a atenção para o fato de que muitas vezes os alunos estão sem o texto e a gente acaba encaminhando a aula de outra forma, o que é errado de nossa parte.

E há uma indagação geral: “e como fazer?”.

A moderadora chama a atenção para o fato de que talvez a grande dificuldade na questão da leitura ocorra porque tal atividade está diretamente ligada à elaboração de conceitos, à construção de conhecimentos e isso talvez não esteja muito claro nem para nós enquanto professores. Talvez entendermos esse processo de apropriação de conceitos, de conhecimento e sua relação com o desenvolvimento de estruturas cognitivas mais sofisticadas seja um caminho que possa nos ajudar.

Há um momento de silêncio. Os participantes parecem estar pensando sobre a afirmação da moderadora.

A **professora L.C. (Pedagogia)** observa que há aí vários fatores. Há alunos que têm muita dificuldade em entender os textos, pois eles têm uma linguagem bastante elementar, um vocabulário limitado que às vezes faz com que desistam da leitura. Quando esbarram com termos mais complexos na leitura, tomam uma posição de desistir e não de procurar entender.

A moderadora intervém: “E nós, professores, entendemos esse processo de apropriação de conceitos?”.

Há um novo momento de silêncio.

A **professora J.F. (Ciências Sociais)** se manifesta dizendo que o que parece é que durante a leitura, quando os alunos esbarram com um conceito novo, não buscam compreender tal conceito, simplesmente o ignoram e o que acontece é uma fragmentação no entendimento do texto como um todo pois há partes que não foram compreendidas. Fica uma leitura superficial. “Um exemplo que podemos dar é a palavra paradoxo. Como eles não sabem o significado e todo o contexto embutido na palavra paradoxo, quando essa palavra aparece em um texto eles não conseguem relacionar as ideias, nem mesmo abstrair as ideias envolvidas nesse contexto e então fica tudo muito vago, distante”.

A **professora L.C. (Pedagogia)** indaga: “se os alunos não se apropriam de conceitos mais gerais, mais básicos, como poderão se apropriar de algo mais complexo?” Eles não conseguem compor uma rede de conceitos, não relacionam os diversos conceitos.

O **professor A.C. (Pedagogia)** observa que essa dificuldade de entender conceitos e de trabalhar com eles tem a ver com a facilidade com que as coisas hoje acontecem de uma maneira geral, com o fácil acesso à informação, pois hoje tudo vem “mastigado”, superficial. Não há por parte das pessoas uma necessidade de pensar, vem tudo muito pronto..

A **professora L.C. (Pedagogia)** intervém dizendo que essa situação de superficialidade não mobiliza estruturas cognitivas mais complexas. “Então quando você dá um texto que exige o uso de estrutura mais complexas e o aluno não dá conta disso, ele desiste. Ou espera que você dê isso mastigado”.

A moderadora se manifesta com um questionamento: “Então como fazer? O aluno está saindo do Ensino Superior diferente de quando chegou? Nós estamos conseguindo transformar esse aluno?”.

O **professor A.C. (Pedagogia)** observa: “O aluno entra e sai pensando diferente, só que o pensar dele não é suficiente para enfrentar os desafios que ele vai enfrentar lá fora. Porque de uma forma ou de outra ele se transforma, agora esse nosso transformar está sendo insuficiente. Essa atividade de leitura teria que ser essencial na formação do aluno e não está sendo”.

A **professora Z.R. (Pedagogia)** diz que como os professores não conseguem motivar esse aluno para a leitura, o que acontece é que quando eles necessitam escrever de uma forma mais científica, mais complexa, eles não conseguem, como no TCC.

A moderadora pergunta: “Então como faremos para suprir essa dificuldade no processo?”.

A **professora L.C. (Pedagogia)** expõe que é uma dificuldade sentida pelos professores: “a gente sabe que tem esse desafio, e ainda não conseguimos transpor essa dificuldade”.

Há um momento de reflexão e sem mais manifestações a moderadora passa ao item seguinte, relativo à prática também mencionada nos relatos que é a prática de pesquisa.

A **professora K.A. (História)** completa a ideia dos objetivos educacionais com essa prática que é a de contrapor, entender os pareceres diferentes sobre o mesmo assunto.

Sem mais manifestações passa-se à última atividade que seria a atividade de prática que aos olhos de todos está bem definida e responde àquilo que os participantes consideram que seja o seu objetivo.

O encerramento ocorre com os agradecimentos da moderadora à participação e colaboração de todos, que muito contribuíram para o processo de pesquisa.

Alguns se manifestam dizendo que o momento do GF foi muito rico e proveitoso, além de promover uma integração bastante produtiva e estimulante entre os participantes.

O grupo transcorreu tranquilamente e com a participação de todos o clima foi bem agradável, havendo colaboração e interação entre todos os participantes. Mesmo aqueles que no início se demonstraram mais tímidos ao final estavam totalmente integrados ao grupo.

ANEXO IV – Transcrição do Grupo Focal 2

O objetivo desta segunda sessão de grupo focal foi o de juntamente com os sujeitos de pesquisa refletir sobre o assunto central deste estudo, que diz respeito à relação entre ensino, aprendizagem e desenvolvimento cognitivo no Ensino Superior a partir da compreensão que têm do processo de formação de conceitos e a sua relação com a formação do pensamento teórico. Essa sessão teve a duração de uma hora e trinta minutos.

Para tanto, iniciamos essa sessão reiterando ao grupo os objetivos e temas a serem discutidos. Foram feitas também as apresentações dos participantes que não puderam estar presentes na sessão passada, pontuando o formato do grupo focal e informando tais integrantes da discussão passada, no intuito de contextualizarmos a discussão. Dois participantes da pesquisa não puderam comparecer a essa sessão por questões de cunho pessoal e outros dois chegaram após o início da discussão.

Feito isso, a pesquisadora pede ao grupo de sujeitos que pensem sobre o que eles entendem que seja um conceito. Neste momento lhes foi entregue uma folha em branco para que pudessem escrever sobre a questão solicitada, organizando melhor o seu pensamento.

A **professora L.C. (Pedagogia)** descreve conceito como sendo uma capacidade de abstração reflexiva do indivíduo sobre objeto, mundo, percepções, as relações, de forma articulada. Capacidade de expressar a essência do objeto de forma categorizada.

A **professora Z.R. (Pedagogia)** relata que conceito é a explicação de fatos e fenômenos que enredam a vida humana, que levam a elaborações, compreensões e abstrações mais complexas e que norteiam as ações e decisões.

A **professora J.F. (Ciências Sociais)** diz ser a maneira como se explica determinada situação, ou uma determinada relação e como se entende o processo adequado daquela situação, é uma abstração, ou seja, uma construção abstrata.

A **professora B.M. (Psicologia)** entende ser uma representação mental das relações humanas ou dos fatos da natureza.

A **professora D.P. (Ciências Biológicas)** diz que diferentemente de uma definição, vem à mente algo com certo teor científico, mas considera que conceito, além de ser essa reflexão, apesar disso ainda é na maioria das vezes revestido de senso comum.

O **professor A.C. (Pedagogia)** afirma que conceito é a forma como nós procuramos explicar um fenômeno ou acontecimento em qualquer área de conhecimento.

A pesquisadora coloca em debate o item dois da discussão, no intuito de ampliar ainda mais a reflexão sobre o assunto. Assim, questiona como os professores entendem o processo de formação de conceitos e como esse processo colabora com o desenvolvimento de capacidades cognitivas.

O **professor A.C. (Pedagogia)** diz pensar que teríamos que fazer uma viagem muito longa mentalmente para tentar explicar isso. “Independentemente de pensarmos nas teorias que foram elaboradas sobre conceito, acho que tem muito a ver com a história de vida de cada um, com a maneira com que cada um foi criado, as escolas em que cada um estudou, os professores que cada um teve, pois tudo isso é uma soma de coisas que nos constitui como sujeitos da História. Cada um tem uma história, em muitos assuntos cada um de nós tem os próprios conceitos, porque tivemos histórias de vida diferentes. As pessoas que contribuíram para que a gente se constituísse como sujeito na nossa história foram sujeitos também diferentes. Isso tudo faz parte do nosso processo de elaboração de conceitos”.

A pesquisadora afirma então que podemos entender que esse processo de elaboração conceitual se dá na relação do indivíduo com o meio e com os outros sujeitos.

O **professor A.C. (Pedagogia)** concorda.

E a **professora J.F. (Ciências Sociais)** complementa dizendo que esse seria um processo dialético.

A **professora D.P. (Ciências Biológicas)** relata que é assim mesmo que ela vê esse processo, e que por isso não podemos dizer que um determinado conceito é algo estático e pronto, pois temos vários paradigmas, vários modelos de interpretação. E justifica: “Porque o conceito nasce justamente dessas inter-relações e o que pode ser óbvio para um pode não ser para outro. É essa a construção. É um processo dinâmico”.

A **professora Z.R. (Pedagogia)** interfere dizendo que é um processo infinito, porque nós vamos estabelecendo novas relações, revendo novas coisas e há algumas coisas que nós nem revemos. Mudamos nossos conceitos. É um processo constante.

A pesquisadora interpela dizendo que ao falar desses conceitos podemos entender que há dois tipos de conceitos: cotidianos e científicos.

A **professora J.F. (Ciências Sociais)** diz que tem a impressão de que embora as categorias de construção dos conceitos de senso comum e dos conceitos dentro da ciência sejam diferentes, pensa que o processo é dialético (e aí diz que pega a fala de todos) e considera que se dá nos dois âmbitos, de forma dialética, processual, infinita. O que diferencia um do outro são as categorias que são apropriadas para a construção desse conceito.

A **professora L.C. (Pedagogia)** considera que as categorias de senso comum são soltas e não tem que ter necessariamente as articulações e as redes de lógica, de validade, de verdade. Já o conceito científico tem que criar redes de lógica, de verdades para que se constitua.

A **professora Z.R. (Pedagogia)** diz que é por isso que às vezes nós ficamos meio frustrados porque propomos alguma coisa subentendendo que os alunos já tenham conhecimentos necessários para fazer essa construção e essa análise, para buscar algum vínculo, alguma relação com o que já viram antes. E observa que o que se vê é que eles não conseguem.

A **professora L.C. (Pedagogia)** diz que a frustração está em não conseguir fazer com que os alunos se superem.

A **professora Z.R. (Pedagogia)** verbaliza que isso também tem a ver com o desejo da pessoa, de fazer essas relações, de analisar por esse prisma. Se for uma categoria científica ainda que não seja completamente verdadeira é preciso buscar alguns enfoques que nos deem sustentação. Essa é uma questão difícil, segundo observa.

A **professora L.C. (Pedagogia)** diz que é uma questão de dados, de aprimoramentos, de percepção.

A **professora D.P. (Ciências Biológicas)** entende que essa questão é muito difícil e por isso insiste em dizer que a grande maioria fica mais no senso comum.

A **professora L.C. (Pedagogia)** complementa dizendo que são poucos os alunos que conseguem ultrapassar essa dimensão e conseguem por si só ao estabelecerem as relações com o meio ampliar a sua capacidade de entender, de interferir, de processar, e é nesse processo que o docente se frustra.

A **professora Z.R. (Pedagogia)** diz que por isso pensou que conceitos estão vinculados às nossas ações e decisões. “Porque são esses vínculos que vão fazer pensar, refletir sobre que caminho eu vou buscar e porque eu decidi por determinado caminho”.

A **professora D.P. (Ciências Biológicas)** observa que existem muitas coisas que esbarram nesse processo, como a questão das ideologias. “Então na verdade o que é valioso para você pode não ser para o seu aluno. Às vezes você defende uma ideia e para o aluno talvez aquilo esteja muito distante, ou ele está muito aquém, então considero que esse é um campo muito complexo e que para se chegar a um mesmo patamar é muito complicado”.

A pesquisadora intervém dizendo que talvez para nós enquanto professores esse seja um campo ainda mais complexo, pois estamos o tempo todo lidando com construção de conceitos.

A **professora J.F. (Ciências Sociais)** verbaliza que isso é muito comum na sua área, pois quando trabalha com as três linhas de pensamento diferentes, três categorias de análises da Sociologia, o que acontece é que os alunos acabam ficando “deslumbrados” com uma determinada linha e quando se coloca uma situação de análise elas pensam que estão utilizando um determinado pensamento, mas na realidade estão tramitando por outro.

A **professora C.R. (Letras)** relata que, em se falando de complexidade, assim como a Sociologia a Língua Portuguesa também é complicada, porque ela não é estanque. “O conceito que era verdadeiro ontem, hoje pode não ser mais. Por isso é complicado trabalhar também com conceitos em Língua Portuguesa. Um exemplo disso é a reforma ortográfica. Na Matemática, por exemplo, os conceitos não mudam, e daí fazer compreender esse processo é muito difícil”.

A **professora D.P. (Ciências Biológicas)** diz que é importante observar que a forma de apreensão de conhecimento é diferente para cada aluno, mais ainda quando se trata de alunos com necessidades educativas especiais, que cada vez mais estão chegando ao Ensino Superior. Segundo observa, temos que entender que essa construção do conhecimento, essa relação dialética de que estamos falando, não se dá de forma linear. Daí termos que entender toda essa diversidade que hoje enfrentamos em sala de aula.

A **professora S.S. (Letras)** aponta que na disciplina de Língua Portuguesa transformar esse conceito de senso comum em científico é um processo muito complicado.

A pesquisadora interpela dizendo que outra dificuldade que parece chamar atenção é o fato de que viemos de uma escola tradicional e agora precisamos trabalhar de uma forma diferente, hoje precisamos trabalhar o pensar, a reflexão. Coisa que antes não acontecia. Considera que se torna mais difícil trabalhar algo que nós não vivenciamos. Por isso a necessidade de ainda termos que buscar muito conhecimento nesse campo.

A **professora B.M. (Psicologia)** diz que realmente temos que vivenciar muito, pois considera que o nosso problema, como nós somos construtores conceituais, a nossa forma de vivência como pessoa é diferenciada. Daí a necessidade de termos que buscar nossa própria descoberta sobre o como se dá esse processo para daí podermos trabalhar com o outro. Nós demos um salto, com certeza, mas fizemos isso dentro de outro modelo, precisamos entender, refletir agora dentro desse novo modelo.

A pesquisadora então aproveita a fala da professora e lança a terceira questão a ser discutida, que visa analisar como o grupo compreende a relação entre esse processo de formação de conceitos e o desenvolvimento de capacidades cognitivas mais complexas como o pensamento teórico.

A **professora C.R. (Letras)** considera importante mostrar aos alunos que esse saber científico sozinho não significa nada, que não há uma verdade absoluta, que há uma diversidade de elementos que compõem os conceitos.

A **professora L.C. (Pedagogia)** complementa dizendo que o conhecimento é uma construção histórica.

A **professora C.R. (Letras)** diz que os conceitos são subsídios para que os alunos pensem a realidade.

A **professora L.C. (Pedagogia)** verbaliza que é preciso pensar nesses moldes desde a Educação Básica, pois quando os alunos ingressam no Ensino Superior eles trazem toda essa bagagem e fica difícil quebrar essa forma de compreender o mundo e de pensar. Segundo observa, os alunos têm que entender que é preciso fazer um esforço mental maior. É preciso exercitar o pensamento autônomo.

A pesquisadora retoma a questão da relação com o desenvolvimento de estruturas cognitivas.

A **professora L.C. (Pedagogia)** afirma que parece que os alunos não têm muita consciência disso, acha que até para os professores é difícil compreender isso: É-nos difícil compreender como a gente se processa, como aprendemos e como nos apropriamos dos vários conhecimentos.

A **professora C.R. (Letras)** complementa dizendo que é preciso que haja por parte dos alunos o entendimento do que fazer com o que aprendemos. “Nem tudo que você aprende você vai colocar em prática, mas são conhecimentos necessários à sua formação. Em algum momento da sua prática eles poderão precisar disso. Considero que é importante deixar claro isso para os alunos”.

A **professora J.F. (Ciências Sociais)** considera que o grande desafio desse processo de aprendizagem é o de que os alunos irão se deparar com uma realidade na qual terão que buscar respostas para as várias situações e é preciso que eles compreendam que toda essa gama de conhecimentos é que dará condições para que atuem da melhor forma em sua realidade prospectiva. “O desafio é saber qual dessas teorias apreendidas na academia irá me dar condições de lidar com os problemas. Sobre a questão das capacidades cognitivas, penso que no caso da Sociologia, que é uma área muito abstrata, eles têm muita dificuldade, não compreendem que faz parte de um processo, que é um caminhar composto de saltos qualitativos. E que esse processo é eterno, vamos sempre estar em processo de conhecimento”.

A **professora L.C. (Pedagogia)** acha que essas capacidades estão ligadas à memória, à categorização, à abstração, à forma de perceber e observar o mundo...

A **professora D.P. (Ciências Biológicas)** verbaliza que seria a forma de perceber as coisas do mundo, mas também de perceber o outro. E de perceber-se, de conhecer a si mesmo. Que seria uma aplicação do que se aprende. Mas considera que infelizmente há outros elementos que interferem nesse processo, como por exemplo a didática, a forma de utilizar os recursos didáticos, como o livro. “Falo da minha experiência, da minha vivência quando vou às escolas de Educação Básica, uma grande parte dos professores ainda não tem como foco o desenvolvimento do pensamento teórico, do pensamento reflexivo”.

A pesquisadora interpela dizendo que o nosso grande desafio enquanto formadores de professores é o de quebrar esse ciclo vicioso, transformando a formação desses professores. Verbaliza afirmando que é no repensar de nossas práticas pedagógicas e no entendimento da

contribuição das várias teorias de aprendizagem que poderemos caminhar com maior clareza. Explica que por isso propõe a discussão desse grupo focal. Neste momento a pesquisadora apresenta o texto (Anexo II) elaborado para o estudo em grupo, contextualizando os elementos teóricos utilizados, discorrendo sobre a relação teórica entre o que os autores propõem sobre a formação de conceitos e o ensino desenvolvimental.

O texto foi lido coletivamente, sendo pontuadas as ideias centrais. Um roteiro de questões foi colocado ao final do texto no intuito de nortear a discussão dessa sessão.

A primeira questão objetiva perceber por parte da pesquisadora como os professores envolvidos na pesquisa compreendem o processo de formação do pensamento teórico.

A **professora B.M. (Psicologia)** inicia a discussão colocando que é importante retomarmos o início do texto quando o autor fala que a base do processo de formação do pensamento teórico é a linguagem, diz que transpor esse pensamento por conceitos comuns para o pensamento por conceitos científicos inicia-se no diálogo, na interação professor-aluno e depois deve partir para um processo de busca pelo aluno que seria a pesquisa. Considera que o aluno deva conhecer os diversos autores, as diversas teorias sobre o assunto, para que ao longo da apreensão desses conhecimentos os alunos possam construir o seu posicionamento. “Na minha prática em sala de aula em um primeiro momento tudo é muito truncado, quando da exposição do assunto e do diálogo inicial eles até se dão bem, desde que você use uma linguagem aproximada à deles. Daí quando partimos para a pesquisa e iniciamos um processo de aprofundamento teórico é ainda dificultoso, pois os alunos não conseguem discernir o que deve ser considerado e o que não deve, eles não sabem lidar com a busca de conhecimento. E quando deparam com uma linguagem mais elaborada há uma dificuldade enorme por parte dos alunos, podemos observar que não conseguem se dedicar ao aprofundamento de determinados conceitos, é uma questão de vocabulário mesmo, que se torna crônica, tem limitações, pois parecem não conseguir transpor um patamar mais avançado de linguagem e pensamento. A aquisição de novas linguagens, ou seja, de novos conceitos parece ser de muita dificuldade ao nosso aluno”. Assim, acha que teríamos que encontrar uma forma de romper com essa questão conceitual e considera que a partir da pesquisa, do diálogo entre os alunos, do diálogo desses alunos com os próprios teóricos, poderíamos colaborar com esse processo. Porém, afirma que ainda é muito difícil trabalhar isso, pelas condições de trabalho que temos e pela condição do nosso próprio aluno. Outras questões a serem consideradas referem-se à memória e à atenção, com as quais o nosso aluno tem muita dificuldade, pois é muito

disperso. E finalizando considera que a formação do pensamento teórico se dá basicamente através do diálogo, através da troca com o outro, na busca de novos conhecimentos e depois na volta a esse diálogo. Reforça que esse não é um processo fácil nem para o aluno e nem para o professor, pois exige um domínio maior sobre os conteúdos dos próprios conceitos que estamos utilizando.

O **professor A.C. (Pedagogia)** pontua que isso exige de nós enquanto professores uma sensibilidade e uma flexibilidade no primeiro contato com o aluno, de forma que nos aproximemos da linguagem deles e aos poucos possamos trazer os novos conceitos que eles terão que adquirir de forma mais elaborada. Observa que esse é um processo lento, modificar os conceitos que tinham quando chegaram à graduação deve ser pensado de forma gradativa. Os textos dados devem ser gradativamente complexos. Coloca que às vezes um texto relativamente simples para nós aos olhos do nosso aluno parece demasiado complicado, e aí nós professores temos que esmiuçar o texto, fazê-los interpretar cada item abordado, bem lentamente. “Aproximar o nosso aluno da linguagem mais elaborada, mais acadêmica, aproximá-los de conceitos cientificamente sistematizados é um processo lento. Por exemplo, a questão dos Trabalhos de Conclusão de Curso, que às vezes são apresentados de forma simplificada, não acadêmica, que fazem com que nós professores pensemos que os anos de formação dos alunos deixaram a desejar. Sabemos que há vários elementos envolvidos aí, que resultam nisso”.

A **professora C.R. (Letras)** acha interessante observar que essa é uma experiência que todos nós já passamos. Elucida que ao falarmos de formação de pensamento teórico é preciso retomar o quanto é importante qualquer ação do professor, desde as pequenas ações adotadas em sala de aula às mais complexas. “Percebemos que ao longo do semestre o nosso aluno vai adquirindo novas formas de pensamento, adquirindo novos conceitos, novas teorias. Gradativamente podemos perceber por parte do aluno esse processo de assimilação dos conceitos e também de como utilizá-los. Pode ser que isso não se dê para todos, mas a grande maioria consegue”.

O **professor A.C. (Pedagogia)** diz que parte do princípio de que para todos acontece, porém em tempos diferentes. Cada um possui seu tempo.

A **professora L.C. (Pedagogia)** observa que às vezes há alunos que poderiam até avançar mais. E que o importante é nessa integração todos terem a possibilidade de desenvolvimento.

A **professora D.P. (Ciências Biológicas)** considera que temos também que avaliar o perfil do aluno atendido, que em sua maioria são trabalhadores. Temos que ter consciência de que há uma diferenciação quando estamos lidando com alunos de uma faculdade pública ou particular. Isso interfere na forma com que o professor irá mediar o conhecimento. E coloca o papel fundamental do professor nesse processo também como incentivador.

A **professora C.R. (Letras)** diz que por isso devemos levar em consideração toda e qualquer ação, seja ela mais simples ou não. Essa relação com o aluno é muito importante e, conforme observa, esses movimentos é que fazem com que aluno se sinta motivado.

A **professora B.M. (Psicologia)** coloca que o professor mediador deve, esteja ele onde estiver, adequar as estratégias de ensino ao público atendido.

A pesquisadora pontua que acha importante dizer que os instrumentos mediadores utilizados pelo professor são essenciais ao processo. E pergunta: e quando pensamos nas formas de ensino, e na relação com a formação do pensamento teórico, como podemos analisar a contribuição dessas formas ao desenvolvimento de novas potencialidades?

A **professora S.S. (Letras)** verbaliza que nesse sentido tem observado que trabalha uma determinada teoria com a turma, num dado momento, uma conceituação, depois vai para as questões práticas, tentando fazer com que os alunos consigam vislumbrar a aplicação dos conceitos. Como trabalha a disciplina de Fundamentos e Metodologia da Língua Portuguesa, considera importante que enquanto docentes saibam trabalhar os conceitos na prática, pois em breve estarão em sala de aula, trabalhando com os pequenos. Deste modo quando trabalha as questões práticas, volta à teoria, retomando os teóricos na busca de que os alunos reflitam e construam o como fazer, reelaborando os conhecimentos já trabalhados. Acha que dessa forma eles conseguem perceber a relação entre teoria e prática. Mas também não deixa de perceber que isso acontece de forma diferente para cada aluno, alguns em um primeiro momento já se superam, outros precisam de mais tempo. Assim, com as experiências em sala e também fora, eles conseguem aos poucos fazer essa transposição que tanto temos debatido. Acha que temos muito que pensar e melhorar nesse quesito, de que forma trabalhar essa teoria de modo a concretizar isso na prática, para que eles saibam fazer primeiro enquanto sujeitos

para depois ensinar, principalmente no caso da Língua Portuguesa. O que é um processo bastante complexo.

A **professora B.M. (Psicologia)** observa que essa aproximação deles da realidade é muito complexa e demorada. Desenvolver essa forma de pensamento não é fácil.

A **professora L.C. (Pedagogia)** diz que fazê-los transpor esse patamar é o nosso grande desafio.

A **professora Z.R. (Pedagogia)** coloca que recentemente teve uma experiência bastante interessante com a disciplina de estágio, quando da avaliação final do processo de realização de estágio onde colocou a questão da importância desse processo na formação profissional dos alunos. Diz que em um primeiro momento o que apareceram foram questões bem superficiais sobre a experiência; para que eles fizessem uma análise mais profunda da experiência voltando às teorias já estudadas, com um olhar mais científico, foi difícil. Diz que enquanto professora teve que mediar bastante até que esses alunos conseguissem fazer uma análise mais acadêmica do processo. Articular essas questões para esse aluno é ainda algo distante.

A **professora D.P. (Ciências Biológicas)** diz que tem percebido mesmo essa necessidade, pois fazer com que o aluno adquira essa nova forma de perceber a realidade, de analisar a realidade é algo hoje fundamental no processo de formação docente.

A **professora B.M. (Psicologia)** verbaliza que com isso eles ampliam a linguagem, organizam melhor o pensamento, discriminam, generalizam, fazem esse movimento de complexidade, que são características do pensamento teórico.

A **professora C.R. (Letras)** diz que sente muito quando o aluno que já atua em sala de aula está tão imerso no processo que às vezes não consegue rever esses conceitos. Segundo observa, parece que a fundamentação teórica está tão distante que a gente percebe algumas falhas que, se tivessem sido retomadas as teorias, já não existiriam.

A **professora L.C. (Pedagogia)** coloca que a força da prática às vezes está tão cristalizada que fica difícil romper com isso. Parece que a teoria não consegue fazer com que transponham essa realidade, buscando mudanças.

A **professora C.R. (Letras)** diz que é como se essa prática deles fosse totalmente distante das teorias. É como se essas teorias fossem impossíveis de serem aplicadas.

A **professora D.P. (Ciências Biológicas)** considera que as escolas também estão cristalizadas, e quando esse aluno chega nessa realidade ele se entrega a esse conformismo.

A **professora L.C. (Pedagogia)** fala que isso é bem perceptível quando se escutam os relatos que eles fazem das escolas onde realizam os estágios. Diz que os alunos chegam a dizer que a realidade é bem diferente do que as teorias colocam, é como se tudo que viram na formação fosse impossível de ser aplicado.

A **professora C.R. (Letras)** diz que parece que o que está acontecendo na escola é mais forte do que tudo que eles aprendem na graduação.

A **professora L.C. (Pedagogia)** observa: “é por isso que eles, ao prepararem uma prática de sala de aula para atuarem nas escolas, ao invés de se pautarem no que aprenderam aqui, eles se pautam mais no como o professor está trabalhando lá. Seguem o modelo daquele professor que está na escola”.

A pesquisadora pontua dizendo que nesse momento é muito importante o nosso papel enquanto mediadores, pois precisamos fazer com que esses alunos reflitam sobre essas questões trazendo outros posicionamentos.

A **professora Z.R. (Pedagogia)** fala que sente a necessidade de estarmos discutindo mais essa questão, pois a angústia em executar ações que possibilitem ao aluno novas formas de pensar a realidade circundante é primordial hoje.

A **professora S.S. (Letras)** coloca que os próprios alunos já perceberam isso. Questionam por que às vezes não se consegue articular isso. Visualizam ações bem diferenciadas no processo escolar, quando vão para o estágio veem professores que buscam fazer algo diferente, outros tentando, mas não conseguem. E até mesmo eles quando chegam com uma proposta diferenciada são também barrados pelos próprios professores regentes.

A **professora B.M. (Psicologia)** diz que esse é um movimento de mediar também, perceber essas possibilidades diferenciadas no contexto real é muito importante. Acha que isso é um ponto de mudança, a partir do momento em que percebem isso, conseguem inovar, entender novas formas de ação.

A **professora L.C. (Pedagogia)** diz que algo que a preocupa é o fato de que a maioria dos professores que atuam hoje são pedagogos, possuem formação para estar lá. Já não há mais o profissional sem formação. A grande maioria dos professores já são pedagogos ou

licenciados, ou seja, passaram por um processo de formação profissional, isso é algo preocupante. Esses profissionais também se formaram há pouco tempo.

A pesquisadora interfere dizendo que essas questões são bastante relevantes para o estudo em questão e que poderíamos pensar então na última pergunta dessa sessão que é sobre a contribuição teórica desse estudo à nossa prática docente.

A **professora B.M. (Psicologia)** considera fundamental essa discussão no que se refere ao nosso entendimento desse processo, uma vez que estamos falando da importância da linguagem, da questão dialógica, dos instrumentos mediadores e de sermos mediadores. Parece que nós ainda não conseguimos dimensionar isso. São questões a serem aprofundadas.

A **professora L.C. (Pedagogia)** verbaliza que ao selecionar as teorias que hoje consideramos como mais relevantes e mais necessárias ao fortalecimento do desenvolvimento dessa capacidade devemos ter claro que o importante é conseguir trazer esses fundamentos teóricos que nos permitam dar esse salto qualitativo que tanto estamos almejando. É preciso que encontros como o coordenado pela pesquisadora aconteçam sempre.

A **professora Z.R. (Pedagogia)** interfere dizendo que quando o texto estudado coloca a questão do estado de estar consciente, é angustiante, pois entender esse processo e propor mudanças é complicado e também frustrante às vezes quando não se consegue obter resultados favoráveis. Então também precisamos, segundo observa, aprender a lidar com isso para podermos avançar e considera que isso acontece no coletivo, nessa troca e nessa busca conjunta.

A **professora L.C. (Pedagogia)** diz que seria um pensar teórico do como se organizar nossa prática para que consigamos alcançar esses objetivos.

A **professora C.R. (Letras)** intervém: “se para vocês que têm formação em Pedagogia isso é complicado, para nós que temos a licenciatura fica mais confuso ainda. Precisamos muito pensar sobre essas estratégias de ensino”.

A **professora D.P. (Ciências Biológicas)** considera que esses grupos de estudo são extremamente importantes.

A **professora L.C. (Pedagogia)** verbaliza que tanto na escola quanto na academia ainda fazemos um trabalho muito solitário, assim precisaríamos reverter isso, tendo mais encontros como esses.

Todos verbalizam a necessidade desses momentos de troca e afirmam que os temas abordados nos grupos focais são de grande relevância e teriam que ser melhor explorados. A pesquisadora finaliza a sessão pedindo que o grupo se manifeste sobre a experiência vivida nos encontros.

Todos consideraram importante e muito válido o GF, pois puderam aprender e discutir sobre temas que fazem parte do dia-a-dia do professor. Os encontros ajudaram a despertar novos questionamentos que os professores consideram fundamentais à prática docente e gostariam muito de poder continuar essa prática. Após essa manifestação, a pesquisadora agradece a colaboração e a participação de todos.